



**Infoproletário:** um update na identidade do professor historiador a partir da atuação profissional na plataforma *Instagram* (2020-2022)

VIVIANE CRISTINE PEREIRA NUNES  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS  
LINHA DE PESQUISA: II ESPAÇOS DE MEMÓRIA, CULTURA MATERIAL & USOS  
PÚBLICOS DO PASSADO

**Infoproletário:** um update na identidade do professor historiador a partir da atuação profissional na plataforma *Instagram* (2020-2022)

VIVIANE CRISTINE PEREIRA NUNES

NATAL  
2025

VIVIANE CRISTINE PEREIRA NUNES

**Infoproletário:** um update na identidade do professor historiador a partir da atuação profissional na plataforma *Instagram* (2020-2022)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa II - Espaços de memória, cultura material & usos públicos do passado, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do(a) Profa. Dra. Fabíula Sevilha de Souza.

NATAL  
2025

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -  
CCHLA

Nunes, Viviane Cristine Pereira.

Infoproletário : um update na identidade do professor historiador a partir da atuação profissional na plataforma Instagram (2020-2022) / Viviane Cristine Pereira Nunes. - Natal, 2025.

167 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História e Espaços. Natal, RN, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Fabiula Sevilha de Souza.

1. Atuação Profissional. 2. Identidade Profissional. 3. Espaço da Plataforma. 4. Capitalismo de Plataforma. 5. Plataformização. 6. Instagram. I. Souza, Fabiula Sevilha de. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:37

VIVIANE CRISTINE PEREIRA NUNES

**Infoproletário:** um update na identidade do professor historiador a partir da atuação profissional na plataforma *Instagram* (2020-2022)

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Fabíula Sevilha de Souza - Orientadora

---

Prof. Dr. Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior - Avaliador Interno

---

Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi - Avaliador Externo

---

Prof. Dr. Pedro Telles da Silveira - Avaliador Externo

Natal, setembro de 2025

*À Maria de Lourdes Pereira, minha mãe, que por nunca poder parar, fez de mim uma imparável; e ao Lucas Giacomelli Nunes, que veio ao mundo como meu sobrinho, mas que tenho como filho. Amo vocês profundamente, com toda a força do meu coração.*

## AGRADECIMENTOS

Parece irônico deixar para o fim deste trabalho os agradecimentos a todas as pessoas que me possibilitaram chegar até aqui, desde o primeiro passo. Apesar da ironia, encaro esse último degrau com um sentimento forte de gratidão e a certeza de que ninguém conquista nada sozinho. Apesar das dificuldades, ter muitos nomes em mente neste momento é a minha maior vitória. Viver grandes momentos sozinho deve ter um gosto muito amargo. Felizmente, este não é o meu caso. Sempre estive cercada de pessoas que acreditaram em mim e me incentivaram a seguir diante dos desafios que enfrentei durante a minha vida. E é a todos aqueles e aquelas que fizeram parte da jornada deste mestrado que me dirijo agora.

Não poderia iniciar este momento sem agradecer aos seres da espiritualidade que me guiam e protegem durante essa travessia em solo terreno. Deus, Maria Santíssima, São Jorge, anjos, santos e entes queridos que se foram certamente agem em conjunto para me proteger e fortalecer todos os dias. Sem a crença de que há algo maior cuidando de tudo seria muito difícil seguir.

À Maria de Lourdes Pereira, minha mãe, que me apoiou incondicionalmente desde o momento em que descobriu a minha vinda ao mundo, optando pelo meu nascimento. Mamãe é uma mulher humilde, mas muito curiosa, perspicaz e inteligente. Também muito cheia de si e consciente de todas as suas qualidades, várias características que eu, felizmente, “puxei a ela”. Apesar de sequer ter concluído o Ensino Médio, minha mãe é a professora que todos os dias me ensina o mais importante: o amor, a gentileza e a fé. Sem ela, este trabalho não existiria. É por poder comemorar essa vitória com ela e usufruir do que isso nos possibilitará no futuro que eu sigo firme todos os dias. Me tornar mestre será importante, mas o meu maior título será para sempre o de ser a filha de Lourdinha.

Faço uma menção extraordinária ao meu pai, José Silvano Nunes (*in memoriam*), cujo falecimento se deu em meio ao desenvolvimento deste trabalho. Apesar das ausências em vida, durante os seus últimos meses na terra o meu pai escolheu se abrir ao mundo e expressar um pouco do que sentia pelas pessoas. Em relação a mim, deixou claro o quanto tinha orgulho da mulher que me tornei, como pessoa e como profissional. Como herança, guardei a última frase que lhe ouvi falar em vida, um dia antes de sua partida, e a utilizo como um mantra sempre que as coisas ficam difíceis: “está tudo sob controle.”

À Maria Clara Oliveira Araújo e Gabriela Gomes Frossard, a família que o universo me deu e que eu escolho ter, por todo apoio, escuta, incentivo e auxílio no processo de escrita

desta dissertação. As opiniões de vocês duas foram muito importantes, mas o amor e a sensação de porto seguro que tenho são ainda mais fundamentais. Obrigada por todos os atos de serviço que me possibilitaram chegar até aqui. Dividir a vida com pessoas como vocês faz todo fardo ser mais leve. Não existem palavras que sejam capazes de representar a gratidão que sinto por viver essa vida em suas companhias.

À Lany Soares, Luiz Gabriel Dantas e Amélie Bracchi, que comigo compõem a “Dinastia Silva”, pela amizade e cumplicidade que duram mais de uma década. Das tantas amizades e afetos que trouxe do ensino médio, sei que vocês permanecerão por toda a minha vida. Sou profundamente grata por todos os nossos encontros, sorrisos e memórias. Estar junto a vocês em momentos difíceis constantemente me incentivou a seguir firme, porque em nenhum momento esqueci que “nós somos boas!”.

À Fabiana dos Santos Cunha Dantas Demétrio, presença fundamental no *background* dessa pesquisa. Uma artista silenciosa, que ao desvelar e explorar os esquemas do meu inconsciente me auxilia a crescer, amadurecer e enfrentar com coragem todos os meus medos.

Aos meus alunos, virtuais e presenciais, que tornam possível a realização diária de um dos meus maiores sonhos. Não existiria a Viviane professora sem eles, com quem aprendo muito mais do que ensino. Apesar das dificuldades, sou plenamente realizada com a minha profissão, pois enxergo que assim posso fazer uma contribuição significativa para a sociedade e para a vida dos meus amados alunos. A vocês, que me tornaram infoprofessora e professora, o meu muito obrigada.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRN, especialmente os professores que estiveram à frente das disciplinas que cursei, por acolher com entusiasmo a proposta do meu trabalho e pelos valiosíssimos conselhos fornecidos neste processo. Agradeço também a Luann Alves, secretário do PPGH, por todo auxílio dado nas questões burocráticas - que não foram poucas.

Aos amigos do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN, especialmente Allyson Afonso, Hannah Cabral, Maria Clara Barbalho, Remo Santos, Talita Alves, Yasmin Azevedo e Alaíde Ribeiro. Meus queridos, muito obrigada por todas as vezes em que compartilhamos as nossas angústias acadêmicas nos últimos anos. Esse processo exaustivo fitaria o impossível sem as nossas conversas e os seus ombros amigos. Agradeço especialmente pelas risadas e por todas as palavras - etílicas ou não - de carinho e incentivo.

Aos membros da minha banca de qualificação, à professora Dra. Anita Lucchesi, professor Dr. Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior, professor Dr. Magno Francisco de Jesus Santos e professor Dr. Pedro Telles da Silveira, pela disponibilidade e

gentileza no aceite para compor a banca avaliadora e proporcionar o momento mais importante para a confecção deste trabalho. Os apontamentos e as contribuições desta ocasião enriqueceram muito a minha compreensão sobre o tema, bem como elucidaram os caminhos que naturalmente segui, mas não consegui perceber sozinha. Sou uma grande admiradora do trabalho desenvolvido por vocês e espero poder contar com as suas valiosíssimas contribuições em outras oportunidades.

À professora Dra. Juliana Teixeira Souza, por todas as oportunidades que tive de aprender contigo em sala de aula, no PIBID e no EPPS. Professora, talvez você não tenha noção da dimensão que as suas ações possuem na vida dos estudantes que atravessam seus caminhos. Foi uma conversa com você, durante a pandemia, que me motivou a não desistir de tentar o caminho da pesquisa e seguir a minha formação em uma pós-graduação. Obrigada pelas horas ofertadas, pelo acolhimento e pelo sorriso largo sempre que nos encontramos. Você fez a diferença na minha vida pessoal e acadêmica. Espero poder ser para os meus alunos o que você é para mim.

Ao professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que nos gestos cotidianos me inspirou a buscar compreender os meus alunos como gente. Foi naquela primeira semana de aula, ainda em 2017, início da minha graduação, que encontrei um dos mais importantes espelhos profissionais e o princípio fundamental da minha filosofia de trabalho. Sua mente brilhante é surpreendente, mas não chega aos pés da doçura e gentileza que você emana. Obrigada por me ensinar que é possível educar com afeto.

À minha orientadora, a professora Dra. Fabíula Sevilha de Souza, reservei o agradecimento final. Embora constantemente os orientadores sejam alvos de fortes críticas e, por vezes, responsáveis pelo adoecimento ou desencanto dos orientandos com suas jornadas na pós-graduação, felizmente o meu caso seguiu o caminho inverso. Não foi fácil equilibrar as exigências da pós com as atuações profissionais e questões pessoais que atravessaram minha vida nos últimos anos. Contar com uma orientadora tão empática fez a diferença para que eu não me tornasse mais uma nas estatísticas de evasão. Fabi, sou muito grata pela sua parceria e apoio neste trabalho. Muito mais que uma orientadora, encontrei em você acolhimento, compreensão e escuta nos momentos difíceis, apesar do nosso pouco contato antes da pós-graduação. Você comprou a ideia do trabalho, forneceu bibliografias importantes, sofreu comigo a agonia da busca pelo conceito de espaço, apoiou as minhas decisões e tornou cada momento de avaliação leve e produtivo. Espero, um dia, me tornar uma profissional incrível como você, capaz de equilibrar uma competência irrepreensível no trabalho com uma vida

saudável e plena no mundo “lá fora”. Minha admiração por você só cresceu nesse processo, e espero tê-la comigo novamente nos meus próximos passos acadêmicos.

Por fim, para todos aqueles que o meu descuido infelizmente me fez esquecer de mencionar nominalmente, o meu muito obrigada.

*Você não sabe o quanto eu caminhei  
Pra chegar até aqui  
Percorri milhas e milhas antes de dormir  
Eu nem cochilei  
Os mais belos montes escalei  
Nas noites escuras de frio chorei  
(Cidade Negra)*

## RESUMO

O século XXI tem proporcionado aos historiadores novos desafios relacionados às suas atuações profissionais. Na era da Inteligência Artificial, nos vemos cada vez mais cobrados a acompanhar as mudanças e a reconfigurar nossas práticas, sob pena de sermos nós os próximos condenados à obsolescência. Entre os anos de 2020 e 2022, a migração do nosso trabalho para os ambientes digitais, sobretudo nas plataformas, foi acelerada em virtude da crise sanitária proporcionada pela Pandemia de COVID-19, catalisando as transformações nos nossos métodos de comunicar e compartilhar conhecimento histórico. No espaço da plataforma, nos vimos obrigados a atuar de acordo com as premissas do capitalismo de plataforma, inserindo-nos também no processo de plataformização. Esta pesquisa, portanto, analisa como os historiadores formados pela UFRN reinventam suas práticas profissionais no *Instagram* diante dos desafios impostos pelo capitalismo de plataforma e pela precarização do trabalho no mundo pós-digital. Para isso, utilizo a metodologia de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977) e Atitude de Presença de Bruno Leal Pastor de Carvalho (2016), além das categorias conceituais de plataformização (Poell, Nieborg e Van Dijck, 2020), capitalismo de plataforma (Srnicek, 2016) e espaço da plataforma (Srnicek, 2016).

**Palavras chave:** Atuação Profissional; Identidade Profissional; Espaço da Plataforma; Capitalismo de Plataforma; Plataformização; Instagram.

## ABSTRACT

The twenty-first century has posed new challenges to historians regarding their professional practices. In the age of Artificial Intelligence, historians face increasing pressure to adapt to technological transformations and reconfigure their practices, under the risk of becoming obsolete. Between 2020 and 2022, the COVID-19 pandemic accelerated the migration of academic work to digital environments, especially platforms, catalyzing significant changes in the ways historical knowledge is communicated and shared. Within the platform space, historians were compelled to operate under the premises of platform capitalism, thus becoming part of the broader process of platformization. This research analyzes how historians trained at the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) reinvent their professional practices on Instagram, facing the challenges imposed by platform capitalism and the precarization of labor in the post-digital world. Methodologically, it draws on Laurence Bardin's Content Analysis (1977) and Bruno Leal Pastor de Carvalho's concept of Attitude of Presence (2016), as well as the conceptual categories of platformization (Poell, Nieborg & Van Dijck, 2020), platform capitalism (Srnicek, 2016), and platform space (Srnicek, 2016).

**Keywords:** Professional Practice; Professional Identity; Platform Space; Platform Capitalism; Plataformization; Instagram.

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

Associação Nacional de História (ANPUH)

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)

Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB)

Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)

Projeto Pedagógico de Curso (PPC)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição de gênero na faixa etária de 26-33 anos

Gráfico 2 - Modalidade de atuação profissional na faixa etária de 26-33 anos

Gráfico 3 - Razões para não atuação na área de formação na faixa etária de 26-33 anos

Gráfico 4 - Ano de conclusão do curso na faixa etária de 26-33 anos

Gráfico 5 - Uso do *Instagram* com finalidades profissionais na faixa etária de 26-33 anos

Gráfico 6 - Motivações para uso do *Instagram* com finalidades profissionais na faixa etária de 26-33 anos

Gráfico 7 - Motivações para não utilização do *Instagram* com finalidades profissionais na faixa etária de 26-33 anos

Gráfico 8 - Motivações para a escolha do *Instagram* como rede social profissional pela faixa etária de 26-33 anos

Gráfico 9 - Objetivos no uso do *Instagram* como rede social profissional pela faixa etária de 26-33 anos

Gráfico 10 - Efetividade da formação inicial oferecida pela UFRN no uso do *ciberespaço* de acordo com a percepção da faixa etária de 26-33 anos

Gráfico 11- Razões pelas quais os respondentes da faixa etária de 26-33 anos acreditam que o curso de História não lhes formou de maneira adequada para lidar com o uso do *ciberespaço* com finalidades profissionais.

Gráfico 12 - Razões elencadas pela faixa etária de 26-33 anos para justificar como a formação oferecida pela UFRN lhes auxiliou a utilizar o *ciberespaço* com finalidades profissionais.

Gráfico 13 - Percepção do impacto da pandemia de COVID-19 no cotidiano laboral da faixa etária de 26-33 anos.

Gráfico 14 - Impactos da pandemia na atividade docente de acordo com a percepção da faixa etária de 26-33 anos

## LISTA DE TABELAS

- Tabela 1- Eixos e informações levantadas a partir do questionário elaborado
- Tabela 2 - Ano de formação dos egressos que responderam o questionário
- Tabela 3 - Critérios de análise dos *profgrams* em relação ao conteúdo
- Tabela 4 - Operacionalização das categorias do marketing digital
- Tabela 5 - Critérios de análise dos *profgrams* em relação à atitude de presença
- Tabela 6 - Análise de atitude de presença do perfil @prof.henriquelucena
- Tabela 7 - Análise de atitude de presença do perfil @procoronelcosta
- Tabela 8 - Análise de atitude de presença do perfil @comgraciano
- Tabela 9 - Análise de atitude de presença do perfil @moraldahistoriacanal

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Print Screen do perfil do Instagram do criador Henrique Lucena (@prof.henriquelucena)
- Figura 2 - Print Screen da página acessada por meio do link disponibilizado pelo Instagram do criador Henrique Lucena (@prof.henriquelucena)
- Figura 3 - Fotografia que apresenta Henrique Lucena em meio a gravação de aulas online
- Figura 4 - Fotografia de Henrique Lucena em ambiente de gravações
- Figura 5 - Legenda de publicação realizada por Henrique Lucena em 18/06/2021
- Figura 6 - *Reels* de divulgação de evento do Estúdio Br
- Figura 7 - Print Screen do perfil do Instagram do criador Matheus Costa (@profcoronelcosta)
- Figura 8 - Print Screen da página acessada por meio do link disponibilizado pelo Instagram do criador Matheus Costa (@profcoronelcosta)
- Figura 9 - Imagem de divulgação do Podcast De frente e sem papel
- Figura 10 - Imagem de divulgação de entrevistas concedidas por Matheus Costa
- Figura 11 - Fotografia de Matheus Costa em um ambiente de transmissões ao vivo
- Figura 12 - Print Screen do perfil do Instagram do criador Gabriel Graciano (@comgraciano)
- Figura 13 - Print Screen do perfil do infoproduto descomplicando 2024
- Figura 14 - Print Screen de comentários em publicação de @comgraciano datada de 03/04/2020
- Figura 15 - Print Screen de comentários em publicação de @comgraciano datada de 24/07/2020
- Figura 16 - Print Screen de legenda em publicação de @comgraciano datada de 10/12/2020
- Figura 17 - Print Screen do perfil do Instagram @moraldahistoriacanal
- Figura 18 - Print Screen de publicação do Instagram @moraldahistoriacanal datada de 19/06/2021
- Figura 19 - Print Screen de publicação do Instagram @moraldahistoriacanal datada de 23/03/2021
- Figura 20 - Print Screen de publicação do Instagram @moraldahistoriacanal datada de 25/05/2021

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1: NOVAS TERRITORIALIDADES DIGITAIS	32
<b>1.1 A História entre fluxos e fixos</b>	<b>32</b>
<b>1.2 Mapeando experiências: análise do formulário aplicado aos egressos do curso de História da UFRN</b>	<b>43</b>
<b>1.3 Versões e atualizações: análise dos dados da faixa etária de 26 a 33 anos</b>	<b>50</b>
CAPÍTULO 2: A REINVENÇÃO DO HISTORIADOR DIANTE DOS NOVOS MODELOS DE EXPLORAÇÃO NO MUNDO PÓS-DIGITAL	74
<b>2.1 Novas cartografias do trabalho docente: da exploração tradicional à virtualização das relações laborais</b>	<b>74</b>
<b>2.2 Entre o real e o virtual: exploração que supera fronteiras</b>	<b>79</b>
<b>2.3 O historiador em meio ao privilégio da servidão</b>	<b>90</b>
CAPÍTULO 3 - AS IDENTIDADES LABORAIS DO HISTORIADOR DO SÉCULO XXI	102
<b>3.1 Trabalhador brasileiro</b>	<b>102</b>
<b>3.2 Infoproletários</b>	<b>106</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157

## INTRODUÇÃO

Não quero lhes falar, queridos leitores, das coisas que aprendi nos livros. Assim como Belchior, quero contar o que vivi e o que aconteceu comigo nesta curta – mas intensa – jornada como historiadora no século XXI, este tempo marcado por desafios que constantemente se atualizam e renovam.

Talvez seja esta a maior característica desses novos tempos. Aquilo que Mateus Pereira e Valdeci Araújo (2016) definem como atualismo, um efeito da temporalização veloz que transforma passado e futuro em meras atualizações do presente. Assim, pouco a pouco, vemos o tempo diluir-se em meio ao caráter instantâneo de um presente que se transforma em uma velocidade sem precedentes.

Nesse sentido, ousou afirmar que este trabalho flerta com uma egohistória – ainda que em suas concepções iniciais não tenha nascido com esta finalidade. Pretendo, aqui, utilizar as minhas experiências como infoprofessora para refletir sobre questões relacionadas à inserção do historiador no mercado de trabalho, os desafios inerentes às novas configurações trabalhistas no século XXI e o papel da universidade neste processo. Busco, também, analisar como a experiência da Pandemia de COVID-19 afetou a virtualização da profissão do historiador, acelerando uma busca pelas plataformas como espaços de exercício do "*hope labor*", o trabalho da esperança, em meio ao desemprego e ao agravamento da precarização do nosso ofício.

Esta dissertação, no entanto, não foi escrita apenas por mim, hoje. O que temos neste documento é o produto das vivências de versões e atualizações minhas, que desde os 16 anos passaram a ter uma relação diferente com a História mediante a primeira experiência com a Olimpíada Nacional em História do Brasil, a ONHB.

Do início desta investigação até este momento final, reconfigurei-me algumas vezes. A Viviane que em 2023 iniciou esta pós-graduação recém-formada, desempregada e com poucas perspectivas de ascensão profissional encontrou o sinal fechado para ela, que era jovem demais. Nas plataformas, encantou-se com uma nova oportunidade. E, naquele momento, aquele lugar com cheiro de nova estação parecia a luz no fim do túnel.

Hoje, professora com três vínculos empregatícios, aproximadamente 30h semanais de carga horária formalizada e algumas outras dezenas de horas dedicadas ao trabalho infoprofissional como mentora de olimpíadas do conhecimento na área de humanidades,

aprendi que as soluções que se apresentam magicamente em momentos de desespero podem ser, se não utilizadas de maneira crítica e racional, armadilhas exploratórias virtualizadas nas mãos das grandes empresas de tecnologia.

Assim, para além dos novos fios de cabelos brancos e dos primeiros sinais da passagem do tempo no rosto, estas experiências transformaram a maneira pela qual enxergo as relações de trabalho e emprego que vivo enquanto uma historiadora que atua tanto nas salas de aulas físicas quanto nas virtuais. Além disso, me motivaram a investigar e refletir sobre o modo com que minhas vivências se entrelaçam com uma realidade maior, percebendo-me não mais como sujeito isolado, mas integrante de uma nova configuração laboral que se apresenta como um desafio hercúleo para os historiadores que se formam e atuam no tempo presente.

Durante mesa redonda realizada no X Encontro Estadual de História da ANPUH-RN, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior realizou uma fala acerca da temática central do evento: o ofício do(a) historiador(a) e os desafios da contemporaneidade. Nesta oportunidade, Albuquerque Jr. proferiu um discurso sensível, em que reiterou que o pensamento e a produção de conhecimento são resultados do atravessamento do mundo em nossas carnes (Albuquerque Jr, 2024).

Fazemos História com o nosso corpo, e aquilo que produzimos é resultado das memórias e experiências da nossa trajetória não somente acadêmica, mas também pessoal. Aqui, tal como o professor Durval Muniz, acredito que a História é uma ciência cinestésica, feita e refeita a partir daquilo que nos faz sentir e nos dá sentido. As milhas que percorri até aqui, como outrora mencionei, foram determinantes para as escolhas que fiz durante a minha graduação, culminando na seleção do tema desta dissertação.

Por isso, ao longo deste trabalho, é possível encontrar referências a algumas músicas relacionadas ao fio condutor escolhido e também recurso portador de sentido para mim. As músicas moldaram a minha forma de olhar, sentir e ouvir o mundo. Atravessaram-me e, portanto, são partes indissociáveis da minha travessia desde a primeira canção de ninar. Seria inevitável recorrer a elas como auxílio na elaboração de relações e reflexões sobre a profissão que escolhi e o campo que pesquiso, considerando que são partes fundamentais na construção da minha identidade enquanto historiadora e ser humano.

Durante o Ensino Médio, após significativas experiências vividas nos quatro anos em que participei da ONHB, senti que as correntes dos mares de incertezas relativos ao futuro me guiavam para a licenciatura em História. Uma olimpíada *online*, que aproxima o conhecimento acadêmico do chão da sala de aula, foi a responsável por me conduzir até aqui.

A História pela qual me apaixonei foi a História Pública, ainda que na época eu não tivesse ciência disso.

Na graduação, participei de projetos de ensino como o Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), projetos de extensão como o Cursinho do DCE e realizei pesquisas de Iniciação Científica voltadas à área de Ensino de História no *Grupo de Pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais* (EPPS-UFRN). Nas pesquisas, averigui como os cursos de graduação oferecidos pelos centros da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) estavam lidando com a ideia de progressão do conhecimento (Caimi, 2019 e Freitas, 2014), bem como *se* e de que maneira estavam refletindo sobre as temáticas de ensino e aprendizagem. Essa experiência despertou meu interesse por investigar o alinhamento do ensino oferecido pela universidade com demandas do tempo presente, o que culminou alguns anos depois em uma curiosidade acerca da formação acadêmica recebida por mim no curso de licenciatura em História.

No advento da pandemia de COVID-19, a partir do ano de 2020, me vi distante de um dos lugares que mais me faz feliz, a sala de aula. Devido à necessidade de distanciamento social, estar longe das salas de aula e dos meus alunos provocou um impacto negativo na minha saúde mental e dificultou ainda mais o meu processo de lidar com “o novo normal” vivenciado por toda a população em um passado não tão distante. Foi nessa conjuntura que, pela primeira vez, lancei-me neste oceano de possibilidades virtuais mesmo sem sequer saber nadar.

Vi nas mentorias online para a ONHB uma oportunidade de me manter em atividade com algo que me fazia bem e que poderia ajudar centenas de alunos e professores do Brasil todo. Assim comecei a minha carreira de infoprofessora, abrindo salas virtuais no *google meet* para debater os temas e questões da Olimpíada de História e, por consequência, conseguir alguma visibilidade que pudesse me auxiliar no acesso ao mercado de trabalho da rede privada de ensino quando finalizasse a graduação.

Experimentar as plataformas como um espaço de prática profissional me faz lembrar de “Vivendo e Aprendendo a Jogar”, interpretada pela saudosa Elis Regina<sup>1</sup>. Parafraseando a canção, vivi e aprendi a jogar profissionalmente nas plataformas de maneira aventureira, “nem sempre ganhando, nem sempre perdendo, mas, aprendendo a jogar”. Foi na prática, através de tentativas, erros e acertos, que fui aprendendo a ocupar o mundo virtual para estes fins.

---

<sup>1</sup> Verso da música “Vivendo e Aprendendo a Jogar” de autoria de Ivan Lins e interpretada por Elis Regina. *Ivan Lins, Meu Mundo e Tudo Mais, Sony Music Entertainment, 1990.*

Nesta minha experiência como professora e infoprofessora, enfrentei “as dores e as delícias”<sup>2</sup> de ser quem eu era e fazer o que eu fazia. Não tardou para que uma onda de críticas, ou, na linguagem das redes, *hates*, começasse a surgir. E de onde eu menos esperava: colegas de profissão que viam com maus olhos a atuação profissional de uma historiadora, - no meu caso, em formação - , em um nicho tão alinhado aos princípios neoliberais como o mercado educacional digital. Há, no discurso de muitos, uma ligação nítida entre atuar profissionalmente nas plataformas digitais e “se vender” ao capital. Essa indignação, costumeiramente, não assume a mesma intensidade quando encontramos colegas mudando de profissão ou buscando fontes diversas de renda. O desemprego, a falta de reconhecimento ou a má remuneração, que infelizmente são a realidade da maioria dos formados em História no Brasil, não parece ter o mesmo peso de uma atuação profissional nas plataformas.

Para além do uso profissional, até mesmo o uso recreativo das redes sociais passou a chamar a minha atenção e a contribuir para a intensificação das minhas inquietações relativas ao mundo virtual e aos discursos que por lá circulam. Desde que iniciei minha formação como historiadora, tornou-se impossível enxergar o mundo com os mesmos olhos, sem problematizá-lo e refletir sobre os fenômenos que nele acontecem.

Assim, durante a pandemia, observei um aumento no surgimento de perfis no *Instagram* de alunos do curso online de filosofia do “professor” Olavo de Carvalho. Estes perfis constantemente compartilhavam conteúdos de caráter conservador, negacionista e revisionista, destituídos, na maioria das vezes, de métodos científicos para análise das fontes e construção das narrativas. Quando, porventura, havia alguma análise, esta era feita de maneira distorcida, manipulando as fontes para que se adequassem à narrativa que melhor lhes convinha. Alguns destes, como o marqueteiro Ícaro de Carvalho, participaram da fundação da empresa audiovisual Brasil Paralelo, cujos materiais amplamente difundidos nas redes sociais por meio de anúncios alcançam os nossos alunos e chegam até as nossas salas de aula.

Observar a ascensão de um discurso tão perigoso para o futuro da nossa profissão, da nossa ciência e da democracia, e a apatia ou impotência de parte da nossa classe, que sequer sabe das nuances relacionadas a atuar nesse espaço, abriu meus olhos para a importância da função social do que fazemos e para a necessidade latente de refletir e agir sobre essa questão.

Em contrapartida, percebi também que havia um movimento de historiadoras como Anelize Vergara e Clara Marques Souza em relação a uma ocupação combativa e propositiva neste espaço. As duas criadoras de conteúdo produzem em plataformas como *Instagram*,

---

<sup>2</sup> Verso da música “Dom de Iludir” de autoria de Caetano Veloso. *Caetano Veloso, Totalmente Demais, Universal Music Ltda, 1986.*

*YouTube* e *Telegram* conteúdos que contemplam tanto professores recém-formados, que buscam se inserir no mercado de trabalho, quanto docentes que já estão no mercado e buscam melhores oportunidades. Além disso, apresentam as plataformas como alternativa para a desvalorização social e financeira da nossa profissão. A partir do trabalho de Anelize Vergara e Clara Marques, assim como de outras colegas criadoras de conteúdo, compreendi a urgência de estar presente neste espaço e realizar um combate em prol de uma História crítica, que emancipe os nossos alunos e tenha compromisso com as fontes e o método histórico.

Hoje, no entanto, entendo que para além das oportunidades de inserção de profissionais à margem do mercado de trabalho, as plataformas se constituem como o patronato na era da pós-verdade, explorando os produtores de conteúdo e os usuários de maneira túrbida. Não digo, com isso, que a minha opinião sobre esses espaços como possibilidades para a atuação profissional mudou. Tanto é que, apesar dos vínculos formais que possuo, permaneço, do jeito que posso, atuando também nas plataformas.

No entanto, a investigação que culminou nesta dissertação, permeada por muitas leituras e intensos processos de reflexão, transformou a minha visão e ampliou meus horizontes para compreender o surgimento de novas formas de exploração dos trabalhadores ocasionadas pelo fenômeno da plataformização. Ao trabalhar ali, como outros, eu também estou sendo explorada.

A minha visão sobre o assunto, no entanto, nem de longe é uníssona. Ainda durante a pandemia de COVID-19, na rede social *X*, antigo *Twitter*, acompanhei múltiplas discussões, algumas protagonizadas por colegas do curso de História da UFRN, sobre o tema. Nos *tweets*, a visão apresentada era a de que, aparentemente, só era visto socialmente como bom professor quem produzia algum conteúdo na *internet*, cobrança essa que advinha do mercado de trabalho privado e afetava diretamente aqueles que não se sentiam à vontade ou simplesmente não queriam utilizar as plataformas com esta finalidade.

Essas opiniões tão dissonantes de pessoas que se formaram em um período próximo ao meu, e com quem cursei algumas disciplinas e participei de projetos na universidade, me inquietaram ainda mais. Se os meus contemporâneos tinham essa visão, me questionei se eu não era apenas uma dissidente e passei a nutrir o desejo de investigar de maneira mais ampla o que os meus colegas pensavam sobre esta questão.

Foi a partir dessa trajetória, marcada por muitas incertezas e inquietações, que o tema desta pesquisa se delineou. A partir das opiniões diametralmente diferentes com as quais tive contato a partir do ano de 2020, tanto de amigos próximos quanto de colegas de profissão

desconhecidos, iniciou-se um processo de autorreflexão que culminou no interesse de historicizar um problema que está diante de mim e do qual intrinsecamente faço parte.

Assim, me vi imersa em algumas questões: será que, de alguma maneira, a atuação nas plataformas para a profissão do historiador era algo danoso, que a médio prazo poderia impactar negativamente o nosso ofício? A minha visão sobre o tema foi influenciada pela formação que recebi na universidade ou pelo que vivenciei? Como os colegas que foram formados na mesma universidade que eu, em períodos próximos, enxergam essa discussão? A formação oferecida pela UFRN auxiliou ou poderia ter auxiliado de alguma maneira o uso eficiente de uma ferramenta com tanto potencial quanto as plataformas? Ela deveria ter feito isso e, conseqüentemente, contribuído para a formação de uma mão de obra a ser explorada pelas *big techs*? Como a UFRN, enquanto uma universidade dependente de recursos públicos, pode oferecer aos seus alunos uma formação capaz de fazer frente à abundância de recursos das grandes empresas de tecnologia? Esses foram alguns dos incômodos acadêmicos que originaram o meu interesse em pesquisar e desenvolver uma dissertação sobre este tema.

Minhas intenções nesta dissertação têm como núcleo comum as inquietações acima citadas, incômodos acadêmicos que deram origem ao seguinte problema de pesquisa: como os historiadores formados pela UFRN reinventam suas práticas profissionais no *Instagram* diante dos desafios impostos pelo capitalismo de plataforma e pela precarização do trabalho no mundo pós-digital?

Além disso, tenho como objetivos específicos mapear como os historiadores formados pela UFRN percebem a relação entre sua formação acadêmica e as demandas contemporâneas de atuação nas plataformas digitais; Analisar as transformações nas relações de trabalho e emprego que atravessam a atuação do historiador na contemporaneidade, à luz de conceitos como plataformização, capitalismo de plataforma e colonialismo digital; Examinar de que maneira os historiadores formados pela UFRN constroem estratégias de presença e identidade profissional nas plataformas digitais, com ênfase no *Instagram*. Considerando o recorte temporal desta investigação, busco também analisar como a pandemia de COVID-19 funcionou como catalisador das reconfigurações do trabalho e da identidade profissional de historiadores formados pela UFRN, influenciando suas estratégias de presença e motivando-os ou não a atuar no ambiente digital do *Instagram*.

No projeto desenvolvido para a seleção do Mestrado, minha ideia era utilizar três conjuntos de fontes para realizar a investigação do tema: os formulários analisados neste capítulo, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e as ementas das disciplinas do curso de História das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e, por fim, entrevistas com historiadores

formados pela UFRN que utilizam o *Instagram* com finalidades profissionais. No entanto, mediante o desenvolvimento do projeto e a aplicação do formulário, percebi que depender da disponibilidade de participação das pessoas atrasaria e atrapalharia o andamento da pesquisa, me gerando alguns problemas. Diante disso, em conversa com a minha orientadora, a professora Dra. Fabíula Sevilha, defini algumas mudanças de rota para este trabalho.

Inicialmente, decidi trocar as entrevistas que serviriam como fontes para o capítulo três pela análise das publicações de perfis de *Instagram* de egressos do curso de História da UFRN. A seleção foi realizada considerando aqueles que utilizam a plataforma com finalidades profissionais e foi motivada pela dificuldade em obter respostas para o formulário. Em um segundo momento, após o exame de qualificação, decidimos transformar o capítulo dois. As considerações realizadas pela banca ampliaram meus horizontes e me auxiliaram a perceber que o trabalho estava se enveredando por outro caminho, de forma que não faria mais sentido manter a análise dos PPCs e ementas dos cursos de História. Por isso, escolhi realizar um capítulo dois mais teórico, discutindo a transformação de conceitos relacionados ao labor em virtude do avanço da plataformização.

Diante disso, as fontes principais deste trabalho passaram a ser os formulários aplicados aos egressos (capítulo 1) e os conteúdos produzidos pelos historiadores formados pela UFRN no *Instagram* (capítulo 3), atravessados por uma revisão conceitual crítica realizada no capítulo 2. Assim, após identificar as mudanças nas relações de trabalho através do primeiro conjunto de fontes, refleti sobre essas transformações conceitualmente e investiguei como essas reconfigurações têm impactado a atuação desses profissionais na plataforma do *Instagram*.

Para analisar as respostas do formulário utilizo a metodologia de análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), buscando compreender nos documentos mensagens implícitas e explícitas sobre o tema. Dito isto, a metodologia utilizada subsidiará diferentes fases de trabalho e ferramentas para análise, cuja variação acontecerá de acordo com o texto trabalhado e com os objetivos propostos pelo uso do método. As fontes serão submetidas às três etapas preconizadas pela autora, sendo estas a pré análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, juntamente com a inferência e a interpretação destes.

Adotei essa metodologia por entender que todo texto carrega consigo as marcas do seu produtor. Nesse sentido, os aspectos que constituem a individualidade de cada sujeito influenciam diretamente o tipo de discurso e conteúdo que será produzido por ele. Isso me deu a possibilidade de entender, por exemplo, que as opiniões e experiências descritas pelos respondentes dos questionários eram dissonantes, muitas vezes influenciadas por fatores

como faixa etária, modalidade de ensino em que atuam (rede pública, rede privada ou ambos), afinidade com o novo espaço e as habilidades solicitadas para um uso eficiente deste.

Em relação às publicações realizadas no *Instagram*, adotei como metodologia complementar de análise a *atitude de presença*, conceituada por Bruno Leal Pastor de Carvalho como a “capacidade de ocupar estrategicamente uma rede social, tornando-se seu protagonista, ponto de referência e irradiador de informações e debates, sujeito-autor capaz de propor temas e de gerar o engajamento de outros usuários” (Carvalho, 2016, p.45). Nesse sentido, o autor estabelece critérios importantes para avaliar a experiência de atuação nas redes sociais, como a elaboração de projeto, formação de equipe, conhecimento técnico, pesquisa digital e gestão de rede.

Outra questão que atravessou boa parte da elaboração deste trabalho diz respeito à categoria espacial utilizada, sobretudo em virtude das velozes mudanças e do intenso fluxo de dados produzidos diariamente nas plataformas digitais. Este espaço possui uma estrutura cuja base é formada por dados organizados pelos algoritmos e formalizada por relações de propriedade, sendo guiado por modelos de negócios e governado por meio de termos de acordo com os usuários (Van Dijck, Poell e De Waal, 2020; Grohmann, 2020). O espaço da plataforma, portanto, é formado por infraestruturas digitais que possibilitam a interação entre dois ou mais grupos (Srnicsek, 2016), sem que exista necessariamente uma mediação entre eles, o que possibilita aos usuários uma relativa autonomia na produção e oferta de serviços.

Essas plataformas digitais *online*, de acordo com a professora José Van Dijck (2023),

penetraram profundamente em todos os setores da sociedade, perturbando mercados, relações de trabalho e instituições, ao mesmo tempo que transformam práticas sociais e cívicas. Além disso, as dinâmicas das plataformas afetaram o cerne dos processos democráticos e de comunicação política (Van Dijck, 2023, p.32)

As plataformas, que não são isentas de ideologias ou interferências econômicas, sociais, culturais e políticas na sua fabricação são, também, *espaços relacionais*. Para o geógrafo britânico David Harvey (2013), “Um evento ou uma coisa situada em um ponto no espaço não pode ser compreendido em referência apenas ao que existe somente naquele ponto. Ele depende de tudo o que acontece ao redor dele” (Harvey, 2013, p.12). Nesse sentido, é impossível pensar a plataforma por si mesma, de maneira isolada, dissociando-a dos interesses do sistema capitalista, do Norte global e das *Big Techs*. Essas empresas, que lideram o setor de tecnologia e controlam boa parte das plataformas que utilizamos hoje, incluem a *Meta*, proprietária da plataforma do *Instagram*, foco da nossa análise.

De maneira complementar, busquei conhecer através de outros estudos acadêmicos como os meus pares estavam pensando sobre as questões que norteiam este trabalho. Anita Lucchesi, Pedro Telles da Silveira e Thiago Lima Nicodemo (2020), no artigo “*Nunca fomos tão úteis*”, refletem sobre o que nós, historiadores, podemos fazer diante das modificações no nosso ofício catalisadas em ocasião da pandemia.

A respeito da aceleração dessas mudanças em tempos de crise, Bruno Laitano (2020), em seu artigo “*(con)figurações do historiador em um tempo marcado pela disrupção tecnológica*” parte de uma provocação realizada pelos seus amigos em um encontro informal para refletir sobre o impacto das novas tecnologias no ofício do historiador. Neste trabalho e também em sua dissertação, defendida em 2021, Laitano reflete sobre a presença dos historiadores em iniciativas na *Internet* e seu significado social, apontando a importância da busca pela atualização digital para evitar a obsolescência não somente da história, mas também do profissional responsável por sua elaboração.

Essa atuação do historiador em meios que possibilitam ao conhecimento histórico o alcance de públicos mais amplos fora da academia e dos espaços formais de ensino, conhecida a partir da noção de *História Pública*, é tratada por Noiret (2015) no artigo intitulado “História pública digital.” Neste trabalho, o autor teoriza o ofício do historiador público à luz da História Digital, apontando para a necessidade da reinterpretação dos métodos profissionais e a reelaboração das formas de se narrar o passado, visando a compreensão desse público diverso, que nem sempre alcançaria esse conhecimento a partir de uma linguagem mais acadêmica, costumeiramente direcionada aos pares.

A adaptação da linguagem, no entanto, é apenas um dos desafios enfrentados não somente pelos profissionais da história, mas pelos estudiosos das humanidades de maneira geral. É o que escreve Marcelo Téó (2018) em seu artigo “*Desequilíbrio de histórias parte I: um problema do campo das humanidades*”, onde incentiva o debate em torno dos compromissos da História diante das novas formas de produção e circulação do conhecimento histórico, incentivando a apropriação desse espaço pelo profissional especializado para tal. O artigo também versa sobre a importância da profissão do historiador para evitar um desequilíbrio de histórias, o que podemos perceber através da ascensão de figuras como Leandro Narloch e a empresa audiovisual Brasil Paralelo, que ocupam uma parcela significativa do mercado através da veiculação de narrativas negacionistas e alcançam um grande público.

O avanço das tecnologias digitais gerou uma transformação no cotidiano do historiador, que se viu diante de novas problemáticas, ferramentas e fontes para o seu

trabalho. Sobre os impactos da popularização das novas tecnologias sobre o ofício do profissional da história, Alexandre Fortes e Leandro Alvim (2020) apontam em seu artigo “Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital” que:

As transformações sociais desencadeadas pela revolução digital colocam a necessidade de examinarmos as novas formas assumidas pelo trabalho do historiador na “classificação racional das informações obtidas nas fontes em busca de uma progressiva inteligibilidade do processo histórico”(Fortes e Alvim, 2020, p. 211).

Considerando esse cenário de inserção laboral do historiador no espaço digital, Leandro Coelho de Aguiar (2012) aponta que a produção de conhecimento acerca desta temática tende a resultar em reelaborações epistemológicas derivadas da influência da cultura digital na concepção conceitual de termos caros à ciência histórica, como fonte, tempo e espaço. Nesse sentido, é possível afirmar que a produção de conhecimento histórico se transforma de acordo com o espaço e o tempo em que ocorre.

Em consonância com os postulados de Aguiar, Pedro Telles da Silveira (2018) também aponta que os usos e aplicações da internet ao *métier* historiográfico exercem impactos sobre uma série de conceitos caros à historiografia, como vestígio, fontes históricas, narrativa e tempo. Assim, entendo que as transformações citadas por Fortes e Alvim (2020) estão diretamente ligadas a um processo de reelaboração linguística e conceitual que oferece uma nova perspectiva para a produção de conhecimento histórico. São as novas ferramentas e a nova mobília a que se refere Lucchesi (2014a, p.52).

Dessa maneira, a atuação nas plataformas leva o historiador a lidar com uma forma de produção que ocorre não somente em um lugar diferente, mas que se defronta com uma outra maneira de lidar com o tempo. Considerando isto, busquei amparo em dois conceitos que trabalham com as mudanças sofridas nas categorias espaço-temporais. Em relação ao tempo, utilizei o conceito de *atualismo*, desenvolvido por Valdei Lopes de Araújo e Matheus Henrique de Faria Pereira (2019, 2021). Os autores compreendem que a vivência em um ambiente completamente virtual gera um deslocamento no sentir do tempo, afetando a sua temporalização e concebendo um regime de historicidade onde as interações, cada vez mais velozes, criam nos sujeitos uma pressão por constantes atualizações de si.

Para analisar a atuação dos historiadores no espaço virtual, partimos do entendimento de que esse ambiente exige um conhecimento específico de suas condições de interação e das formas como as tecnologias nele presentes moldam seus usuários. Neste sentido, adotamos o conceito de *sociedade da plataforma*, entendida como uma nova configuração sociotécnica

que emerge das relações intersubjetivas mediadas por plataformas digitais e que produz impactos sociais a partir dessas transformações tecnológicas. Assim, interpretamos as dinâmicas digitais contemporâneas como parte de um processo mais amplo de criação de uma infraestrutura social fundamentada no digital (Van Dijck, Poell e De Waal, 2018).

Essas novas demandas advindas do mercado de trabalho privado, bem como o ato de relacionar a capacidade profissional do professor historiador a uma presença nas plataformas digitais, elucida a compreensão de que essa demanda do tempo presente é, também, um reflexo da retórica neoliberal. Ocupar as redes, um espaço produzido pelo capitalismo, e gerar lucro para as *big techs* é, aos olhos do mercado, um sinal de qualificação. Para além de produzir mais-valia em suas ocupações físicas, esse sujeito é também útil para o neoliberalismo no novo espaço produzido por ele.

Em um cenário onde as plataformas digitais passam a interferir diretamente na vida do sujeito usuário e produtor de conteúdo, a sua existência torna-se objeto de planejamento e engenharia cibernética para fins mercadológicos. Assim, padroniza-se o existir através da incorporação totalitária da vida aos objetivos das empresas, inserindo o indivíduo em um processo de plataformização da vida.

Diante das discussões realizadas até então, encontro novamente nas palavras do professor Durval Muniz uma visão com a qual me identifico, embora discorde parcialmente, nesse sentido: “a gente não vai afrontar o negacionismo no silêncio da academia” (Albuquerque Júnior, 2023). Assim como Durval Muniz, acredito que combater o negacionismo de maneira puramente endógena não é a solução mais interessante para lidar com o problema. No entanto, penso que precisamos também compartilhar esse incômodo com os nossos pares e com a instituição responsável por formar e chancelar os profissionais do presente e do futuro. Uma formação conectada aos novos desafios e configurações laborais que têm se apresentado, assim como o fomento a uma História cada vez mais pública, podem fazer a diferença positivamente neste combate. Desafiar o silêncio da academia é crucial para construir pontes entre o saber acadêmico e a sociedade, transformando o conhecimento histórico em uma ferramenta acessível e poderosa contra o negacionismo e suas consequências.

Para tanto, é mister a incorporação da discussão sobre as novas possibilidades de atuação profissional, bem como as implicações que esses novos modelos de trabalho proporcionam. Refletir sobre trabalho e relações trabalhistas na academia, para além de formar historiadores com consciência de classe, é assegurar que esses profissionais tenham

condições de disputar e usufruir do espaço das plataformas de maneira consciente e digna frente à exploração realizada pelas *big techs*.

Assim, em um momento de tantos ataques à História como ciência e ao historiador enquanto sujeito responsável pela mediação do passado, que ocorrem sobretudo no ambiente digital, acredito que a produção desse trabalho preenche uma lacuna importante no que diz respeito às discussões sobre a reconfiguração da identidade do historiador no mundo pós-digital. Ao refletir sobre a formação oferecida pela UFRN e a atuação dos seus egressos nas plataformas, pretendo contribuir positivamente para a elaboração de um curso que enxergue a importância de formar profissionais capazes de lidar com uma sociedade cada vez mais virtual, que remodelou suas estratégias de exploração do trabalho no espaço do inconsciente.

Embora esta não seja a primeira dissertação do Programa de Pós Graduação em História da UFRN a trabalhar com um espaço virtual como campo de análise<sup>3</sup>, este é o primeiro trabalho a refletir sobre as transformações que a atuação profissional neste espaço representa para a identidade laboral do historiador. Busco aqui contribuir para a historiografia e para as discussões relativas ao historiador da contemporaneidade, historicizando seus posicionamentos e instrumentos para que se torne possível, aos poucos, aprofundar o debate e ensaiar a elaboração de respostas para questões tão incertas.

Assim como ignorar a importância e a influência do mundo virtual na nossa profissão é uma decisão política, defender um debate sobre a importância da academia buscar uma aproximação maior com as demandas sociais do tempo presente também é. Defendo, aqui, a urgência de formar historiadores cada vez mais capazes de produzir uma História com o público e para o público, em concordância com Juniele Almeida e Marta Rovai (2011), mas também capazes de lidar com as novas estratégias de manipulação, dominação e exploração realizadas pelo *capitalismo de plataforma*.

Diante do exposto, defini os capítulos e a estrutura narrativa desta dissertação. Em cada capítulo, reflito e disserto sobre as visões dos egressos do curso de licenciatura em História da UFRN Campus central sobre o uso profissional das plataformas, o impacto da pandemia de COVID-19 em suas práticas docentes, as transformações nas relações de

---

<sup>3</sup> Em consulta ao Repositório Institucional da UFRN, constatei que a dissertação de Antônio Emanuel Batista de Souza, intitulada “O neopaganismo em terras de Piagas: experiências neopagãs, aspectos formadores do Piaganismo e a construção da Vila Pagã no Piauí (2007-2021)” foi o primeiro trabalho do Programa de Pós Graduação em História e Espaços (PPGH/UFRN) a trabalhar com a categoria de *ciberespaço*. No entanto, conforme apontado no texto acima, o enfoque da pesquisa difere do que adotei.

trabalho proporcionadas pelo neoliberalismo digital e a atuação dos historiadores formados pela UFRN em seus perfis profissionais na plataforma *Instagram*.

\*

No primeiro capítulo, elaborei um formulário via Google Forms para mapear como os historiadores formados pela UFRN percebem a relação entre sua formação acadêmica e as demandas contemporâneas de atuação nas plataformas digitais. Através da análise desses dados, foi possível também identificar como a pandemia de COVID-19 catalisou o processo de reconfiguração das formas de trabalho e da identidade profissional desses egressos da UFRN, influenciando suas estratégias de presença e motivando-os ou não a atuar no ambiente digital do *Instagram*. Os dados indicaram a predominância de uma faixa etária de respondentes, entre 26 e 33 anos, que tiveram suas respostas analisadas de maneira mais aprofundada. Percebi que as minhas impressões sobre a temática do uso das redes sociais não eram uma demanda individual, mas que passou a ser uma carência mais abrangente sobretudo após o período de isolamento social nos anos de 2020 e 2021.

No segundo capítulo, realizei uma análise teórica sobre conceitos caros a esta dissertação, buscando compreender como a ideia de trabalho e emprego surgem historicamente e quais os marcos responsáveis pelas suas transformações. Escolhi iniciar analisando um episódio da nova temporada da série *Black Mirror*, que me chamou a atenção justamente por proporcionar uma reflexão sobre a interferência do mundo virtual no cotidiano dos sujeitos. Embora retratado pela série de modo propositalmente exagerado, para instigar a reflexão e gerar incômodo, infelizmente, diante do significativo aumento da posse não autorizada de dados dos usuários por parte das plataformas digitais, corremos o risco de, talvez, vivenciar algo semelhante. A plataformização é um dos conceitos mais importantes para este trabalho, o que me motivou a investigar com mais profundidade os seus efeitos nas relações de trabalho e, em um tópico seguinte, direcionar a análise para a profissão do historiador, em específico.

Por fim, no terceiro e último capítulo, investiguei 4 perfis de historiadores formados pela UFRN que fazem uso da plataforma *Instagram* com finalidades profissionais, objetivando compreender como se dá a presença digital daqueles que optaram pela atuação neste espaço. Além disso, intencionei também entender como a identidade profissional desses sujeitos se constrói nas plataformas digitais, especificamente no *Instagram*.

## CAPÍTULO 1: NOVAS TERRITORIALIDADES DIGITAIS

### 1.1 A História entre fluxos e fixos

Tudo que se vê não é  
 igual ao que a gente viu há um segundo  
 Tudo muda o tempo todo no mundo  
 Não adianta fugir  
 Nem mentir  
 Pra si mesmo<sup>4</sup>  
 Lulu Santos, “Como uma onda”

A História, enquanto ciência influenciada pelas relações do sujeito com o tempo e o espaço onde vive, é fluxo. Flui, quase incontrolavelmente, a despeito de nossos quereres, vontades e paixões. Como fluido, leva consigo aquilo que já não faz mais sentido, trazendo-nos, em contrapartida, uma enxurrada de informações que inundam o nosso presente e já não podem mais ser escamoteadas. Nessas ondas que vêm e vão, deparamo-nos com novas ferramentas, novos problemas e novas possibilidades. O historiador, navegador e agora minerador, se apresenta como ponte entre passado e presente, narrando para a posteridade suas aventuras e descobertas.

Como poderíamos nós, em 2025, navegar e historiar como Tucídides, Heródoto ou Bloch? O mar é o mesmo, mas os desafios, os marujos e até mesmo os corsários da História são outros. E é preciso que nós estejamos atentos e fortes, sempre prontos para enfrentá-los diante dos embates e disputas no espaço público, sob pena de encontrarmos como destino da nossa viagem o naufrágio da profissão de historiador; e não é ficando os pés em terra firme, esperando a tempestade passar, muito menos adentrando os mares sem saber como combatê-los, que podemos vencer.

Afinal, o que era mar, no entanto, agora é mina. A velocidade característica do mundo pós-digital não tardou em transformar o ato de navegar, que requer tempo para construir uma aprendizagem por meio da experimentação, em uma mineração veloz. O mundo virtual, antes seara de descobertas, agora se constitui de um imperativo: os dados coletados nesse meio são ativos financeiros para as grandes empresas de tecnologia. E é através da música popular brasileira que pretendo iniciar a análise dessa transição.

---

<sup>4</sup> Estrofe da música “Como uma onda” do cantor Lulu Santos. *Lulu Santos, O ritmo do momento, Warner Music do Brasil, 1983.*

No ano de 1996, o artista Gilberto Gil lançou a canção “Pela Internet”<sup>5</sup>, obra através da qual narrou suas expectativas para o uso da *internet* em um contexto de globalização. O eu-lírico da canção compartilha com os ouvintes o seu entusiasmo em relação à possibilidade de fazer sua *home-page*, aproveitar a vazante da “infomaré”, entrar na rede e promover debates, adentrando ao universo digital e aos novos horizontes como quem adentra a um novo mundo.

Já no ano de 2018, o cantor lançou uma segunda versão da música, intitulada como “Pela Internet 2”<sup>6</sup>. Em sua nova obra, Gilberto Gil se vê em meio a uma realidade diferente da que idealizou décadas antes. Sua navegação em *websites* e *home-pages* agora não encontra mais fim, visto que a fluidez deste novo espaço produziu um sujeito incapaz de deslogar. As interações sociais e a vivência do eu-lírico são amplamente mediadas pelo mundo cibernético, serras peladas virtuais em que a relação entre economias e novos capitais transformou o *homodigitalis* em garimpeiro virtual. Navegando ou minerando, a realidade inescapável é uma só: nunca houve e dificilmente haverá um contexto espaço-temporal de tranquilidade para a produção de conhecimento histórico, conforme aponta Albuquerque Jr:

A questão é que a gente já está dentro d’água. O historiador está sempre dentro da água, porque o historiador faz história dentro da história, nós não fazemos história olhando-a de fora. (...) a gente produz a história surfando-a, na crista da onda, nós estamos lá em cima e nossa pranchinha é quase sempre muito “débilzinha”. (Albuquerque Jr, 2023, p. 344 e 345)

Embora o espaço tenha sido, durante um longo período, negligenciado no campo das investigações históricas, aparecendo apartado do tempo, a união entre ambos é caracterizada por uma inseparabilidade, tendo em vista que a ação dos sujeitos, independente da temporalidade em que tenha ocorrido, certamente foi realizada em algum espaço. Além disso, o espaço se configura como uma categoria polissêmica e ampla, capaz de abarcar discussões que dialoguem com outros campos do conhecimento como a geografia, a arquitetura, a filosofia, a sociologia e o cinema.

Ao discorrer sobre a natureza do espaço, o geógrafo Milton Santos (2009) afirma que, se por um lado, o espaço é formado pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, por outro, é animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade. Nesse sentido, é possível afirmar que o espaço é uma

---

<sup>5</sup> Gilberto Gil. Pela Internet. In: Quanta. Warner Music Brasil Ltda, 1997.

<sup>6</sup> Gilberto Gil. Pela Internet 2. In: OK OK OK. Gege Produções Artísticas, 2018.

construção derivada da ação humana no passado e no presente, o que evidencia a amplitude do conceito e as diversas possibilidades de reflexões sobre ele.

Construído a partir de uma relação dialética entre os sujeitos que nele interagem, o espaço é definido por Michel de Certeau (1994) como um *lugar praticado*, um produto das relações humanas entre si e com o próprio espaço, atribuindo a ele conteúdo, vida e valores. Nesse sentido, é possível delimitar que no interior desse espaço coexistem um conjunto de relações sociais que são alteradas pelo meio e, ao mesmo tempo, o alteram a partir de suas ações. Esse espaço é, portanto, produzido de acordo com as demandas sociais de cada temporalidade.

A partir do advento do capitalismo, as sociedades imersas nesse sistema se viram amplamente afetadas pelas necessidades fabricadas por ele. Pensando nisso, o geógrafo britânico David Harvey (2005) escreveu o livro “A produção capitalista do espaço”, refletindo a partir de Karl Marx como não somente o tempo, mas também a nossa noção de espaço foi afetada pela imposição dos valores capitalistas. Harvey entende que o espaço não é apenas um figurante da ação humana, mas algo produzido e moldado pelas relações econômicas e sociais. Em sua obra, o autor discute como o capitalismo transforma o espaço para maximizar o lucro e perpetuar seu domínio, agindo coordenadamente.

A criação do microcomputador possui forte conexão com a necessidade que os Estados Unidos da América, antes e após a Guerra Fria, tinham de garantir segurança às trocas de informação. Ligado às demandas do mundo capitalista e alinhado à necessidade de comunicação durante a Segunda Guerra Mundial, o surgimento dos primeiros computadores sofreu influência direta do governo americano e das empresas privadas, que passaram a explorar e expandir a tecnologia posteriormente.

Nesse sentido, é possível relacionar esse cenário histórico com a compressão do espaço-tempo, discutida por Harvey (2005) a partir das ideias de Marx. No sistema capitalista, a superação das barreiras espaço-temporais é fundamental para o aumento do lucro, ocasionando um fenômeno em que “até a distância espacial se contrai em relação ao tempo: o importante não é a distância do mercado no espaço, mas a velocidade [...] pela qual o mesmo pode ser alcançado” (Marx, 2011). Por essa razão, há um esforço em anular o espaço pelo tempo, isto é, tornar as distâncias físicas irrisórias diante da velocidade de transporte, comunicação e acumulação de capital. Assim, o capitalismo produz espaços para potencializar o processo de acumulação.

Inicialmente ligado à demanda de redução do tempo para a comunicação, o computador, a partir da criação da *internet* no final do século XX, se transformou em um meio

físico que abrigava um espaço virtual capaz de acelerar as interações entre os sujeitos ali presentes, o que Pierre Lévy conceitua como *ciberespaço*:

[trata-se de] um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não somente a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (Lévy, 2010, p.17).

Surgido a partir das ações e interações dos sujeitos no meio virtual, é possível afirmar que a sua fabricação possui relação com as demandas neoliberais de redução das distâncias e aumento da velocidade de comunicação para a maximização de lucro, tendo em vista que “a circulação acelerada de comunicação e informação leva à circulação acelerada do capital” (Han, 2018, p.66). Esse novo espaço, portanto, inserido nas dinâmicas de produção de riquezas, se torna ele mesmo uma mercadoria, transformando cultura, identidades e conhecimentos em ativos econômicos.

Esse processo passou por contínuas transformações e aperfeiçoamentos, tornando-se ainda mais poderoso e perigoso com o advento das plataformas no início do século XXI. Aparentemente inofensivas, gratuitas e importantes ferramentas para a comunicação, as plataformas digitais desempenham um importante papel no processo de alienação da população, que não se percebe como mais um produto do mercado digital. Para Byung Chul Han:

Arrastamo-nos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto. Embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez (Han, 2018, p.10).

Sadowski (2019), assim como Han (2018), entende que o clichê sobre os serviços aparentemente gratuitos e inofensivos oferecidos pelas *bigtechs*, onde tornamo-nos produtos, pode ser sintetizado na ideia de que:

Through the work of using platforms and devices, people are turned into commodities that take the form of personal data, which is sold to advertisers and data brokers. In the age of mass media, this was termed the ‘audience commodity’ (Smythe, 1981). Now with social media it is called the ‘data double’ among other coinages” (Sadowski, 2019, p. 4)

As plataformas, nesse contexto, através da vigilância de pessoas, lugares, processos, coisas e relações (Van Dijck, 2014), mudam a forma como entendemos e interagimos com o

mundo, assumindo um contorno de regime político e econômico guiado pela lógica de acumulação e circulação perpétua de capital (Sadowski, 2019). Assim, é possível afirmar que a nova lógica de aquisição de dados é um modelo capaz de transformar espaços e setores, configurando-se como uma nova faceta do neoliberalismo digital. Diante das novas demandas do capitalismo contemporâneo, a economia de dados é uma reinvenção do sistema capitalista diante de mais um cenário de crise, cujo contorno reproduz relações assimétricas, desiguais e exploratórias.

Engana-se, no entanto, quem pensa neste processo como algo inédito. A transformação do fluxo inesgotável de dados em acúmulo de poder e lucro advém do princípio base do sistema capitalista, podendo ser compreendido como um modo imperialista de acumulação (Luxemburg, 1951; Thatcher et al., 2016) que faz uso de velhas estratégias em novos espaços para superar as contradições internas que geram as crises (Greene and Joseph, 2015).

Para além de transformar nossa vida cotidiana de maneira sinuosa, as plataformas digitais são também responsáveis por um processo de privatização da comunicação, que ocorre ao deslocar a produção de informações do âmbito público para o privado. Essa forma de produção, característica dos espaços digitais, propicia uma superexposição da intimidade e da esfera privada, comprimindo a distância entre sujeitos e dando origem a um *homo digitalis*. Esse sujeito não é parte de uma massa, mas do que Han (2018) conceitua como um enxame digital:

O enxame digital não é nenhuma massa porque, nele, não habita nenhuma alma [*Seele*], nenhum espírito [*Geist*]. A alma é aglomerante e unificante. O enxame digital consiste em indivíduos singularizados (...) que se juntam em um enxame [e] não desenvolvem nenhum *Nós* (Han, 2018, p.27).

Assim, a individualização desses sujeitos produz uma sociedade cada vez mais desagregada e, portanto, menos capaz de mobilizar-se em torno de suas demandas, evidenciando o controle realizado pelas *Big Techs* pós-revolução digital. Se, em um passado não tão distante, as mídias como o rádio serviam para reunir as pessoas, atualmente as mídias digitais coordenam um processo de singularização e solidão dissimulado, capaz de produzir indivíduos que se autoexploram e se submetem a condições de dominação implícitas. Estes são, por vezes, sujeitos motivados pela necessidade financeira que veem no digital uma oportunidade emergencial.

Ficam evidentes nesse processo de dominação voluntária os mecanismos de controle perpetrados pelas grandes empresas, que se constituem como uma grande ameaça ao regime

democrático. Um exemplo recente pode ser observado na declaração dada por Mark Zuckerberg<sup>7</sup>, CEO da Meta, ao justificar o fim da checagem de fatos nas plataformas Facebook e Instagram, pertencentes ao grupo. Importantes ferramentas no combate às *fake news*, que exercem considerável impacto na construção da opinião pública - sobretudo em período eleitoral, a checagem de fatos foi substituída por “notas da comunidade”, um recurso presente na rede social X, que pertence ao também empresário Elon Musk. Em nome da “liberdade de expressão”, Zuckerberg acompanha Musk em uma aproximação ao presidente dos EUA Donald Trump, político de extrema direita que se beneficiou fortemente das *fake news* antes e durante o processo eleitoral.

A sociedade, antes um corpo social organizado e mobilizado por um forte apego ideológico, tornou-se com o advento das plataformas um enxame que não participa efetivamente do âmbito público, mas se isola em um panóptico virtual em que não se sente prisioneira. Essa ilusão de liberdade, portanto, se constitui como um eficiente método de controle e manipulação, criando um ambiente em que os usuários expõem voluntariamente suas informações para as empresas de tecnologias. Estas, por sua vez, utilizam e vendem os dados dos usuários em troca de capital.

Somos, portanto, produtos de um espaço do inconsciente. Para Han (2018):

O panóptico digital não é uma sociedade disciplinar biopolítica, mas sim uma sociedade da transparência psicopolítica. E no lugar do biopoder entra o psicopoder, (...) que vigia, controla e influencia o ser humano não de fora, mas sim a partir de dentro. (...) Dirigimo-nos, hoje, à era da psicopolítica digital (Han, 2018, p. 130 e p. 134).

Essa nova relação entre os sujeitos e o espaço, sob métodos de governança neoliberais, produz um espaço transnacional que não conhece fronteiras, regras e realiza uma exploração com relativo consentimento inconsciente dos usuários e produtores de conteúdo. Nesta nova fronteira do poder, como prevê (Zuboff, 2019), a acumulação de dados se constitui como um processo isento de neutralidade, fruto do que a autora conceitua como capitalismo de vigilância. Para Zuboff, este conceito pode ser definido, dentre outras possibilidades, como “uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas”. Assim, nesta nova mutação do sistema capitalista, é possível perceber uma lógica parasitária, onde todas as pegadas dos usuários no mundo digital se transformam em matéria prima inesgotável para a

---

<sup>7</sup> Maiores informações estão disponíveis em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5y4ymrpp43o>>. Último acesso: 03 fev 2025

previsão dos comportamentos e, conseqüentemente, a estruturação de um sistema cada vez mais lucrativo para a economia de vigilância.

Um dos novos desafios que se apresentam aos historiadores é a emergência de novos espaços de atuação. Para além das salas de aula, da academia e dos arquivos, o fazer História também se torna possível em outros meios, como as plataformas, espaços de vigilância e do inconsciente que reconfiguram e desafiam as relações de elaboração e produção do conhecimento histórico. Essa migração, no entanto, não se dá de forma homogênea e voluntária, mas ocorre sobretudo pela dificuldade encontrada pelos historiadores, principalmente os recém-formados, em conquistar um espaço no mercado de trabalho privado ou uma posição na rede pública de ensino.

Ou seja, o historiador agora experimenta criar conteúdo e elaborar a História em um novo espaço que concentra um paradoxo curioso: ele permanece trabalhando fisicamente sozinho, mas alcança um público com proporções nunca vistas. Ademais, embora esteja presencialmente só, o historiador produtor de conteúdo se vê obrigado a elaborar a História a partir da noção de *cultura participativa* (Jenkins in Burgess e Green, 2009, p.28), que caracteriza as redes sociais como lugares em que o aluno “espectador” também é partícipe do processo de planejamento e elaboração dos conteúdos produzidos pelo historiador, traço da forma de produzir, circular e construir conhecimento que convencionamos chamar História Pública.

Dentre as possibilidades proporcionadas pelo *ciberespaço* está a atuação do historiador nas plataformas, avaliada por Carvalho (2016) como significativamente importante devido ao tamanho do público reunido, ao poder de colaboração popular e a sua relevância enquanto fenômeno da História da comunicação e da História contemporânea. Assim, as plataformas invadem o cotidiano dos historiadores profissionais como um tsunami que não pode ser ignorado, requerendo a construção de um conhecimento com bases mais sólidas, calcado na cooperação entre os sujeitos cibernéticos. Não se trata de fugir das tempestades, mas de aprender a navegá-las de maneira segura e eficaz, evitando assim um uso acrítico que se reflete na manipulação desse sujeito ao colaborar com um processo de acumulação primitiva de dados enquanto ele mesmo é parte explorada.

O vai e vem da História encontrou, no ano de 2020, um cenário de caos. No mês de janeiro, o surto de Covid-19, surgido na República Popular da China, já era considerado uma

Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional<sup>8</sup>. Em março, tornou-se uma pandemia, atingindo simultaneamente diversos países e regiões do mundo.

Registrada no Brasil pela primeira vez em 26 de fevereiro de 2020, a pandemia transformou a rotina e o cotidiano do mundo. Reclusas em casa, como forma de evitar o contágio e a propagação do vírus, as pessoas encontraram na *internet* uma possibilidade de refúgio e conforto. Novos hobbies foram descobertos, novas habilidades foram desenvolvidas e percebeu-se que, em certa medida, quase tudo poderia ser aprendido e ensinado. Nessa perspectiva, a *internet* foi ocupada por diversas pessoas, que resolveram ensinar algum conhecimento que possuíam em temas diversos, como jardinagem, gastronomia, finanças, dentre outros. Surgiram, assim, diversos “professores”, não aqueles formados nas licenciaturas, mas pessoas comuns que se propuseram a compartilhar conhecimentos com outras pessoas.

Para o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2020), a pandemia acelerou mudanças que já vinham acontecendo nos últimos anos, provenientes da expansão do uso da *internet* não somente para diversão, mas também para trabalho e estudo. Dentre as tantas profissões que passaram a utilizar este espaço como meio está o ofício do professor, que se viu desafiado a repensar suas práticas, metodologias, linguagem e avaliações em virtude das aulas remotas. As interações, antes presenciais, espontâneas e também visuais, foram substituídas por uma tela com ícones pequenos, já que muitas vezes os alunos assistiam às aulas com suas câmeras fechadas. O ensino remoto emergencial representou um ponto de inflexão para os docentes.

Assim, tal como *Lulu Santos* cantou em *Como uma onda*, tudo estava mudando aceleradamente no mundo. E não adiantaria ignorar, fugir ou fingir que o uso do espaço virtual para o exercício da docência não estava acontecendo. O que por muito tempo foi uma opção de poucos, agora era uma necessidade, a alternativa possível devido à conjuntura de emergência sanitária em que nos encontrávamos no período. Assim, a máxima neoliberal de que “tempo é dinheiro” passou por uma atualização, transformando-se na célebre frase “a economia não pode parar”.

Nesse sentido, as relações entre o historiador produtor de conteúdo, o espaço em que está inserido e o seu novo público proporcionam a reinvenção do conceito de comunidade, baseado agora em uma recriação de identidades e práticas culturais, além de contribuir para o acirramento da reflexão sobre a relação do historiador com o seu público. No âmbito da

---

<sup>8</sup>Histórico da Pandemia de Covid-19. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>>. Último acesso em 15 de abril de 2024.

*virtualidade*, onde a noção de espacialidade é abstrata, há uma noção de proximidade potencializada não pela aproximação física, mas pela identificação entre seus membros (Amaral, 2007).

Dentre os espaços virtuais utilizados para a produção de conteúdo e o exercício da docência durante a pandemia está o *Instagram*, uma plataforma de compartilhamento de fotos e vídeos curtos que oferece ao usuário, segundo o seu site oficial, “o poder de criar comunidades e aproximar o mundo” (*Instagram*, 2024). Neste espaço, os professores descobriram que o seu uso como *profgram*<sup>9</sup> aumentava o alcance do público e a escala de ganhos com pouco ou nenhum investimento. Bruno Laitano (2020) aponta que a quantidade de profissionais que têm transformado seus perfis pessoais em feeds de compartilhamento de informações para os seus pares e o público em geral não é pouca, evidenciando que o contexto de crise proporcionado pela pandemia de COVID-19 no ano de 2020 de fato exerceu o papel de catalisador desse processo.

Não foi a primeira vez, no entanto, que uma crise conduziu os historiadores a buscar outras possibilidades de atuação. Nos Estados Unidos, por volta de 1975, institucionaliza-se a História Pública, um termo guarda-chuva e polissêmico que, de maneira geral, se refere à atuação de historiadores fora do âmbito universitário. A História Pública, para os historiadores norte-americanos, se constituiu como alternativa para uma enorme crise de desemprego vivenciada no país, subvertendo o foco de atuação, outrora ligado à academia, para o trabalho em museus, órgãos públicos e empresas privadas.

Para além da empregabilidade atrelada ao seu surgimento, de acordo com Almeida e Rovai (2011), a História Pública também:

É uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a História sem perder a seriedade ou o poder de análise. Nesse sentido, a História Pública pode ser definida como um ato de “abrir portas e não de construir muros”, nas palavras de Benjamin Filene (Almeida e Rovai, 2011, p.7).

Como contraponto ao encastelamento histórico dos historiadores acadêmicos em suas torres de marfim, sobretudo no século XX, a História Pública no Brasil surge como uma possibilidade de democratização do saber histórico, alcançando um público mais amplo e construindo um conhecimento em colaboração com os seus interlocutores. Ela, de acordo com

---

<sup>9</sup> *Profgram* é um termo criado pela historiadora, criadora de conteúdo digital e doutoranda Clara Marques Souza, que significa perfil do instagram administrado por professores, com objetivos profissionais.

Ricardo Santhiago, é uma História feita para o público, com o público e pelo público (Santhiago, 2016, p. 28). Nesse sentido, o historiador profissional, antes autoridade detentora do “monopólio” do ato de fazer história, agora se vê em uma posição de mediador crítico ao conviver com os chamados historiadores acidentais (Malerba 2017, p. 147), garantindo a cientificidade do saber e produzindo uma História viva e engajada.

Entretanto, embora o mundo digital proporcione um espaço em que há uma circulação de saberes e discursos diversos, “exemplos recentes demonstram como a proliferação de usos do passado pode ser uma ameaça ao conhecimento certo e verdadeiro, senão mesmo à vida e à democracia (Varella; Bonaldo, 2021, p.4)”.

No cenário proporcionado pela intersecção entre História Pública e *internet*, surge a História Pública digital, um fenômeno que “explode barreiras espaço temporais e locais/globais na interpretação do passado” (Noiret, 2015, p. 43). É válido salientar que este novo espaço é uma materialização das novas necessidades de acumulação, expansão e sobrevivência do capitalismo neoliberal, o que afeta diretamente as formas e os meios de produção da História.

Se no século XIX o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), bem como a historiografia brasileira, surgem da necessidade de elaboração do que seria genuinamente a nação pós independência, é possível afirmar que a história possui uma ligação intrínseca com as necessidades das instituições e os contextos históricos em que é elaborada. Nesse sentido, o Estado, o sistema capitalista e as necessidades dos grupos socialmente hegemônicos interferem diretamente nos modos, meios, ferramentas e espaços através dos quais produzimos e inventamos a história.

Neste novo campo do conhecimento, o desafio do historiador público se torna a mediação das formas públicas de experienciar o passado dispostas na rede, um espaço controlado por empresas privadas, construindo uma História Pública digital efetiva através da narração das memórias privadas e coletivas de maneira crítica.

Este cenário, no entanto, tem sido para parte da comunidade de historiadores um território inóspito, cuja exploração requer habilidades e instrumentos que não lhes são familiares. Assim, considerando que estes sujeitos não nascem, mas são formados historiadores, é importante voltar o nosso olhar para aquela que possui o poder de nos instrumentalizar, ampliando as nossas possibilidades de atuação profissional: a universidade.

Para tanto, busquei amparo no conceito de *Lugar Social*, elaborado por Michel de Certeau, que considera a História como um produto que emerge de uma prática e de um lugar institucional e social, elaborada a partir das características do tempo e do espaço em que é

produzida (Certeau, 1982). A partir da noção de *Lugar Social*, se torna possível refletir sobre como as relações de poder presentes nas universidades, bem como a conjuntura temporal e espacial, interferem na recepção às novas epistemologias e instrumentalizam os historiadores a construir conhecimento histórico com aquilo que é próprio de seu tempo.

Pensando no trabalho do historiador enquanto uma “artesanaria do saber”, onde este sujeito ocupa a posição de artesão, é possível perceber que não somente o espaço de atuação, mas também as ferramentas utilizadas para a elaboração do produto final, a História enquanto ciência, estão em transformação. Dito isto, historicizar essas mudanças e refletir sobre os seus impactos para os historiadores do presente e suas interações com o espaço digital pode auxiliar na compreensão das novas formas de fazer história e na resistência ao crescimento indiscriminado da influência das plataformas no cotidiano do homem pós-moderno.

Por outro lado, a plataformização, fenômeno que está inevitavelmente presente no âmbito da educomunicação, intervém claramente nos processos da comunicação e da educação hoje, transformando esse historiador artesão em parte de uma nova classe laboral. Se nós, historiadores, não assumirmos o leme do ato de refletir sobre as condições do nosso ofício e da nossa existência enquanto classe neste novo espaço, quem o fará? É essa a principal inquietação que norteia a investigação realizada neste trabalho.

É, portanto, diante do enorme desafio que se apresenta a nós, historiadores do século XXI, com o advento de novos espaços de produção e reprodução do conhecimento histórico, que este capítulo se situa. Aqui, tenho como objetivo refletir acerca das nossas possibilidades de enfrentamento das demandas do fazer histórico no *espaço da plataforma* a partir da percepção dos egressos do curso de História da UFRN em relação à formação inicial que receberam. Esse recorte nasceu da inquietação em compreender como os novos cenários digitais, intensificados pelo contexto pandêmico, impactaram a atuação profissional e a relação desses sujeitos com o ambiente virtual. Somada a isso, há também uma curiosidade em compreender se a necessidade de uma formação mais alinhada às necessidades do tempo presente é uma demanda particular ou se, de alguma maneira, há nesse pleito uma carência coletiva.

Nesse sentido, a elaboração de um formulário para a coleta desses dados parte da necessidade de compreender a percepção dos egressos, bem como ter acesso às suas experiências, desafios e reflexões em aspectos profissionais neste cenário tão transformador. A confecção dessa ferramenta foi a etapa final de uma série de passos anteriores, que compreendem a formulação de perguntas sobre ensino e prática da História na era digital, bem como discussões e leituras sobre a plataformização do trabalho docente e o papel das mídias

digitais no campo historiográfico. Assim, elaborei as questões dispostas no tópico a seguir com o objetivo de investigar as dificuldades enfrentadas pelos egressos, o porquê de suas escolhas em ocupar ou não as plataformas digitais com finalidades profissionais, a influência da formação oferecida na graduação para tal e a interferência da pandemia de Covid-19 como catalisador desse processo de experimentação.

## **1.2 Mapeando experiências: análise do formulário aplicado aos egressos do curso de História da UFRN**

Neste subtópico, busco apresentar ao leitor o processo de investigação acerca da formação recebida pelos historiadores egressos da UFRN em relação ao uso da plataforma *Instagram* com finalidades profissionais<sup>10</sup>. Nesse sentido, analisarei as respostas coletadas pelo formulário aplicado aos estudantes egressos do curso de História entre os meses de novembro de 2023 e janeiro de 2024.

O objetivo principal do formulário foi subsidiar a minha investigação acerca da formação inicial, compreendendo de que maneira ela tem contribuído no enfrentamento dos desafios provenientes da nova e inesperada conjuntura proporcionada pela eclosão da pandemia de COVID-19.

O questionário foi elaborado através da ferramenta Google Formulários, escolhida pela facilidade de uso da sua interface pelos respondentes e pela forma como sistematiza os dados, elaborando gráficos que nos serão úteis na disposição visual dos nossos resultados ao longo do capítulo. A aplicação ocorreu toda em âmbito virtual, principalmente pela possibilidade de alcançar egressos que não residem mais em Natal/RN, mas também pela velocidade de organização dos dados e divulgação da pesquisa.

Esse questionário foi disponibilizado por meio do envio do link de acesso em grupos de Whatsapp do curso, tanto do programa de pós-graduação quanto nos grupos de Whatsapp de turmas das diversas disciplinas do período em que cursei a graduação em História na UFRN, bem como diretamente aos colegas com os quais eu ainda mantenho algum contato e poderia convencer a disponibilizar um pouco do seu tempo para respondê-lo. Sua estrutura foi dividida em três eixos, a saber:

---

<sup>10</sup> Por atuação com finalidades profissionais entendo o uso da plataforma *Instagram* para produção de conteúdo histórico, publicização dos trabalhos realizados pelo historiador e monetização através da venda de infoprodutos ou serviços. No entanto, estamos considerando neste trabalho as atuações no “front”, ou seja, analisando a agência dos sujeitos historiadores como “experts” nas plataformas digitais, desconsiderando os historiadores que atuam nos bastidores através de consultorias e curadorias de conteúdo.

**Tabela 1** - Eixos e informações levantadas a partir do questionário elaborado

Eixos	Informações levantadas
Caracterização do indivíduo	Nome completo, gênero e faixa etária
Caracterização profissional	Ano de conclusão do curso, modalidade de ensino em que trabalha e, no caso de quem assinalou que não atuava no momento, uma pergunta sobre as razões para tal.
Percepções acerca do uso do <i>ciberespaço</i>	Uso do <i>Instagram</i> com finalidades profissionais, motivo do uso dessa rede social em detrimento de outras, finalidade do perfil (no caso daqueles que assinalaram já ter utilizado o <i>Instagram</i> ), percepção acerca da formação oferecida pela UFRN e impactos da COVID-19 no âmbito profissional.

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Para além da organização proposta pelo próprio formulário, elaborei outras planilhas, tabelas e gráficos com o objetivo de facilitar a visualização e o tratamento metodológico dos dados coletados. Como ferramenta de análise, escolhi utilizar a metodologia de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977, p. 42), caracterizada pelo uso de:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p. 42).

Desse modo, parto do pressuposto de que as respostas coletadas pelo formulário possuem princípios e ideias que estão intrínsecos às mensagens e aos discursos escritos, ou seja, que há um significado que, por vezes, não está explícito no texto, visto que surge até mesmo de uma percepção inconsciente desses sujeitos. Assim, a análise de conteúdo nos instrumentaliza a analisar não somente aquilo que está escrito, mas também o conteúdo implícito dessas mensagens originadas da aplicação do formulário. Por essa razão, optei por utilizar esse recurso metodológico para a análise do primeiro conjunto de fontes da pesquisa.

A coleta de informações sobre como os professores de História formados pela UFRN percebem o uso das plataformas, especialmente o *Instagram* para fins profissionais, e a análise da formação oferecida pelo departamento de História da UFRN - Campus Central para essa atividade serão intermediados pela aplicação da metodologia de Bardin. Além disso, considerando o período em que a pesquisa foi conduzida, explorei de que forma as tempestades laborais enfrentadas no período da pandemia de COVID-19 afetou a prática docente desses profissionais.

O questionário foi enviado para aproximadamente 344 pessoas, mas obteve apenas 28 respostas. Dentre estas, houve uma distribuição de gênero de 46,4% mulheres, 50% homens e 3,6% pessoas não binárias, todas formadas entre os anos de 2007 e 2022. Em relação aos anos de formação dos participantes, observou-se que a maioria dos respondentes do questionário se formou entre os anos de 2018 e 2022 (57,2%), o que denota um corpo de egressos cuja formação se deu a partir da grade curricular aprovada no ano de 2013, que esteve em vigor até 2018.

Os anos de formação dos egressos que participaram da pesquisa e responderam ao questionário podem ser conferidos na tabela abaixo:

**Tabela 2** - Ano de formação dos egressos que responderam o questionário

Porcentagem de formandos	Ano de formação
17,9%	2022
14,3%	2021
14,3%	2019
10,7%	2018
7,1%	2023.1
7,1%	2013
3,6%	2020
3,6%	2016
3,6%	2015
3,6%	2014
3,6%	2011
3,6%	2008
3,6%	2007

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

De certa forma, a predominância de egressos formados neste período já era esperada, visto que parte dos objetivos desta investigação está diretamente ligada a compreensão da visão que os meus contemporâneos têm em relação ao uso do *espaço da plataforma* com finalidades profissionais. No entanto, considerando a pluralidade de participantes destes espaços virtuais, obtivemos também respostas de egressos que se formaram fora do recorte

delimitado por esta pesquisa. Optei por analisar também estes questionários em consequência da baixa adesão de respostas, mas também por enxergar uma oportunidade de compreender a visão de colegas mais experientes sobre este tema.

É válido salientar que em 2019 foi aprovada uma nova proposta, discutida entre docentes e representantes discentes no ano de 2018. Porém, devido aos atrasos proporcionados pelo contexto pandêmico e em virtude do período em que este questionário foi aplicado, não obtive respondentes formados pelo atual currículo do curso de História da UFRN.

Os profissionais relataram uma atuação diversa em relação à modalidade de ensino. 25% trabalham na rede pública (municipal ou estadual), 32,1% na rede privada e 3,6% em âmbito público e privado. Chama a atenção o fato da maior parcela de egressos, 39,3%, não atuarem na área<sup>11</sup> no momento de aplicação do questionário. Destes, 40% citaram como motivo o desemprego, 40% a dedicação exclusiva à pós-graduação, 10% a mudança exclusiva de área e 10% estão atuando profissionalmente enquanto historiadores, mas não necessariamente em sala de aula.

As situações apontadas pelos dados não são uma exclusividade dos licenciados em História. O Mapa do Ensino Superior, uma pesquisa realizada pelo Instituto SEMESP no ano de 2024, dedicou um capítulo especial para discutir os dados referentes aos cursos de licenciatura no país. O cenário assusta: em comparação com outras áreas, as licenciaturas possuem um índice de desemprego superior, apresentando 30,2% de desempregados contra 25% das demais profissões.

É válido salientar, no entanto, que a despeito do alarido causado pela pesquisa, a situação precisa ser analisada a partir de um prisma mais amplo. O Instituto responsável pelo levantamento de dados é mantido pela SEMESP, uma entidade cuja função é representar mantenedoras de ensino superior do Brasil. De acordo com o site da associação, há um desejo de tornar-se “(...) a maior parceira de instituições brasileiras de ensino superior privado, [bem como] consolidar a transformação e desenvolvimento da educação no país; (Semesp, 2024a)”.

Nesse sentido, considerando a intrínseca ligação da responsável pela pesquisa com a rede de ensino superior privada, é importante considerar os interesses que movem a instituição ao divulgar dados com narrativas catastróficas. Com esse parêntese, não busco desqualificar as pesquisas elaboradas, mas salientar que a maneira através da qual esse

---

<sup>11</sup>Ao pontuar que os egressos não estão atuando na área, considero a atuação em sala de aula, tendo em vista que o foco da análise desta dissertação é a identidade profissional do licenciado em História.

discurso foi elaborado e levado ao grande público não pode ser desconsiderada em nossa análise.

Não causa espanto o número de respondentes do questionário que mudaram de área de atuação, considerando que “Profissionais com ensino superior completo e que atuam em áreas ligadas à licenciatura, como docentes e pedagogos, entre outros, ganham, em média, 43,9% a menos do que trabalhadores de outras áreas” (Semesp, 2024b, p. 104). A histórica precarização da profissão docente é um fator determinante para a mudança de área, o desemprego e, por vezes, pela opção que os egressos fazem em buscar a carreira acadêmica. Esse cenário é o que leva 87,7% dos 444 docentes entrevistados pelo Instituto que trabalham na rede privada de ensino a afirmarem que já pensaram em desistir da profissão ao menos uma vez.

Em relação à faixa etária desses egressos, fator que hipotetizei inicialmente ser importante para a predisposição ao uso do *espaço da plataforma* com finalidades profissionais, identifiquei que 50% possuem entre 26 e 33 anos, 25% está entre 18 e 25 anos, 17,9% têm entre 34 e 42 e 7,1% está entre 43 e 52 anos. A faixa etária que constitui a maioria dos respondentes ao formulário, o intervalo entre 26 e 33 anos, será analisada de forma mais aprofundada *a posteriori*.

Sobre o uso profissional do *Instagram* pelos egressos, 53,6% dos professores afirmaram ter utilizado para fins profissionais, enquanto 46,4% responderam que nunca o fizeram. Entre os motivos citados para o uso profissional, os principais foram divulgação (40%), visibilidade profissional (26,7%), necessidade de separação dos perfis pessoais e profissionais para garantir privacidade (13,3%), comunicação com os alunos (13,3%) e busca por aumento de renda (6,7%).

A busca por divulgação e visibilidade, citadas pela maioria dos respondentes, se relaciona diretamente com a alta porcentagem de egressos que não estavam atuando profissionalmente no recorte temporal analisado. Assim, buscaram através da atuação em ambiente virtualizado, por meio das plataformas, conquistar uma posição no mercado de trabalho privado ou melhores remunerações. Além disso, o fator monetário, embora menos citado em relação aos outros tópicos, não pode ser desconsiderado. Sobretudo quando levamos em conta que 64,4% dos professores que participaram da pesquisa “perfil e desafios dos professores da educação básica no Brasil” (Semesp, 2024c) assinalaram receber por horas-aula o valor máximo de R\$50,00. Dentro desse intervalo, no entanto, é importante ter em mente que a porcentagem que se aproxima desse teto é mínima. A maior parte dos

respondentes ganha por hora menos de R\$20,00 a depender da região do país em que atua, da formação que possui e da modalidade de ensino em que trabalha.

Dentre os que relataram nunca ter usado a rede profissionalmente, as justificativas apresentadas apontaram o medo da exposição (25%), a dificuldade com o uso das ferramentas do *Instagram* (30%), desinteresse (20%), ausência de recursos materiais (10%), inacessibilidade aos alunos (10%), incerteza quanto ao retorno financeiro (10%) ou atuação em outra área (10%) como justificativas.

Ao relacionar os dados encontrados com a pesquisa “perfil e desafios dos professores da educação básica no Brasil” (Semesp, 2024c) é possível concluir que a dificuldade de acesso à tecnologia por parte dos profissionais da educação e dos alunos é um fator importante na escolha pelo não uso das plataformas profissionalmente. Dentre aqueles que trabalham majoritariamente ou exclusivamente na rede pública de ensino, uma média de 66% classifica o acesso à tecnologia nas escolas em que trabalham como regular, ruim ou péssimo. Durante a pandemia de COVID-19 a situação se agravou, considerando que nem a essa tecnologia deficitária os alunos tiveram acesso, evidenciando os desafios dos docentes em relação à desigualdade social e a exclusão digital que parcela considerável dos alunos de ensino público são submetidos.

Para além disso, aqueles que porventura cogitassem o uso precisariam fazer um investimento que, embora seja relativamente baixo, possui um alto índice de incerteza quanto ao seu retorno. Nem todos que se aventuram na *internet* com finalidades profissionais conquistam reconhecimento social e ganhos financeiros.

Sobre a escolha do *Instagram* em relação a outras plataformas para fins profissionais, o motivo mais citado foi o alcance do público (50%), seguido pelos recursos da plataforma (22,7%), a familiaridade com a rede social (18,2%) e a viabilidade para as propostas planejadas (9,1%). Quanto aos objetivos de quem fez esse uso, 47,6% dos profissionais o utilizam para divulgação, 38,1% para comunicação e 14,3% para monetização.

A formação oferecida pela UFRN foi vista como insuficiente para atender as demandas do uso do *ciberespaço* com finalidades profissionais por 78,6% dos egressos, enquanto 7,1% responderam que receberam formação adequada, 7,1% acreditam que o curso ajudou pouco, 3,6% acreditam que ajudou em partes e 3,6% apontam que ajudou indiretamente.

Na visão daqueles que relataram não terem sido instrumentalizados pela formação inicial, os debates incipientes sobre o tema no período de suas formações (37,5%), a aparente aversão dos docentes do departamento (25%), o foco acadêmico da formação oferecida pelo

curso de História da UFRN (25%) e a falta de um docente que possua formação específica na área (12,5%) foram razões vistas como impedimentos para a capacitação adequada desses historiadores no que diz respeito à atuação profissional no *ciberespaço*.

A porcentagem de egressos que afirmou ter sido formada para atuação no *ciberespaço* de alguma maneira pela formação inicial recebida, acredita que esse auxílio foi realizado superficialmente, sem aprofundamento (42,9%), em avaliação de disciplinas (28,6%), através de cursos realizados no IMD<sup>12</sup> (14,3%) ou a partir do incentivo de algum docente específico ao uso (14,3%).

Quanto ao impacto da pandemia de COVID-19 na atividade docente, observou-se que 89,3% dos egressos afirmaram terem sido afetados, enquanto 10,7% relataram não terem percebido impacto em âmbito profissional. Aqueles que não foram afetados justificaram sua resposta afirmando que ainda não estavam atuando em sala de aula durante o período pandêmico, seja devido ao desemprego, envolvimento em programas de pós-graduação com dedicação exclusiva ou ainda em outros cursos de graduação.

Aqueles que se viram impactados em seus cotidianos laborais durante a pandemia perceberam como transformações o aumento da demanda de trabalho (19,4%), o aumento da necessidade de uso do ambiente virtual (19,4%), mudanças no cotidiano e vivência escolar (13,9%), queda no rendimento e participação dos alunos (13,9%), adoecimento psicológico (11,1%), mudança de visão sobre o uso das redes (8,3%), desemprego (5,6%), dificuldade no acesso aos arquivos de suas pesquisas (5,6%) e mudança de área (2,8%).

O “novo normal”, proporcionado pelas consequências da pandemia de COVID-19, foi sentido pela classe docente como um todo, que se viu afetada pelo aumento da demanda de trabalho, a dificuldade para utilizar os recursos digitais e a insegurança sanitária em relação ao avanço da doença. Tamanho foi o reconhecimento desse cenário que docentes vinculadas ao Programa de Pós-graduação em psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) desenvolveram o projeto de extensão “Trabalho e saúde mental dos professores durante e após a pandemia de Covid-19”.

Diante do adoecimento provocado pelo cenário pandêmico, é válido salientar também que as demandas foram diversas em relação ao contexto de trabalho público e privado. De acordo com Eduarda Paz, responsável pela equipe de reportagem da UFSM:

---

<sup>12</sup> IMD é a sigla para Instituto MetrÓpole Digital, uma unidade acadêmica especializada, cuja missão corresponde a fomentar a criação de um Polo Tecnológico em Tecnologia da Informação (TI) no estado do Rio Grande do Norte. Lá, sazonalmente, são oferecidos cursos abertos à comunidade acadêmica, objetivando relacionar o uso da tecnologia com as licenciaturas através do desenvolvimento de jogos digitais, por exemplo.

Na rede pública, a sobrecarga dos docentes somou-se à preocupação e ao sentimento de impotência em relação às dificuldades de acesso dos estudantes às aulas online. (...) Já na instituição privada, foi ressaltada a alta exigência das famílias dos estudantes em relação às atividades escolares, junto com a falta de compreensão da realidade de cada profissional (Paz, 2021).

Na supracitada pesquisa da Semesp com professores do ensino básico (Semesp, 2024c), ao serem perguntados se percebem ou perceberam alguma mudança de comportamento nos alunos nos últimos anos (2019-2023), 95% dos docentes responderam que sim. Dentre as mudanças, desinteresse, dificuldade de concentração, ansiedade, introspecção, apatia, uso excessivo de telas e desrespeito com professores e colegas foram alguns dos aspectos que sofreram transformações. Nesse sentido, é possível afirmar que atualmente os professores de todo o Brasil estão lidando com as consequências do período de isolamento social proporcionado pela pandemia de COVID-19, bem como com as implicações da influência cada vez maior do mundo digital na vida dos estudantes.

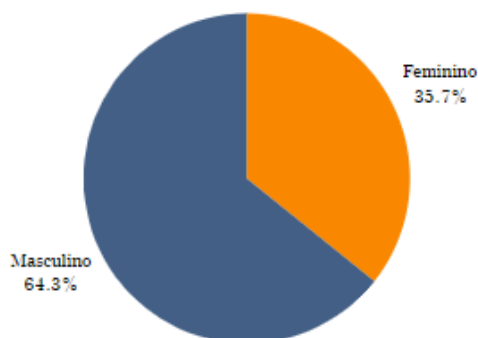
### **1.3 Versões e atualizações: análise dos dados da faixa etária de 26 a 33 anos**

De acordo com os dados apresentados pelo formulário, a faixa etária que engloba a maioria dos respondentes é a de 26 a 33 anos. Por isso, a partir de agora, concentrarei o aprofundamento da análise nas respostas elaboradas por esses sujeitos, que vivenciam a realidade profissional do egresso do curso de História da UFRN.

É válido salientar, no entanto, que ao adotar os questionários como fontes, estamos lidando não com a realidade, mas com a percepção que estes sujeitos têm da formação que receberam. Os dados analisados, nesse sentido, são produtos da memória destes egressos, elaborações discursivas carregadas de subjetividades, que expõem, conscientemente ou não, as experiências individuais de cada um durante a sua graduação.

Apesar disso, acreditamos que a análise desse conjunto de dados, de maneira coletiva, é capaz de nos fornecer dados importantes acerca da graduação presencial em História oferecida pelo Campus Central da UFRN.

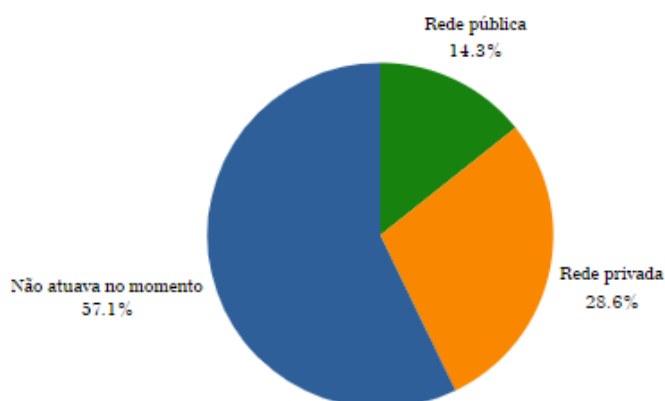
Nesta faixa etária, a composição de gênero é dada por 64,3% de homens e 35,7% mulheres, conforme é possível observar no gráfico 1:

**Gráfico 1** - Distribuição de gênero na faixa etária de 26-33 anos

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A proporção encontrada destoa da estrutura dos cursos de licenciatura, tradicionalmente formados por uma maioria feminina. No ano de 2022, 73,3% das matrículas dos cursos, de acordo com dados do INEP<sup>13</sup>, eram de alunas.

Destes, 14,3% trabalham na rede pública de ensino e 26,6% trabalham na rede privada. No entanto, a maioria dos respondentes, 57,1%, não estava atuando na área durante o período em que o questionário foi respondido.

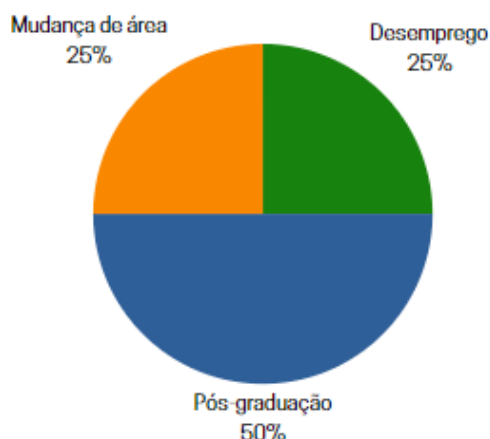
**Gráfico 2** - Modalidade de atuação profissional na faixa etária de 26-33 anos

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Perguntados sobre as causas para a não atuação, os respondentes listaram a dedicação exclusiva a alguma pós-graduação (50%), mudança para outra área (25%) e desemprego (25%) como as principais razões para esse cenário.

<sup>13</sup> Dados sistematizados pelo Instituto Semesp no Mapa do Ensino Superior do Brasil, baseados no Censo da Educação Superior elaborado pelo INEP.

**Gráfico 3** - Razões para não atuação na área de formação na faixa etária de 26-33 anos



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

As respostas proporcionam uma reflexão acerca da trajetória desses sujeitos no momento imediatamente posterior à sua formação, permitindo compreender também o cenário relativo à dificuldade de inserção no mercado de trabalho, o que, em partes, explicaria o alto número (57,1%) que disse não estar em atuação. Essa realidade, no entanto, não é exclusiva do mercado de trabalho potiguar.

Em matéria publicada no site Café História, Lucas de Oliveira Rocha, formado em História pela UnB no ano de 2022, comentou o cenário que encontrou após a conclusão do seu curso de ensino superior:

Fiquei a graduação inteira tentando arrumar um estágio e eu só consegui porque, no último ano, eu tive um quem me indicasse. No Distrito Federal é bem difícil conseguir aulas em escolas particulares. Você precisa ter um contato, alguém para te indicar. O currículo na maioria das vezes não basta (Carvalho, 2024).

De acordo com o Mapa do Ensino Superior no Brasil, 68,4% dos egressos das licenciaturas em História estão desempregados ou atuando fora da área de formação. Essa dificuldade de inserção no mercado de trabalho, observada no relato de Lucas Rocha e nas respostas aos questionários aplicados, é uma questão que está para além da área das humanidades.

O levantamento realizado pelo Instituto Semesp em setembro de 2024, com 5681 egressos de cursos de licenciatura de todo o Brasil, demonstra que a baixa empregabilidade, o processo de precarização da profissão, as frágeis condições de trabalho e os problemas de saúde mental dos docentes são fatores determinantes para a escolha de uma segunda profissão (Semesp, 2024b).

Insta apontar que a faixa etária analisada neste tópico compreende profissionais recém formados, o que sugere também uma fase de transição entre a formação e a atuação. Considerando então que estes sujeitos estão se posicionando no mercado de trabalho, torna-se comum - e até esperada - a dificuldade de inserção neste espaço.

No entanto, é importante notar que para parte dos egressos esse cenário também é consequência da necessidade de dedicação exclusiva à pós-graduação, justificativa citada por 50% dos respondentes nesta faixa etária, o que representa 25% do total de respostas deste levantamento realizado através dos questionários.

Essa é uma condição que pode ser imposta aos alunos bolsistas pelos programas de pós-graduação em História, apesar das disposições contidas nas portarias nº 133/2023 e 187/2023 publicadas pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão responsável pelo fomento e financiamento às pesquisas de iniciação científica e pós-graduação.

O Ato Administrativo nº 133/2023, especificamente em seu artigo terceiro, dispõe que os PPG poderão regulamentar ou atualizar os critérios para permissão ou vedação do acúmulo de bolsas em seus regimentos internos, concedendo autonomia às instituições no que se refere a este tópico. No entanto, ainda que permita, a CAPES não estimula o acúmulo da bolsa de pesquisa com o vínculo laboral a partir do momento em que busca padronizar situações que diferem entre os departamentos.

Nos cursos cuja empregabilidade é rápida e o salário inicial costuma ser mais alto, como tecnologia da informação e algumas engenharias, os estudantes tendem a optar pela manutenção de seus vínculos empregatícios. Nesses casos, temerosos em relação à possibilidade de, devido ao não uso das bolsas disponibilizadas, perdê-las nos anos seguintes, estes PPG costumam permitir o acúmulo.

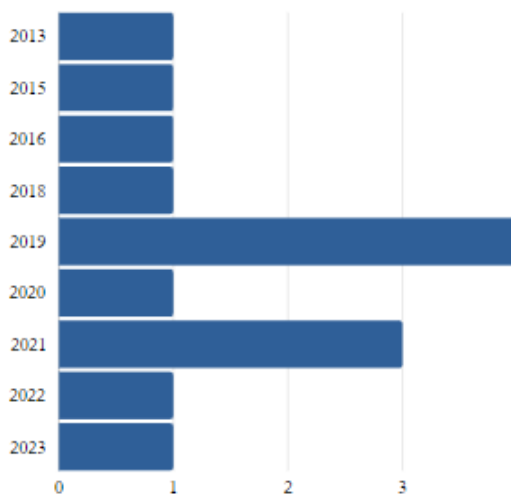
Essa realidade difere do que se observa em programas de pós-graduação das áreas de ciências humanas, onde a demanda por bolsas é consideravelmente superior à oferta. Por essa razão, o PPGH/UFRN até o presente momento não possui nenhum aluno que acumule atividade remunerada e a bolsa CAPES. No caso das humanidades, onde muitas vezes a pós é vista como uma oportunidade diante do desemprego ou uma possibilidade de seguir na área longe das salas de aula do ensino básico, estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica dependem de suas bolsas para sobreviver. Sem elas, quiçá poderiam cursar mestrado e doutorado. Por essa razão, na tentativa de padronizar as decisões dos PPG, o modelo adotado finda por aprofundar assimetrias, o que em alguns casos pode afastar os profissionais da experiência em sala de aula. Estes, a partir do momento em que defendem

suas dissertações e teses, perdem suas bolsas e enfrentam dificuldades devido à falta de experiência ou de contatos profissionais ao buscar emprego em instituições da rede privada de ensino.

Outra razão também mencionada é o alto peso atribuído às provas de títulos em concursos públicos, o que dificulta e, por vezes, inviabiliza a aprovação de profissionais recém-formados na rede pública de ensino. Aqueles com títulos, por outro lado, enfrentam desafios de inserção na rede privada devido à falta de experiência, enquanto graduados sem pós-graduação têm poucas chances de obter uma boa classificação em concursos públicos devido ao mesmo critério das provas de títulos.

O período de formação desses sujeitos, que nos possibilita investigar os planos de curso e as grades curriculares a que tiveram acesso ao longo das suas graduações, está contido entre os anos de 2013 e 2023. Nesse sentido, é possível perceber que suas formações iniciais foram regidas por planos de curso aprovados em 2009, 2013 e 2019.

**Gráfico 4-** Ano de conclusão do curso na faixa etária de 26-33 anos



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Quando questionados sobre o uso do *Instagram* para fins profissionais, 57,1% dos respondentes afirmaram já ter utilizado, enquanto 42,9% responderam que não.

**Gráfico 5-** Uso do *Instagram* com finalidades profissionais na faixa etária de 26-33 anos



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Destacam-se entre as motivações para o uso as possibilidades de divulgação do trabalho produzido (57,1%), a construção de um portfólio virtual para aumentar a percepção de autoridade (28,6%) e a busca por emprego (14,3%). Isso indica que uma parte significativa dos egressos do curso percebe a *internet* como uma ferramenta não apenas para sua inserção no mercado de trabalho, mas também como uma oportunidade de transição para instituições que ofereçam condições de trabalho mais vantajosas.

Em “O historiador com CNPJ: depressão, mercado de trabalho e História Pública”, Pedro Telles da Silveira (2020) discute o dilema vivenciado pelos formandos, que muitas vezes se veem diante da “escolha de Sofia”.<sup>14</sup> O autor aponta que a ausência de uma reflexão acerca da identidade profissional de historiadores nas graduações para o crescente contingente de alunos que não ocupará uma vaga nos programas de pós-graduação ou não seguirá pelo caminho da docência é um dos motivos que ocasionam a abertura do espaço de discussão sobre o impacto subjetivo e as pressões psicológicas da vida universitária. Assim, quando se veem em um cenário de ausência de opções, vivem um impasse com o receio de “abandonar” a academia, o que também implica –para muitos – no abandono do sonho de ascender socialmente através da conclusão do ensino superior. (Silveira, 2020, p.11). Esse abandono de sonhos, portanto, pode gerar um adoecimento psicológico nesses profissionais, contribuindo para o aumento expressivo dos casos de depressão, *burnout* e demais psicopatologias e síndromes ligadas ao mundo do trabalho.

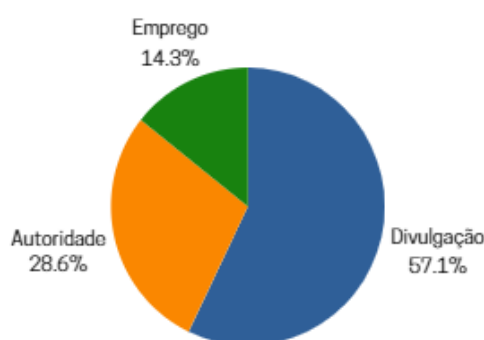
Byung-Chul Han, ao afirmar que “vivemos em um cenário em que não podemos mais escapar do trabalho” (Han, 2018, p. 65), reflete sobre questões relativas ao adoecimento

<sup>14</sup>A expressão “Escolha de Sofia” é uma analogia a um filme de drama estadunidense de 1982, em que Sofia, personagem principal, é uma das prisioneiras de Auschwitz. Mãe de dois filhos, Sofia é obrigada por um soldado nazista a escolher apenas um dos seus filhos para sobreviver. Caso não escolha, ambos irão morrer. Portanto, a expressão denota uma escolha complicada, que requer sacrifício para ser tomada.

profissional na contemporaneidade, bem como ao acúmulo de trabalho e a supressão do descanso, apontadas pelos profissionais e potencializadas no cenário pandêmico. Esse “não limite” entre a descontração ou a casualidade e a vivência da profissão em *home office* confunde as fronteiras entre o trabalho e o descanso (Laitano, 2020, p. 177), contribuindo, de certa forma, para uma conjuntura que reflete a eclosão de uma nova categoria de análise da experiência desses profissionais, conceituada por Guy Standing (2013) como precariado. Essa nova forma de vivência compreende “a situação dos novos trabalhadores que, na virtual ausência de direitos trabalhistas, estão sujeitos a contratos intermitentes ou instáveis e são frequentemente autoempregados, mesmo quando trabalham para alguém (Silveira, 2020, p.18). O conceito difere da ideia de uberização porque considera tanto cenários em que o trabalhador está em desvantagem, como no caso dos trabalhadores por aplicativo, quanto os que, embora vulneráveis em relação aos direitos trabalhistas, estão minimamente resguardados, como os microempreendedores individuais, os MEI.

As inquietações e incertezas ligadas à inserção do historiador no mercado de trabalho podem ser elencadas como possíveis razões para a migração, parcial ou completa, desses profissionais para o *ciberespaço*, bem como para a mutabilidade das identidades profissionais na contemporaneidade (Silveira, 2020), influenciadas pela contínua expansão das grandes empresas de tecnologia. Em meio a essa busca, o historiador encontra no *ciberespaço* um espaço propício para a divulgação de seus serviços, a construção de suas identidades profissionais e o alcance de um público que pode lhes contratar tanto para atividades autônomas ou efetivá-los formalmente em uma instituição de ensino privado. No *Instagram*, esse uso pode ser feito com pouco ou nenhum investimento financeiro inicial, o que proporciona aos profissionais em início de carreira uma oportunidade de exercer sua profissão através da produção de conteúdo.

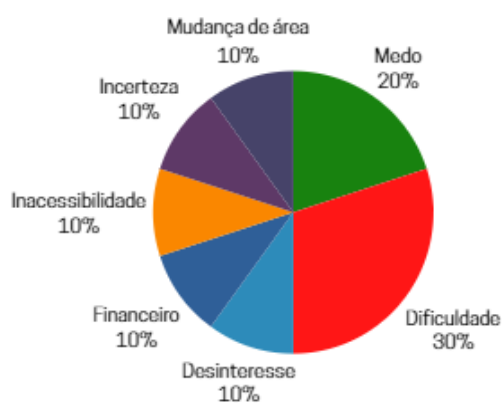
**Gráfico 6-** Motivações para uso do *Instagram* com finalidades profissionais na faixa etária de 26-33 anos



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Aqueles que assinalaram não utilizar, por outro lado, atribuíram sua escolha à insegurança em relação ao retorno financeiro, além de apresentarem receios em relação ao volume de trabalho relacionado à produção de conteúdo. Outro tópico citado e relevante para nossa análise foi o fato de não se sentirem confortáveis com a exposição, a escassez de conhecimentos técnicos sobre posicionamento e marketing profissional, falta de tempo e falta de equipamentos, cada uma dessas razões sendo citadas uma única vez.

**Gráfico 7-** Motivações para não utilização do *Instagram* com finalidades profissionais na faixa etária de 26-33 anos



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

O cenário que se desenhou a partir do formulário permite compreender que a ausência e entraves relacionados ao posicionamento público nas plataformas têm relação direta com a sobrecarga laboral associada ao trabalho docente, que trabalha antes, durante e depois de cada aula. Essa demanda cíclica de atividades dificulta o planejamento e a organização necessários para a atuação em um espaço no qual não se sentem familiarizados. Além disso, essa percepção das plataformas como possibilidade depende diretamente da afinidade que esses sujeitos possuem com a exposição neste espaço, onde o imperativo de transparência e a busca cada vez maior por visibilidade se configuram como mais uma forma de exploração capitalista.

De acordo com Han (2017), vivemos em um tempo pós-moderno, caracterizado por relações de produção em que o próprio sujeito é também objeto propaganda, tendo seu valor diretamente ligado ao quanto está disposto a se expor e, assim, fazer parte de uma sociedade hipervisível, pornográfica e transparente. Nesse sentido, indivíduos que não estão dispostos,

por timidez ou alguma outra razão, a fazer parte desta sociedade do espetáculo, fruto da aceleração característica das mídias sociais, encontram nesse cenário um significativo entrave.

Assim, embora os dados apresentem uma tendência significativa de uso do *Instagram* como uma ferramenta profissional, principalmente para divulgação e visibilidade, há também uma demanda relacionada à separação dos perfis e a comunicação com os alunos, permitindo-nos perceber que as razões relacionadas ao uso dessa rede social também permeiam o âmbito pessoal e questões relativas à privacidade desse profissional.

Considerando que a maioria dos historiadores que disseram estar em atuação o fazem na rede privada de ensino, exclusivamente ou não, é possível relacionar o medo da exposição relatado por esses profissionais como derivado de causas como a cultura de cancelamento<sup>15</sup> e *hate na internet*, uma das maiores razões de adoecimento psicológico daqueles que usam esse espaço profissionalmente, o que ocorre quando são postadas opiniões polêmicas, controversas ou até mesmo quando alguma fala é mal interpretada, para além dos momentos em que o profissional, por ser humano, pode postar alguma fala equivocada.

A medialidade do *ciberespaço*, caracterizada pela falta total de distância entre os âmbitos público e privado, é nociva ao respeito. Sob a égide de encurtar as distâncias físicas, o excesso de proximidade característico do meio digital possibilita aos usuários, a partir do anonimato, a transposição dos limites e do respeito. Essa comunicação digital, destituída de corpo e de rosto, é também pobre de olhar, nos afastando cada vez mais de enxergar o outro em consequência de uma narcisificação da percepção. Assim, é possível afirmar que o excesso de proximidade acaba por afetar a noção de alteridade, gerando indivíduos autocentrados e apáticos em relação aos sentimentos do outro (Han, 2018).

Esse possível cancelamento, para além das consequências psicológicas, poderia repercutir negativamente na relação do professor com a escola em que trabalha. Considerando que escolas privadas também são, em grande medida, empresas, uma atitude mal-vista de um profissional relacionado a elas poderia acarretar uma cobrança pública por uma ação enérgica da escola, bem como poderia estender a ela o cancelamento, além de degradar a imagem do profissional e dificultar sua admissão em outras instituições.

Outro aspecto apontado pelos respondentes diz respeito à dificuldade com o uso das ferramentas do *Instagram*, que pode estar relacionada também ao entrave que o historiador

---

<sup>15</sup>A chamada cultura do cancelamento é um movimento virtual que proporciona o desgaste de imagem de um sujeito ou instituição quando estes tomam alguma atitude considerada errada pelos internautas. Imbuídos por uma discordância que, por vezes, beira a intolerância, os usuários fomentam a disseminação de ódio e incitam ataques ao alvo do cancelamento, sem que haja a possibilidade de direito de defesa do sujeito que está no centro do movimento. Nesse sentido, na busca por justiça, muitas vezes os “canceladores”, paradoxalmente, cometem injustiças.

encontra para pensar sobre trabalho e relações trabalhistas dentro da História, conforme aponta Silveira (2020). Considerando que no curso de História da UFRN, foco da nossa análise, não existem disciplinas voltadas à inserção desse profissional no mercado de trabalho, seja o tradicional, seja o digital, a hipótese aqui elencada encontra nessa lacuna uma possibilidade bastante plausível. Universidades como a UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul) têm realizado essa discussão a partir de componentes curriculares como “Profissão Docente: identidade, carreira e desenvolvimento profissional”, cujo objetivo diz respeito a debater sobre o mercado em que parte do público formado irá se inserir, demonstrando uma preocupação com a integração entre a universidade e o mercado de trabalho.

É válido, nesse sentido, apontar que a ausência de uma formação que instrumentalize o historiador para o uso das plataformas digitais não é exclusividade da UFRN. Em levantamento realizado para a confecção de um artigo ainda não publicado, constatei que diversas universidades das regiões Norte e Nordeste sofrem da mesma dificuldade. Assim, a situação da UFRN é utilizada como um ponto de partida para refletir sobre as condições dos cursos de História de forma geral, se constituindo como um *ethos* de experimentação.

Em relação às possibilidades de atuação do historiador para além da academia e das salas de aula, a regulamentação da profissão do historiador representa um avanço nesse aspecto, considerando que versa sobre as possibilidades de atuação deste profissional na sociedade. No entanto, as discussões sobre a inserção destes sujeitos no mercado de trabalho permanecem distantes da academia, instituição responsável pela formação inicial da categoria. Ao refletir sobre a existência de um mercado de trabalho para o historiador, Bruno Fagundes *et al* (2021) aponta que a Lei 14.038/2020:

Pode gerar uma ampliação do mercado de trabalho para historiadores e historiadoras, algo que deve ser destacado no contexto atual, de amplo ataque aos direitos de trabalhadoras e trabalhadores - precarização que também alcança os profissionais da História, seja do magistério ou de outras áreas (Fagundes *et al*, 2021, p.18).

Um exemplo pertinente dessa ampliação diz respeito às mudanças na atuação de historiadores em consequência da influência cada vez maior das plataformas digitais. Ainda que estes espaços se constituam como possibilidades, é preciso considerar que as condições de atuação do historiador neste ambiente são frágeis, sobretudo pela ausência da garantia de direitos trabalhistas e das dificuldades inerentes à atuação autônoma nesse mercado. Somados a isso estão os obstáculos encontrados por esses profissionais quando, mesmo sem uma direção clara, tentam trabalhar no virtual. Apesar das perspectivas oferecidas pelo trabalho no

mundo virtual, não é possível pensar em uma ampliação da atuação deste profissional “se prevalecer a concepção da História circunscrita a um saber cuja validação é a de formar para a docência e o ensino” (Fagundes *et al*, 2021, p.21).

É mister que sejam realizadas mudanças na formação desses profissionais. Não desejo, no entanto, oferecer soluções que culminem em uma preparação mercadológica e alienada, transformando o ofício em um mero ato de “apertar parafusos”, mas incentivar a construção de habilidades que permitam a esse sujeito atuar de maneira crítica e consciente nesse novo espaço, esclarecidos das relações sociais, ideológicas e econômicas que regem o digital enquanto um espaço fabricado para atender as demandas do capitalismo no século XXI.

Este trabalho, portanto, não intenciona incentivar uma ode cega às novas possibilidades digitais, mas defender a necessidade de discussão do tema, por vezes negligenciado nos espaços universitários. Pensar sobre as condições laborais que o historiador irá enfrentar após a conclusão do seu curso de graduação é oferecer a ele a oportunidade de fazer escolhas mais conscientes, se reconhecer enquanto classe e, nesse sentido, atuar na luta por melhores condições de trabalho.

Para tanto, faz-se necessário “reestruturar os cursos de graduação e pós-graduação, em busca de formar profissionais com competências teóricas, metodológicas e técnicas que os tornem capazes de transitar mais livremente pelas diferentes possibilidades da seara historiadora” (Fagundes *et al*, 2021, p.24). Uma reformulação de currículos que inclua disciplinas obrigatórias, optativas e eletivas sobre o assunto pode ser um passo importante para a superação dessa situação. Não se trata de formar o historiador para um trabalho precarizado, mas de prepará-lo para subverter e, quem sabe, conquistar horizontes mais dignos fora dos meios tradicionais de atuação.

Embora não exista um consenso acerca de quais seriam essas disciplinas, considerando que no Brasil a História Pública está mais ligada às práticas e posturas dos historiadores do que a uma institucionalização, Bruno Leal (2016) sugere que existem conhecimentos fundamentais para construir uma presença estratégica nas plataformas. Uma ocupação protagonista das redes se dá apenas a partir do que o autor chama de “atitude de presença”, que depende diretamente dos conhecimentos relacionados à linguagem específica das redes, conhecimentos de design e também alguma noção em relação ao funcionamento algorítmico destes espaços.

Em outra perspectiva, ao refletir sobre os pressupostos necessários para que haja um bom uso das plataformas pelos historiadores, é possível perceber que não basta simplesmente criar um perfil e iniciar a produção de conteúdo, é preciso compreender como o espaço da

plataforma funciona. Nesse sentido, é urgente compreender que essa produção depende de estudos comprometidos principalmente com as áreas que não temos contato durante a nossa graduação, como estudos relativos à edição de vídeo, elaboração de roteiros, captação de luz e som, e um referencial teórico que venha do consumo de trabalhos prévios que auxiliem a construção dessas iniciativas (Laitano, 2020).

Laitano também pontua o não desenvolvimento dessas habilidades por meio da formação inicial dos profissionais da História, reforçando a hipótese de que os cursos de graduação não nos preparam de maneira adequada para lidar com as demandas relativas à formação do historiador no tempo presente. Essa ausência de preparo, observada sobretudo no que diz respeito à atuação em ambientes não tradicionais, é uma evidência das dificuldades enfrentadas pelas universidades no que tange à capacitação dos professores formadores de outros professores.

Por essa razão, o planejamento de uma formação mais ampla diz respeito não apenas aos departamentos de História e suas reestruturações, mas à necessidade de repensar a própria estrutura da universidade em si. Vivemos, em grande medida, apartados do convívio acadêmico com outros departamentos e áreas do conhecimento, à despeito da etimologia da palavra universidade, derivada do latim *universitas*. Essa desconexão dificulta a construção de conhecimento em comunidade, o que mobilizaria diferentes saberes e auxiliaria o desenvolvimento de uma aprendizagem multidisciplinar.

Embora não se refira especificamente ao *Instagram*, Laitano (2020) apresenta uma visão positiva em relação ao uso das redes sociais com finalidades profissionais, considerando as possibilidades de divulgação e alcance de um grande público como coringas, o que foi percebido também nas respostas do formulário aplicado. Nesse sentido, sua perspectiva é a de que o uso das plataformas como o YouTube para criar e compartilhar conteúdos especializados em História permanece uma prática importante, levando em consideração que “é crucial que a História incorpore práticas da comunicação, um campo que já está habituado às vontades de uma audiência substancial e diversa” (Laitano, 2020, p.180).

É importante perceber que, embora o uso profissional do *ciberespaço* com objetivos de monetização e comunicação seja uma alternativa que funcione para alguns profissionais, o seu uso não deve ser imperativo. A despeito disso, acredito que esta é uma realidade cada vez mais consolidada na área da educação e da história, sobretudo em consequência do crescimento de narrativas relativistas e cientificamente descompromissadas, bem como em decorrência das possibilidades de alcançar um público maior e de ser mais bem remunerado nessa modalidade de atuação.

Por isso, busco aqui refletir sobre a necessidade de discussão e instrumentalização básica para que o profissional formado, caso queira, tenha as condições necessárias para fazer um uso eficiente do espaço virtual. Compreendo as implicações e dificuldades que essa atuação pública possui, inclusive porque, em alguma medida, também fazem ou fizeram parte do meu cotidiano laboral enquanto infoprofessora.

Ao refletir sobre os desafios e impactos vivenciados por nove historiadoras e historiadores de diferentes instituições e países, a historiadora Patrícia Palma, em artigo pertencente à coletânea de Espinosa *et. al.* (2021), sistematiza razões que podem explicar a dificuldade da academia em preparar os graduandos em História para o uso profissional do *ciberespaço*.

Palma aponta que a hipervalorização dos sistemas acadêmicos de produtividade por publicações em periódicos indexados se constitui como uma barreira importante para a presença de historiadores nos espaços públicos. Ou seja, a própria estrutura de validação acadêmica se constitui como um impeditivo, ao passo que evidencia um sintoma de que a academia enxerga as formas de comunicação para um público mais amplo que os pares como algo intelectualmente mais simples e, portanto, inferior.

Por outro lado, considerando que as plataformas são espaços inventados e controlados por grandes empresas privadas do setor de tecnologia, impor indicadores voltados à produção de conteúdo nestes espaços expõe uma situação paradoxal. A maioria dos pesquisadores brasileiros, sobretudo os acadêmicos de universidades e instituições públicas, recebem verbas também públicas para a realização de suas pesquisas. Ainda que boa parte da audiência esteja presente nas plataformas, haveria coerência no uso de verba pública para a alimentação de redes bilionárias, em maioria alinhadas ao conservadorismo? Qual seria o lugar de pesquisas sobre gênero, raça, direitos humanos e democracia em espaços que são controlados apenas pelas próprias regras, sem uma robusta regulamentação governamental e inclinados à extrema direita?

No entanto, ainda de acordo com Palma (2021), aqueles que buscam, apesar das dificuldades, comunicar seus conhecimentos para um público mais amplo, se deparam também com um entrave operacional. Nem sempre esses historiadores possuem as ferramentas necessárias para atuar de maneira efetiva no mundo virtual, considerando que não foram formados para tal. Esse déficit formativo, por sua vez, é perpetuado nas gerações ensinadas por esses profissionais nos cursos de graduação, evidenciando a necessidade de se repensar com urgência a estrutura desses cursos e a formação continuada dos professores universitários.

Essa realidade aponta cada vez mais para a necessidade de diálogo entre as humanidades e os departamentos de comunicação, considerando que na graduação aprendemos a ciência histórica, mas, por vezes, não somos capazes de construí-la junto a um público que não seja composto por nossos pares. É justamente esse público, que, sim, possui interesse na História, que vem sendo bombardeado por discursos revisionistas, tendenciosos e descompromissados com a ciência histórica, haja vista que são produzidos muitas vezes por grupos sociais que possuem conhecimentos para usar de maneira eficaz as armas da comunicação no *ciberespaço*. Essa atuação fragmentada, atrelada diretamente à construção das universidades enquanto espaços de poder, evidencia as disputas corporativas e a dificuldade de diálogo que negam à História Pública e à História Digital um lugar na formação oferecida pelas licenciaturas.

Há, de acordo com Schmidt (2018, p.17), um movimento dos historiadores, seja por afinidade ou necessidade financeira, rumo a uma atuação que fuja da dualidade professor/pesquisador, o que reforça a importância da reflexão sobre esses temas e possibilidades já durante a formação inicial.

No contexto atual, há também uma demanda de fabricação de uma persona que não somente produza e ensine a um público especializado, mas também comunique a História em outros âmbitos e para outros públicos. De acordo com Malerba (2014):

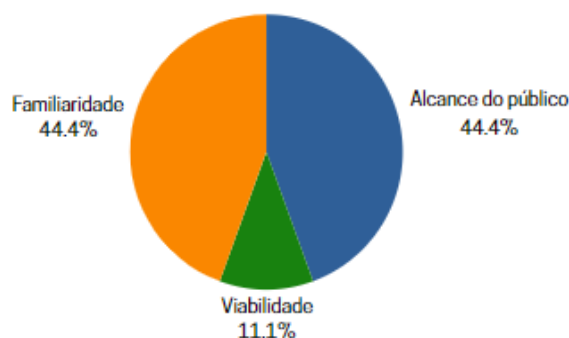
Constata-se uma sensível demanda social por História nos mais diversos espaços de formação de opinião fora das universidades, novos lugares de exercício da profissão, uma demanda crescente de consumo popular de história, verificável no aparecimento de revistas especializadas de divulgação com grandes tiragens e, por outro lado, uma agressiva produção “historiográfica” que insiste em se autopromover como uma “nova história” – não acadêmica, diferente e superior àquela (Malerba, 2014, p. 31-32).

Assim, para além do historiador que é professor e/ou pesquisador, se fortalece também a identidade do historiador comunicador e mediador, que disputa espaço com outros comunicadores, nem sempre acadêmicos, como os citados acima por Malerba (2014). Essa historiografia, para Fernando Nicolazzi (2019), abarca não somente a escrita da História por acadêmicos e voltada para os pares, mas também outras modalidades discursivas, como a historiografia de circulação ampla, ligada diretamente ao campo da História Pública.

Em relação a escolha do *Instagram* como plataforma em detrimento das demais disponíveis, os graduados responderam que optaram por ela porque se sentem mais familiarizados com os recursos de comunicação disponíveis na plataforma (44,4%), percebem

que ela oferece uma maior proximidade com o público (44,4%) e acharam que ela era mais adequada para a realização dos projetos que estavam desenvolvendo (11,2%).

**Gráfico 8-** Motivações para a escolha do *Instagram* como rede social profissional pela faixa etária de 26-33 anos

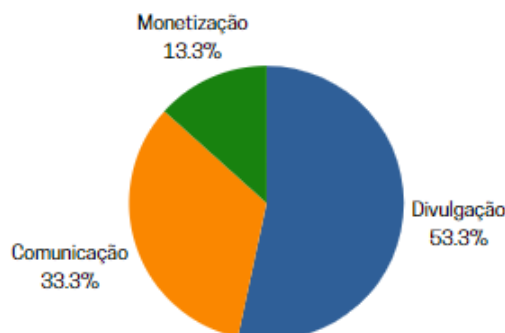


Fonte: Dados da pesquisa (2024)

É possível, nesse sentido, estabelecer relação entre essa familiaridade com a interface do *Instagram* e a faixa etária dos entrevistados. De acordo com pesquisa realizada pelo site Opinion Box (2024), cerca de 59% dos usuários brasileiros da plataforma possuem entre 18 e 34 anos, intervalo que encontra interseção na faixa etária analisada de maneira mais aprofundada no formulário, englobando egressos entre 26 e 33 anos.

Os respondentes usaram a rede social com o objetivo de divulgar seus trabalhos (53,3%), para se comunicar com outros profissionais e interessados (33,3%), e em alguns casos, para buscar oportunidades de monetização (13,4%). As respostas, portanto, sugerem que esses graduados veem o *ciberespaço* como um ambiente de oportunidades, ainda que não tenham recebido uma formação específica para atuar profissionalmente nesse contexto. Essa visão por vezes romantiza uma atuação precarizada e desprotegida, mas que em meio a um cenário de desemprego, surge como “luz no fim do túnel”.

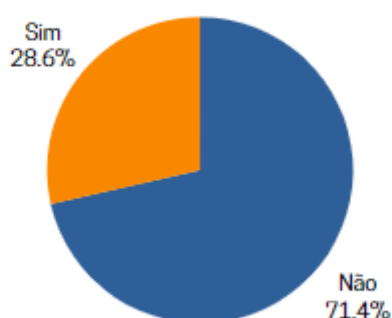
**Gráfico 9-** Objetivos no uso do *Instagram* como rede social profissional pela faixa etária de 26-33 anos



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A formação inicial recebida pela UFRN, de acordo com 71,4% dos egressos, não lhes auxiliou no uso profissional do *ciberespaço*. Por outro lado, 28,6% dos respondentes apontaram que o curso foi útil na instrumentalização deste aspecto em alguma medida.

**Gráfico 10-** Efetividade da formação inicial oferecida pela UFRN no uso do *ciberespaço* de acordo com a percepção da faixa etária de 26-33 anos



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Os motivos citados por aqueles que sentem que suas formações iniciais não foram úteis incluem a falta de interesse por parte dos professores em relação ao tema (20%), a falta de especialização do corpo docente na área (20%), uma abordagem muito focada na carreira acadêmica durante o curso (40%), e uma discussão limitada sobre o *ciberespaço* durante os estudos de graduação (20%). Conforme já apontado no subtópico anterior, é importante considerar que esses egressos foram formados por planos de curso diversos, produzidos entre os anos de 2009 e 2013. A escolha de um currículo por parte dos departamentos universitários denota também um processo político de seleção daquilo que se considera mais pertinente à formação dos futuros historiadores, o que gera disputas internas devido às discordâncias teóricas, metodológicas e epistemológicas.

Nesse sentido, as mudanças no planejamento daquilo que será ofertado aos alunos nem sempre acompanha o ritmo que as mudanças tecnológicas e epistemológicas imprimem aos profissionais do século XXI. Essa nova relação do historiador com as urgências do tempo em que vive é discutida por Pereira e Araújo (2019, 2021) através da ideia de atualismo, um regime de historicidade em que o sujeito se vê constantemente desatualizado, sempre em meio a necessidade de uma nova versão de si.

Outro aspecto importante que deve ser considerado diz respeito aos processos formativos aos quais os docentes do departamento foram submetidos, sobretudo considerando o tempo de carreira de cada profissional e as diferenças geracionais que compõem o quadro de professores do curso de História da UFRN. Se atualmente os campos da História Pública e da

História Pública digital ainda não são uma realidade trabalhada de maneira uniforme pelos cursos de história, é possível inferir que, há décadas, esse descompasso era ainda mais evidente.

Assim, tendo em vista que a formação inicial desses historiadores possivelmente não lhes preparou para lidar com essa nova realidade, é plausível, de certa maneira, compreender o porquê do pouco interesse em trabalhar esses temas em sala de aula. Por outro lado, considerando que o ofício do professor é constituído pela necessidade de uma formação continuada, sobretudo para aqueles que são responsáveis pela formação de outros docentes, é ímpar que as demandas do tempo presente sejam também consideradas por estes.

Há que se considerar também a possibilidade de, para além das ementas e da própria percepção destes respondentes, haver um esforço por parte dos docentes em tentar não somente inserir o graduando neste universo, mas também de construir habilidades que poderiam ser utilizadas por estes na produção de conteúdo em plataformas. Entre o que está proposto na ementa, o que foi realizado em sala de aula e as memórias dos egressos do curso existem abismos que fazem a diferença nesta equação. Não se trata de buscar culpados ou apontar omissões, mas de tentar compreender como a universidade, enquanto instituição, tem lidado com essas questões. Nesse sentido, a heterogeneidade do corpo docente se traduz também nas múltiplas posturas em relação ao tema.

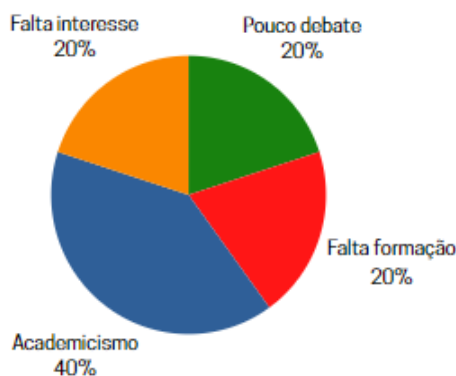
O esforço de aprender a lidar com essas novas questões precisará ser coletivo e já está sendo realizado em universidades como o Campus Ceres da UFRN, Universidade de Brasília, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Estadual do Paraná, dentre outras. Nestas instituições, o empenho pode ser percebido a partir de iniciativas como disciplinas na área de História Pública, grupos de pesquisa e cursos de pós-graduação.

No Campus Central da UFRN, foco de nossa análise, as iniciativas são recentes e partem principalmente de professores que possuem algum tipo de afinidade com a área. Estes, se propõem a pensar na divulgação histórica e na História Pública em tópicos de disciplinas e em grupos de pesquisa específicos, como o MAAT (grupo de estudos em História Antiga) e o EPPS (grupo de pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais).

É importante perceber que o interesse pela área, embora esteja cada vez maior, ainda não se apresenta como uma demanda comum a todas as regiões do país, concentrando-se sobretudo no eixo centro-sul das universidades brasileiras, bem como nos campi que estão situados nas capitais ou regiões metropolitanas. Esses recortes demonstram um domínio

epistemológico em relação à centralidade das instituições, discussão que será aprofundada no segundo capítulo desta dissertação em relação à hierarquização epistemológica referente ao Norte e Sul globais.

**Gráfico 11-** Razões pelas quais os respondentes da faixa etária de 26-33 anos acreditam que o curso de História não lhes formou de maneira adequada para lidar com o uso do *ciberespaço* com finalidades profissionais.



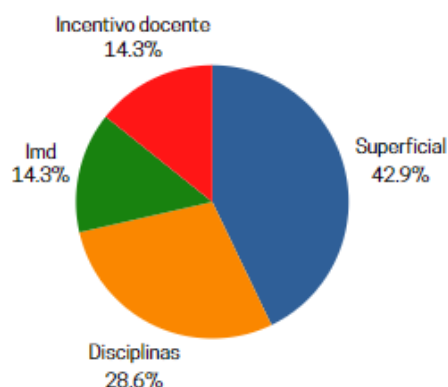
Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Os respondentes que, em alguma medida, enxergam que a formação recebida lhes instrumentalizou para atuação nos meios digitais argumentam que isso se deu através do incentivo ao uso das plataformas em trabalhos de finalização de disciplina, como forma de divulgação científica e uso das redes sociais como ferramentas de ensino e aprendizagem de História. Não houve, no entanto, nenhuma menção dos participantes ao incentivo ou instrumentalização para o uso das redes, principalmente do *Instagram*, para fins de atuação profissional, bem como às discussões relacionadas ao status laboral desses sujeitos nas plataformas.

Silveira (2020), ao reafirmar a importância de uma discussão sobre a inserção social do conhecimento histórico, reflete sobre a atuação do historiador também sob o prisma da temática do trabalho e das relações trabalhistas. Essa pauta, segundo o autor, é uma lacuna no que diz respeito ao trabalho do historiador na era digital, o que ocasiona um déficit na formação universitária desse profissional, visto que, para essa tarefa, “nossos cursos de graduação e pós-graduação pouco os têm preparado” (Silveira, 2020, p.4). O posicionamento do autor aponta em teoria o que os resultados das respostas dos egressos do curso de História da UFRN constataram em suas práticas: falar sobre a profissão do historiador no tempo presente para além das identidades de professor e pesquisador é urgente, afinal, independente do espaço, no fim das contas são todos trabalhadores inseridos em um contexto influenciado pelo neoliberalismo e onde imperam as necessidades do capital.

Nas plataformas, no entanto, essa necessidade de mobilização de uma consciência de classe é ainda maior, sobretudo pelo caráter privado destes espaços, controlados e mediados por grandes empresas de tecnologias e seus interesses econômicos. Saber atuar de maneira combativa, crítica e subversiva, “hackeando” um sistema feito para explorar a nossa mão de obra, é também um ato de resistência.

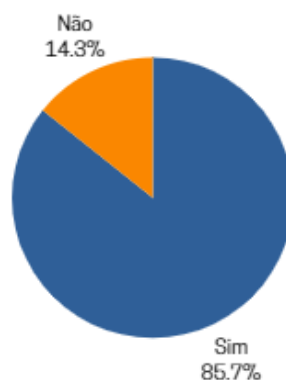
**Gráfico 12-** Razões elencadas pela faixa etária de 26-33 anos para justificar como a formação oferecida pela UFRN lhes auxiliou a utilizar o *ciberespaço* com finalidades profissionais.



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

No que se refere à percepção dos impactos da pandemia na atividade docente, se viram impactados por ela 85,7% dos egressos, enquanto 14,3% acreditam não terem sido afetados. Estes últimos apontaram essa resposta como consequência de ainda não estarem atuando em sala de aula durante o período pandêmico, seja por desemprego ou pela graduação ainda em curso.

**Gráfico 13-** Percepção do impacto da pandemia de COVID-19 no cotidiano laboral da faixa etária de 26-33 anos.



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Os professores em atuação que se viram impactados pela pandemia compreendem que as transformações no cotidiano escolar em virtude do aumento da demanda de trabalho (14,3%), o aumento da necessidade de uso do ambiente virtual (14,3%), mudanças no cotidiano e vivência escolar (28,6%), queda no rendimento e participação dos alunos (9,5%), adoecimento psicológico (14,3%), desemprego (9,5%) e dificuldade no acesso aos arquivos de suas pesquisas (9,5%) foram os aspectos mais prejudicados em virtude da necessidade de virtualização dos seus trabalhos no período de quarentena para a contenção do COVID-19.

**Gráfico 14-** Impactos da pandemia na atividade docente de acordo com a percepção da faixa etária de 26-33 anos



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

O cenário descrito pelos respondentes do questionário não foi exclusividade dos egressos do curso de licenciatura em História da UFRN. É o que apontam os relatos de historiadores de todo Brasil presentes no livro *História Pública em Movimento*, organizado por Juniele Rabêlo de Almeida e Rogério Rosa Rodrigues. A própria concepção da obra, publicada no ano de 2021, se deu durante a pandemia de COVID-19, o que levou os autores a reunirem-se virtualmente em busca de respostas para as perguntas que intitulam cada um dos 10 capítulos.

O aumento da demanda de trabalho, apontada por 14,3% dos respondentes, gerou uma sobrecarga maior que a já existente para a classe docente, que se viu em uma conjuntura onde precisou aprender a lidar com novas tecnologias e linguagens em tempo recorde. Essa necessidade de formação, por vezes, sequer foi oferecida pelas instituições de ensino, cabendo ao professor a responsabilidade de buscar equipamentos, informações, desenvolver novas metodologias e elaborar atividades (Andrade *et al*, 2021, p.127).

Esse aumento de trabalho além de não ser remunerado, sequer foi reconhecido. O líder do governo Bolsonaro, o deputado federal Ricardo Barros, foi categórico ao afirmar em entrevista à CNN<sup>16</sup> que “só professor não quer trabalhar na pandemia”. A crítica foi feita em abril de 2021, em virtude da resistência da classe docente em retomar as atividades presenciais em um contexto de insegurança sanitária, considerando que as primeiras vacinas foram aplicadas nos grupos prioritários brasileiros apenas a partir do mês de janeiro de 2021. Nesse sentido, a imunização ainda não oferecia segurança suficiente para um retorno presencial em um ambiente tão propício ao contágio quanto as escolas. Insistir em forçar o retorno desses profissionais nesse cenário expôs descaradamente a necropolítica desenvolvida pelo governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, que adotou medidas negacionistas e negligentes em relação à pandemia de COVID-19.

As mudanças proporcionadas pelo cenário que beirava o distópico vivenciado no Brasil durante a pandemia de COVID-19 levaram a um aumento da necessidade de uso do ambiente virtual, o que ocasionou mudanças no cotidiano e na vivência escolar. O distanciamento social e o isolamento, somados às situações de vulnerabilidade dos estudantes, proporcionou aos docentes também uma sobrecarga psíquica. Havia uma preocupação não somente com a aprendizagem, mas também com as condições de vida dos estudantes. No caso dos alunos das escolas públicas, público que em maioria possui baixa renda, essa situação toma uma proporção ainda maior, tendo em vista que para alguns desses sujeitos a merenda escolar era a única refeição garantida no dia. Crianças e adolescentes possuem convivência diária com os docentes, o que possibilita a construção de laços e uma relação humanizada. Para os professores, os estudantes não são apenas números, mas sujeitos que possuem importância e cujas dificuldades não poderiam ser ignoradas neste contexto.

As pressões vivenciadas pelos professores em relação a produtividade no trabalho remoto, à superexploração laboral com uma carga horária infinita, às incertezas e medos em relação ao adoecimento e a letalidade do vírus não podem ser desconsideradas na análise da prática docente neste recorte temporal. Essas questões, somadas, proporcionaram um cenário de adoecimento psicológico, em que houve “um colapso sanitário e psíquico, com alastramento da depressão, crise de pânico e epidemia de suicídios” (Berardi, 2020, p.12).

Somado a esses fatores, o filósofo sul coreano Byung-Chul Han (2018) também aponta uma mudança importante em relação à percepção dos limites laborais. O autor afirma que a delimitação entre espaços de trabalho e espaços de não trabalho já não é mais tão clara

---

<sup>16</sup> Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wrcH3KLo99s>> no intervalo de 2:28:08 a 2:55:52.

para algumas profissões. Em consequência disso, a virtualização do trabalho torna também o ato de trabalhar móvel, acessível e executável em qualquer espaço, desde que existam os equipamentos necessários.

Vivemos, portanto, em uma sociedade em que todos carregam consigo os seus trabalhos, tornando-se quase impossível escapar dele. Para os professores brasileiros, além das psicopatologias acima citadas, a presença do trabalho em suas casas, antes espaços de descanso, gerou uma espécie de epidemia de esgotamento psicológico, popularmente conhecida como *burnout*.

Em relação à queda no rendimento e participação dos alunos, é válido considerar que o acesso aos meios para o ensino remoto não foi democrático. A desigualdade social percebida na sociedade brasileira se refletiu diretamente no acesso à educação durante o ensino remoto. Os estudantes, por vezes, não possuíam espaço adequado para estudo, *internet* banda larga ou computadores e tablets. Em maioria, o acesso se deu através de celulares de familiares, que contavam apenas com a *internet* proveniente de *chips* pré-pagos, o que trouxe dificuldades para os professores no planejamento de suas aulas. Mídias audiovisuais nem sempre poderiam ser utilizadas em atenção às fragilidades que alguns estudantes apresentavam durante o período.

Além disso, em consequência do aumento do desemprego e da inflação, muitos estudantes precisaram realizar algum tipo de trabalho para auxiliar na complementação da renda da casa, o que reduziu o tempo disponível destes para se dedicar aos estudos ou participar das aulas síncronas. Nesse sentido, a exclusão proporcionada pela virtualização do ensino em tempos pandêmicos reflete diferenças de classe, raça e gênero, que podem ser percebidas através das políticas de precarização da educação pública (Andrade *et al*, 2021, p. 126).

Para os respondentes que apontaram desemprego e dificuldade no acesso às fontes de suas pesquisas como impactos da pandemia de COVID-19, é possível perceber que houve uma repercussão também na parcela de egressos que não estava exercendo a profissão docente no momento, seja pela ausência de seleções no período de isolamento social, seja pela necessidade de dedicação exclusiva aos cursos de pós-graduação.

Diante disso, confirmei a hipótese de que o contexto pandêmico - cujo distanciamento social ocasionou um aumento no número de horas de uso das redes sociais -, somado ao processo de precarização responsável pela ascensão de um proletariado de serviços (Antunes, 2018), proporcionou condições que conduziram o professor de História para um cenário de

adoecimento psicológico, aumento das demandas de trabalho e mudanças significativas na vivência escolar, pontos esses mencionados pelos respondentes do questionário.

Por essa razão, discutirei no próximo capítulo as particularidades do fenômeno da plataformização do trabalho, que proporcionou a ascensão de novas formas de trabalho, a reinvenção de identidades profissionais e o surgimento de um mecanismo digital e algorítmico de exploração de mão de obra.

## CAPÍTULO 2: A REINVENÇÃO DO HISTORIADOR DIANTE DOS NOVOS MODELOS DE EXPLORAÇÃO NO MUNDO PÓS-DIGITAL

### 2.1 Novas cartografias do trabalho docente: da exploração tradicional à virtualização das relações laborais

Pane no sistema, alguém me desconfigurou  
 Aonde estão meus olhos de robô?  
 Eu não sabia, eu não tinha percebido  
 Eu sempre achei que era vivo  
 Parafuso e fluído em lugar de articulação  
 Até achava que aqui batia um coração  
 Nada é orgânico, é tudo programado  
 E eu achando que tinha me libertado<sup>17</sup>  
 Pitty, “Admirável *Chip Novo*”

Lançada no Brasil em abril de 2025, a sétima temporada da série americana *Black Mirror*, em seu primeiro episódio, apresenta uma crítica social instigante e reflexiva. A trama, intitulada “pessoas comuns”, conta a história de Amanda e Mike, que vivem uma realidade simples, muito distante da imagem idealizada do “*American Dream*”. Ela, professora. Ele, trabalhador da indústria. Juntos, nutrem o sonho de tornarem-se pais de uma criança e lhes oferecer uma vida digna. No entanto, o sonho de uma vida comum encontra em um problema de saúde de Amanda um empecilho para se realizar. Durante uma aula, a professora, que já havia se queixado de fortes dores de cabeça, sente um rompante de dor e, inesperadamente, desmaia.

Ao chegar no hospital, Mike recebe a notícia de que sua esposa estava desenvolvendo um tumor cerebral, localizado em seu lobo parietal, podendo nunca mais recuperar a consciência. No entanto, mesmo diante do prognóstico, surge uma solução quase milagrosa: uma tecnologia inovadora, oferecida pela *startup Rivermind*, que através de um *backup* do cérebro afetado conserva a consciência e mantém os dados do usuário armazenados em uma nuvem. Para utilizar o serviço, o cliente deverá arcar com o custo de 300 dólares mensais para a contratação de um modelo de assinatura de *streaming*.

Diante da única solução capaz de trazer a sua esposa de volta à vida, Mike adquire o serviço e passa a realizar jornadas de trabalho maiores, repletas de horas-extra, para custeá-lo.

<sup>17</sup> Estrofe da música “Admirável Chip Novo” da cantora Pitty. Pitty, *Admirável Chip Novo*, DeckDisc Brasil, 2003.

A paz momentânea do casal é interrompida quando, após um incidente, descobrem uma limitação do pacote contratado. A área de cobertura era restrita e, para que pudessem ir mais longe, o casal deveria adquirir o *update* oferecido pela empresa, o *Rivermind Plus*, um novo plano de assinatura com cobertura estendida, que custa 800 dólares por mês.

Em virtude da impossibilidade financeira do momento, decidem prosseguir com o plano em vigor, até que Amanda, inconscientemente, começa a divulgar anúncios a partir do contexto em que está inserida. Em uma cena da série, Mike oferece café a sua esposa, que responde com um anúncio: “Você já provou o Espresso Grande? Os grãos são torrados lentamente para um sabor mais rico e suave.” A situação alcança um patamar insustentável quando a professora oferece aconselhamento religioso a um aluno com problemas domésticos, gerando uma situação incômoda em seu ambiente de trabalho. Dali em diante, não haveria outra opção além do *upgrade* para o plano *Plus*.

Mike, que já não possuía mais tempo disponível para outras jornadas de trabalho, encontra em um site de *streaming* e criação de conteúdo chamado “*Dum Dummies*” uma solução desesperada para a resolução do problema. Neste espaço, pessoas comuns realizam atos bizarros em busca de algum dinheiro para sanar seus gastos e sobreviver. Assim, através da realização de atos sádicos que alcançam níveis cada vez piores, como a ingestão de urina e o uso de uma ratoeira na língua, obtém o dinheiro necessário para a mudança do plano utilizado por Amanda. A crítica realizada pela série encontra respaldo na semelhança com o que Byung Chul Han (2017) define como uma sociedade do espetáculo, caracterizada pela acentuação da pornografização da sociedade realizada pelo capitalismo. Nessa nova configuração social, onde expõe-se tudo como mercadoria, estamos sempre voltados à hipervisibilidade. Dessa forma, essa superexposição virtual proporciona uma exploração máxima do indivíduo por ele mesmo, muitas vezes consequência de necessidades financeiras e poucas oportunidades de trabalho enfrentadas no mundo real.

A resolução durou até o surgimento de um novo *upgrade*, com um custo ainda maior, o que gerou uma série de abusos realizados por parte da empresa para os usuários do plano comum, como o uso não autorizado dos dados coletados pelo cérebro dos usuários para a alimentação do sistema. A nova “solução” para os problemas criados pela empresa custam cada vez mais caro. No caso do *Rivermind Lux*, o valor alcança 1800 dólares mensais, seis vezes maior que o custo inicial.

Ambientada em um cenário distópico, parte do sucesso de *Black Mirror* pode ser atribuída ao quanto as histórias apresentadas em cada episódio tem potencial de tornarem-se reais. Para além das questões filosóficas inerentes às discussões sobre a arte e a vida serem

imitações uma da outra, o episódio assume feições trágicas diante da similaridade com o real em um mundo pós-digital.

A exploração da mão de obra de um operário da indústria, que vende o máximo possível das suas horas de trabalho, não é uma realidade distante dos trabalhadores brasileiros. Estes se veem submetidos a escalas desumanas de trabalho, trabalhando seis dias na semana e folgando apenas um, vivendo em um ritmo onde o convívio familiar e o cuidado com a saúde são “luxos” pelos quais não podem pagar.

Essa “escolha” por pagar as contas ao invés de investir no cuidado de si é percebida também na doença desenvolvida pela professora, que convivia com fortes dores de cabeça, mas as negligenciava diante do forte ritmo de trabalho que permeia a profissão docente. Nós, professores, não podemos parar. Ainda que cobertos pelos direitos garantidos pela Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT, o receio de apresentar atestados, faltarmos ao trabalho e sermos demitidos por vezes nos obriga a conviver com incômodos de ordem física e mental.

Para lidar com esses cenários, marcados pela abnegação ao autocuidado, o capitalismo providencia “soluções” milagrosas a partir da criação constante de problemas para os sujeitos. O corpo, na sociedade neoliberal, se torna um ativo e constitui-se como diferencial do sujeito empresarial. É através dele que o outro percebe o empenho que dedicamos ao nosso desenvolvimento físico, um reflexo do afincado dedicado também ao desenvolvimento e produtividade em áreas relacionadas ao trabalho (Poulain, 2013). No entanto, quando se não há tempo para um cuidado com o corpo à longo prazo, a partir de exercícios físicos e uma alimentação adequada, além de outros fatores, esse corpo torna-se obeso. A obesidade, em si, não se constituía como um problema até a emergência de discursos médicos, muitas vezes alinhados e produzidos pela indústria de saúde privada, que contribuíram para a sua patologização (Aires, 2019).

Essa questão atinge principalmente pessoa menos favorecidas economicamente, considerando que o sujeito de classe média pode escolher realizar uma série de procedimentos estéticos, como as lipoaspirações, ou procedimentos alternativos, como o uso das canetas emagrecedoras *Ozempic* e *Mounjaro*, experimentando o que Giordani e Hoffmann-Horochovski (2019) definem como “um corpo que combina inovação tecnológica, técnicas cirúrgicas, próteses e as diversas modalidades do fitness”. Assim, o “descuido” com o corpo, muitas vezes consequência da falta de tempo para atividades além do trabalho (Antunes, 2020), é criticado a partir de uma narrativa que o relaciona com o desleixo, favorecendo um mercado de *fitness* que cria e vende variadas soluções para esse “problema”.

Os anúncios são uma das mais importantes ferramentas utilizadas no processo de criação de desejo por soluções e conversão em vendas. No episódio de *Black Mirror*, a exposição dos usuários aos anúncios personalizados é apresentada de forma tragicômica através de uma sátira aos conteúdos constantemente veiculados nas redes sociais e o uso dos dados de navegação para a exibição de propagandas personalizadas, o que aumenta as chances do consumidor de adquirir o produto ou o serviço. Tal como ocorreu na ficção, os dispositivos eletrônicos estão o tempo todo extraíndo e estimulando a criação de novos dados, objetivando o aumento do consumo e a conversão dos investimentos em lucros.

Esse processo de aquisição, marcado pela extração sem o consentimento dos usuários, gera na personagem da série um período de “sono” cada vez maior. Amanda, assim como as máquinas do mundo real, entrava no modo hibernar, um estado de baixo consumo de energia em que o sistema operacional processa e salva os dados acumulados durante o período de uso do dispositivo eletrônico. Esses dados, vale salientar, são acumulados e extraídos sem que exista uma compensação justa para os seus produtores, transformando essas informações, antes descartadas, em ativos importantes.

Diante de um mundo cada vez mais refém das grandes corporações do mundo digital, as *Big Techs*, marcado pela intensificação das desigualdades de classe social, não são raras as situações em que, movidas pelo desespero, as pessoas se submetem a espetacularização de si mesmas na *internet*. Se na série essa situação foi retratada através da plataforma fictícia *Dum Dummies*, na vida real os exemplos são vários, partindo das lives de NPC no *TikTok*<sup>18</sup> até a venda de conteúdo adulto em plataformas como *Privacy* e *OnlyFans*<sup>19</sup>.

Em meio à virada do século, no ano de 2003, a cantora *Pitty* lançou a canção *Admirável Chip Novo*, uma crítica ao processo de automação dos comportamentos diante da desumanização e mecanização dos indivíduos. Entusiasmado com as possibilidades e inovações que o século XXI poderia proporcionar, pouco a pouco o ser humano se robotizou e distanciou de sua essência.

Vinte e dois anos após o lançamento da canção, vivemos em um mundo amplamente conectado, constituído através de uma ubiquidade informacional, onde nos desacostumamos ao ato de desligar e deslogar. Tornamos o real e o virtual quase indissociáveis e substituímos

---

<sup>18</sup> O *TikTok* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos curtos, onde também ocorrem *lives* com temas e formatos diversos. Um desses modelos é o NPC, Non-Player Character, performances que imitam o comportamento de personagens de jogos online em troca de recompensas virtuais que podem ser convertidas em dinheiro.

<sup>19</sup> *Privacy* e *Onlyfans* são plataformas *online* de venda de conteúdo adulto que Marcelo Soares (2023) aponta como um espaço de mercantilização do corpo, onde os sujeitos se apresentam como produtos a serem comprados dentro de plataformas. Nestes sites, qualquer pessoa pode vender fotos e vídeos íntimos.

interações reais por *likes e tips*, um evidente sinal da reconfiguração a qual estamos sendo submetidos por esse novo espaço. Nos novos moldes sociais, é possível afirmar que a presença inquestionável da tecnologia no nosso dia-a-dia transformou nossas relações sociais de maneira quase imperceptível e orgânica.

Especificamente no caso dos historiadores, que por escolha ou necessidade aventuraram-se no exercício de suas profissões no mundo digital, a promessa de uma chance diante de um mercado fechado e de concursos públicos rarefeitos surgiu como uma luz no fim do túnel. A oportunidade, que assume uma roupagem de liberdade, na verdade se configura como uma nova forma de dominação e exploração do trabalhador, em que o sujeito:

(...) É alguém livre da instância do domínio externo que o obriga a trabalhar e o explora no trabalho. Mas a derrocada da instância de domínio não leva a uma real liberdade e falta de coação, uma vez que o sujeito do desempenho também se autoexplora; ou seja, o sujeito que explora é ao mesmo tempo o sujeito explorado. Agressor e vítima aqui coincidem. A autoexploração é muito mais eficiente do que a exploração do outro, pois é acompanhada por um sentimento de liberdade; o sujeito do desempenho submete-se a uma coação livre, autogerada. Essa dialética da liberdade também está presente na sociedade de controle. A autoiluminação completa é muito mais eficiente do que a iluminação feita pelos outros, pois vem acompanhada do sentimento de liberdade. (Han, 2017, p.112)

De tempos em tempos, durante momentos de crise, nós, historiadores, precisamos nos reinventar. Dessa necessidade, por exemplo, surgiu a História Pública. Assim, atualmente, nos vemos em meio a mais um processo de reinvenção de nossa identidade profissional, o que culmina e influencia também na reinvenção de nós mesmos, motivados pela ascensão de uma nova roupagem do sistema político, econômico e ideológico em que vivemos: o capitalismo algorítmico.

Embora seja inegável a necessidade de repensar quem é o historiador no século XXI, não há unanimidade na academia em relação ao assunto. As inquietações apontadas por Marta Rovai (2022) oferecem um panorama em relação às dúvidas e incertezas com as quais nos deparamos ao refletir sobre o tema:

Caberia a nós ignorar, rebater ou confrontar a multiplicidade de narrativas não legitimadas pela Academia ou pelo currículo escolar? Seria questão de concorrer, disputar espaço ou nos reinventar? A reinvenção deveria passar pelo preparo de profissionais por cursos especializados em uma nova forma de produzir e difundir história apropriando-se das tecnologias digitais e de maior contato com comunidades locais? (Rovai, 2022, p.12)

A nossa própria trajetória humana no tempo e no espaço, permeada pelo que David Harvey (2005) conceitua como espaço produzido, encontra um novo impasse e uma nova

forma de exploração. Assim como ocorreu com os *diggers*, *levellers*, ludistas, cartistas e operários, independente do nome que recebemos e da identidade que reivindicamos, atualmente estamos em um processo de remodelamento enquanto classe trabalhadora. Essa nova classe é definida por Antunes (2018) como um novo proletariado de serviços.

Cabe, portanto, problematizar os conceitos de trabalho e emprego, historicizando as categorias e refletindo sobre as questões relativas a este novo momento. Aqui, ao invés de assumir uma postura maniqueísta, opondo o tradicional ao novo, pretendo realizar uma análise qualitativa em relação às mudanças que o espaço digital produz no nosso ofício.

A este respeito, cabe indagar: o novo *ethos* do historiador no século XXI remodela também a sua identidade de classe? Os infoprofessores se encaixam em um novo modelo laboral? São trabalhadores? Empregados? Microempreendedores de si mesmos? Mão de obra explorada pelas *Big Techs*? Instrumentos humanos para a mineração de dados? Fantoches ou vítimas da plataformização? É diante dessas questões que esse segundo capítulo foi pensado e desenvolvido.

## **2.2 Entre o real e o virtual: exploração que supera fronteiras**

A reconfiguração proporcionada pelo mundo pós-digital atravessa as nossas identidades profissionais, transformando até os clássicos conceitos de trabalho e emprego. Para Silveira (2020), o trabalho neoliberal “escapa à dimensão emancipadora que ele assumia nas leituras marxistas da realidade social” (Silveira, 2020, p. 18-19), o que nos convoca a repensá-lo como categoria. O neoliberalismo, produtor de subjetividades, põe em xeque o destino do trabalho intelectual através da sua discursividade, reformulando as identidades profissionais no século XXI.

Para Reinhart Koselleck (2020), os conceitos contêm história, mas não a têm. Nesse sentido, conceitos sociais e políticos estão diretamente relacionados com o singular, ligados ao contexto, tempo e espaço em que foram produzidos. Paradoxalmente, as formações conceituais assumiram, ao longo do tempo, uma espécie de acúmulo de camadas, consequência dos processos de reformulação, apropriação e reinvenção de sentidos. Os conceitos, portanto, carregam consigo presente e passado, rupturas e continuidades, invenção e tradição.

Dentre os vários conceitos transformados ao longo do tempo está a ideia de Trabalho. Partimos de Jacques Le Goff (2013), que realiza uma análise sobre a mentalidade medieval em relação às mudanças nos valores morais atribuídos ao trabalho durante a Idade Média e a

Idade Moderna. Segundo o autor, enquanto no Medievo a ideia de trabalho era ligada ao desvalor, influenciada pela valorização do ócio na ótica da cristandade, na Idade Moderna essa mentalidade passa por uma transformação.

O homem da modernidade, que ainda conservava consigo uma mentalidade forjada no período medieval, permanecia com uma visão negativa sobre o trabalho. A partir da Reforma Protestante, no entanto, esse cenário mudou radicalmente. Max Weber (2005), define o surgimento do protestantismo, especificamente o calvinista, como a base ideológica necessária para o desenvolvimento de um sistema econômico burguês, substitutivo do mercantilismo absolutista. Partindo da ideia do teólogo francês João Calvino, aqueles que gozavam de prosperidade eram predestinados ao sucesso. Assim, a riqueza humana passou de pecado execrável para um sintoma da evolução do espírito, um sinal divino. O acúmulo de capital, antes condenável, agora era objeto de desejo. Em meio a necessidade de expansão do capitalismo a burguesia produziu uma nova mentalidade, que culminou na produção de novas relações sociais e novas subjetividades.

Surgem, ainda na Idade Moderna, formas produtivas baseadas no trabalho artesanal, doméstico e familiar. Neste modelo, o trabalhador dominava o processo produtivo e era dono dos meios de produção, controlando a sua jornada de trabalho, seu descanso e o valor dos seus produtos. Todos os custos e todo o lucro cabiam exclusivamente a ele. Também nesse contexto surgem as oficinas, locais em que o mestre, um trabalhador mais antigo e experiente, ensinava o seu ofício para os aprendizes, jovens que buscavam uma ocupação para ganhar dinheiro e sustentar as suas famílias.

Com o advento da primeira Revolução Industrial, no século XVIII, no entanto, esses trabalhadores foram submetidos a uma intensa modificação das suas identidades laborais. Antes donos dos meios de produção e chefes de si mesmos, a partir do surgimento das primeiras fábricas esses sujeitos veem não somente o seu ofício, mas as suas vidas se transformarem radicalmente.

O tempo, antes controlado pelos ciclos da natureza, agora obedecia ao sinal das fábricas, ditado pelo ritmo das máquinas e o tic-tac dos relógios. A jornada de trabalho, outrora definida pelo artesão, agora possui hora para começar e terminar. A autonomia do processo produtivo foi substituída pelo rígido controle realizado pelos supervisores, garantindo a realização plena dos desígnios do modo capitalista de produção. Dessa forma, a acumulação de capital por meio do lucro e da exploração da mais-valia do trabalhador encontrou terreno fértil para se desenvolver.

Esse novo contexto mobilizou o capital em busca de soluções para sua plena expansão. A relação entre produção e lucro era diretamente proporcional, sendo necessário produzir cada vez mais em menos tempo. Nesse contexto, o tempo torna-se uma grandeza que deve não somente ser acelerada, mas superada, conforme aponta Marx (2011):

Quanto mais a produção vier a se basear no valor de troca (portanto, na troca), mais importantes se tornam as condições físicas da troca - os meios de comunicação e transporte - para os custos de circulação. Por sua natureza, o capital se impulsiona além de todas as barreiras espaciais. Assim, a criação de condições de troca [...] torna-se uma necessidade extraordinária para isso. (Marx, 2011, 524)

A aceleração do tempo é acompanhada de uma transformação espacial. Para garantir a ampliação das possibilidades de lucro, o capitalismo produz um novo espaço, buscando a redução dos custos de produção e distribuição para expandir o acúmulo de capital mediante a superação das barreiras espaciais. Essa nova realidade é criada para garantir ao sistema a sua continuidade, proporcionando um novo caminho de acumulação através dos meios mais fáceis, onde se encontre menor resistência (Harvey, 2005).

No advento da criação de novas configurações espaço-temporais, a Revolução Industrial cria novas subjetividades. Surge daí a figura do trabalhador proletário, aquele que, em ocasião dos baixíssimos salários, precisava também do trabalho de sua prole para complemento da renda e sobrevivência da família (Hobsbawn, 1987). Esse contexto de exploração fomenta a formação de uma identidade entre esses trabalhadores mediante o surgimento de uma consciência de classe, favorecendo o reconhecimento mútuo como grupo com causas comuns, refletidas nas lutas e ações diretas de ludistas e cartistas, refutando a ideia de que aceitaram passivamente as violências sofridas (Thompson, 1987).

Essa conjuntura exigia uma nova forma de organização laboral que fosse capaz de intermediar as novas necessidades sociais e os conflitos provenientes destas. É desse contexto e dessa relação entre os sujeitos produzidos pelo capitalismo que surge a categoria de emprego, uma consequência das formas de produção e relações de trabalho emergentes a partir do modelo econômico liberal. Polanyi (2000), ao refletir sobre o tema, aponta uma contradição à livre regulamentação do mercado, fato que gera na sociedade um efeito intitulado por ele como “duplo movimento”. Para o autor, à medida em que houve expansão do capitalismo, ocorreu também um “contra ataque” institucional às disrupções da autorregulação mercadológica. Esse contramovimento foi uma resposta fundamental para a proteção da sociedade diante do avanço do sistema capitalista na transição entre os séculos XIX e XX.

Diferente do trabalho, compreendido como a realização de atividades produtivas de forma geral, o emprego se caracteriza pela existência de uma forma institucionalizada e protegida de trabalho, selada por um acordo contratual entre as figuras do empregador e do empregado, modelo que inicialmente emergiu sob a lógica liberal do *Laissez-Faire*, mas que, diante de seus efeitos sociais perversos, acabou suscitando reações que levaram à criação de direitos trabalhistas.

Em oposição à intensa intervenção do modelo mercantilista, o liberalismo econômico surge no século XVIII como uma reação da burguesia, que reivindicava mais liberdade na condução dos seus negócios. Dessa forma, o ideal de livre mercado e a não intervenção estatal na economia e nas relações de trabalho gerou uma assimetria nas condições de empregadores e empregados, visto que estes últimos laboravam em longas jornadas com baixas remunerações, condições insalubres e sem qualquer garantia da manutenção dos seus vínculos.

Assim, em meio aos problemas causados pela intensa exploração da mão de obra fabril, como o aumento da instabilidade social causado pelas greves e revoltas operárias, o Estado reconheceu a necessidade de intervenção para a manutenção da ordem e a gestão dos conflitos entre os empregadores e empregados. Não por benevolência, mas por controle, o Estado intervém em nome do apaziguamento entre os conflitos de classe.

Nascem, assim, os direitos trabalhistas, responsáveis por proteger juridicamente os trabalhadores em uma relação na qual estão em desvantagem para negociar. Esses direitos encontram salvaguarda no direito do trabalho, uma área dentro do mundo jurídico que tem como função não somente o reconhecimento do vínculo empregatício, mas também a fiscalização e proteção legal mediante esta nova forma de organização social do trabalho.

Apesar das conquistas trabalhistas, a partir dos anos de 1990, como consequência da globalização e do modelo neoliberal de Estado, há o fortalecimento de uma pressão por parte dos setores econômicos sobre os representantes políticos por reformas e legislações que flexibilizam as relações empregatícias e reduzem os direitos trabalhistas (Antunes, 2014). Assim, intensifica-se a defesa de regimes de trabalho terceirizados, precarizados e desprotegidos, buscando a redução dos custos e o aumento da lucratividade das empresas em detrimento da insegurança laboral da população mais pobre.

Essas transformações se tornam ainda mais nítidas e aceleradas a partir do advento do século XXI, onde surge um questionamento sobre como o capitalismo pós-moderno afetaria a noção de trabalho. Para alguns, estaríamos passando por uma “crise da sociedade do trabalho”, onde a centralidade conferida ao termo estaria se tornando obsoleta em

consequência da fragmentação dos trabalhadores enquanto classe. No entanto, assim como Antunes (2006) entendemos que

[...] a sociedade do capital e sua lei do valor necessitam cada vez menos trabalho estável e cada vez mais das diversificadas formas de trabalho parcial ou part time, terceirizado, que são em escala crescente, parte constitutiva do processo de produção capitalista (Antunes, 2006, p.119)

As novas formas de trabalho elencadas acima ganharam força no Brasil ao longo dos últimos dez anos, sobretudo após a aprovação do PL 4330/04, conhecido também como a lei da terceirização. Essa flexibilização das relações trabalhistas representou uma derrota contundente para o governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, que não conseguiu conter o avanço das pautas conservadoras no Congresso Nacional e, pouco tempo depois, sofreu um processo de *Impeachment*.

A aprovação da lei marcou um momento de ampliação da precarização do trabalho, contemplando a possibilidade de contratação em regime terceirizado para outros serviços além das atividades meio, fragilizando a organização dos trabalhadores por meio dos sindicatos e vulnerabilizando esses sujeitos a partir da ideia de negociação direta com o patrão, sem o intermédio de um órgão de classe.

Este processo de fragilização, já em curso, encontrou na Pandemia de COVID-19 um importante catalisador. O enfraquecimento das relações trabalhistas, somado à necessidade de distanciamento social em virtude da crise sanitária vivida, acelerou a transição entre a ideia tradicional de emprego e a sua atualização no século XXI. Impossibilitados do labor físico, diversos trabalhadores migraram para o meio virtual, remodelando não somente seu espaço de trabalho, mas também as suas ferramentas, seus métodos e suas linguagens.

Parte desse trabalho passou a ser realizada nas plataformas, definidas como

infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados. (Poell, Nieborg e Van Dijck, 2020, p. 4)

Nestes espaços digitais, para além de lidar com os seus empregadores, os profissionais passaram a vivenciar também os desafios inerentes à atuação em um novo local. Ainda que boa parte das plataformas já seja utilizada pela sociedade atual com o objetivo de diversão ou conexão com outras pessoas, como o *Instagram*, o *YouTube* e o *Facebook*, o uso profissional

das plataformas requer dos usuários um conhecimento em relação ao funcionamento dos algoritmos, regras para monetização e estratégias para a maximização do seu alcance. Assim, é possível afirmar que não basta simplesmente transpor seus ofícios para as plataformas, é preciso conhecer como elas funcionam de fato.

Laborando nas plataformas, o indivíduo passa a viver o trabalho de maneira distinta. Se, antes, havia um espaço de trabalho e um espaço para o descanso, agora as duas atividades ocorrem no mesmo lugar através da ideia de *home office*. Nesse sistema, por vezes o trabalhador utiliza recursos próprios para exercer a sua função, o que abre margem também para a precarização. Além disso, ao associar partes da sua vida através do uso das plataformas, o indivíduo passa por um processo definido como plataformização, que se refere a

penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida. Ela também envolve a reorganização de práticas e imaginários culturais em torno dessas plataformas. (Poell, Nieborg e Van Dijck, 2020, p. 2)

Dessa forma, é possível afirmar que o trabalho nas plataformas não altera meramente o aspecto estrutural e físico do labor, mas reorganiza relações de poder e alcança práticas culturais dos sujeitos usuários e produtores de conteúdo, sendo uma consequência sofisticada do processo de fragilização das relações empregatícias. Respaladas pela ideia de proporcionar facilidade e autonomia ao usuário, as *big techs* aumentam cada vez mais o espaço que ocupam na vida dos sujeitos, o que ocorre de maneira deliberada.

Esse processo constrói uma sociedade mediada pela ubiquidade informacional nos espaços virtuais, caracterizada pela onipresença da informação através de dispositivos diversos, potencializada pela ampliação do acesso aos dispositivos móveis. A informação ubíqua, nesse sentido, “é aquela que se intensifica na mobilidade e no acesso irrestrito e sem limitações de tempo-espaço a documentos e representações da informação” (Vignoli, 2025, p.7).

A expansão do acesso, no entanto, também fomenta a alienação do sujeito receptor, que devido a quantidade exagerada de informações perde progressivamente a capacidade de filtrar aquelas mais qualitativas, ocasionando fenômenos como a infoxicação<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Criado por Alfons Cornella ainda no final do século XX, o conceito se refere a uma dificuldade do cérebro do indivíduo em processar grandes quantidades de informação em curtos períodos de tempo. A infoxicação, junção de informação com intoxicação, possui consequências como ansiedade, estresse e, a médio prazo, prejuízos para a vida do sujeito que vão além dos aspectos educacionais e informacionais. Para mais informações, ver: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ScientiaTec/article/view/4137/2610>. Último acesso em 23 jul. 2025.

A despeito do alto volume de informações com o qual temos contato diariamente, não sabemos quase nada sobre o processo de acumulação e uso de dados nas plataformas. Em contrapartida, os algoritmos sabem cada vez mais sobre nós, influenciando nossas decisões, nosso comportamento e impactando diretamente a nossa vida ao criar novas formas de sociabilidade. Por isso, assim como Van Dijck (2023), acreditamos que “as implicações da plataformatização nas sociedades são profundas, pois os ecossistemas de plataforma estão moldando não apenas normas e valores, mas o próprio tecido da sociedade.”

A plataforma, enquanto estrutura que capta, acumula e transforma metadados, possibilita o desenvolvimento de um processo de dataficação. Este, por sua vez, se refere às ações das *big techs* para converter as práticas e processos realizados pelos usuários em dados comportamentais, cuja importância se reverte em lucro. Para Sadowski (2019), os dados são uma forma de capital, matéria prima do capitalismo digital. Seu acúmulo é um componente central da economia política no século XXI, *commodities* que se convertem em valor monetário. A dataficação toma forma como “um regime de economia política impulsionado pela lógica perpétua de acumulação e circulação de capital (Sadowski, 2019, p.2)”, o que significa que, enquanto houver fluxo de dados, haverá também fluxo de poder e lucro para os seus detentores.

Para o autor, os dados são *commodities* produzidas pelo trabalho digital de pessoas que postam no *Facebook*, clicam no *Google*, se exercitam com o *Fitbits* e sequer fazem ideia de que as suas pegadas digitais são valiosíssimas, comprovando a máxima de que “se você não paga pelo uso dessas plataformas, o produto é você”. Esses dados, ao serem vendidos para empresas de setores diversos, se transformam em produtos e serviços moldados às necessidades e preferências dos indivíduos, aumentando o fator de conversão de vendas. A atuação das plataformas e o conteúdo da dataficação não possuem compromisso com a imparcialidade, de acordo com Josiane Oliveira e Ianaira Neves (2023). Nesse sentido,

As tecnologias atendem e reproduzem aos interesses, objetivos, perspectivas e ontologias de investidores das empresas que desenvolvem as IAs (O’neil, 2016; Gillespie, 2014). Assim, abrimos espaço para a reprodução automatizada de preconceitos e vieses sociais como pressupostos válidos no processamento de dados, na produção de resultados e na própria escrita acadêmica. (Oliveira e Neves, 2023, p.403)

Há, portanto, um aumento da concentração de poder nas mãos de pequenos grupos ligados à tecnologia, intensificando problemas relacionados à exploração do trabalho, ao racismo epistemológico e a vigilância, escancarando a assimetria das relações entre as

empresas e os usuários. Remodela-se o trabalho e ocorre o que Dal Yong Jin (2013) define como “imperialismo de plataforma”, um rápido crescimento de grandes empresas de tecnologia por meio da extração e acumulação de dados através da exploração de plataformas.

Essa transformação não ocorre por acaso, mas em virtude da necessidade que o sistema neoliberal encontra de acompanhar as mudanças proporcionadas pelas novas formas de sociabilidade inauguradas pelo universo digital. Assim, diante de uma nova forma de exploração e lucro, surge o capitalismo de plataforma (Srnicek, 2016), inaugurando uma era do neoliberalismo onde a coleta e exploração de dados assume uma posição de centralidade. Percebemos, assim, que as plataformas produzem uma nova estrutura social reproduzindo características do mundo real adaptadas ao universo virtual, mantendo a racionalidade neoliberal através da exploração dos dados fornecidos pelos usuários e fazendo emergir, portanto, uma “sociedade da plataforma”.

Dessa forma, as plataformas buscam o desenvolvimento de recursos que retenham as pessoas por cada vez mais tempo, possibilitando a extração do maior número de dados possíveis, visando sua exploração e comercialização. Esses dados, antes desprezados, tornam-se ativos fundamentais, um novo tipo de matéria-prima a ser extraída, minerada e vendida. Nesse sentido, as indústrias do tempo presente que fazem uso desses insumos utilizam os dados coletados para, de acordo com Srnicek (2016), “otimizar processos de produção, indicar preferências de consumidores, controlar trabalhadores, proporcionar as bases para novos produtos e serviços e vender para anunciantes”.

Essa exploração gera uma desigualdade entre atores hegemônicos e hegemonzados no cenário mundial (Santos, 2013), criando uma relação assimétrica e rigidamente hierarquizada entre quem produz e quem consome os produtos provenientes da tecnologia do universo digital. Assim, desenha-se um cenário análogo ao colonialismo vivenciado durante a Idade Moderna, caracterizado por uma divisão internacional do trabalho que subordinava países periféricos ao fornecimento de matéria prima e ao consumo de produtos importados dos países produtores.

No entanto, esse novo modelo colonial alcança uma capilaridade nunca antes vista por contar com a colaboração voluntária dos usuários. Convencidos pelo uso gratuito das plataformas, os usuários aceitam seus termos de serviço - muitas vezes sem sequer lê-los -, garantindo a anuência necessária para a coleta de dados e a expansão contínua desse sistema de captação.

A despeito da nova roupagem, pautada no *softpower* (Han, 2020), as relações socioeconômicas vividas no meio virtual manifestam a manutenção da hegemonia do Norte

Global em relação ao Sul, considerando que a maioria das *Big Techs* estão localizadas ou nos Estados Unidos ou na Europa Ocidental. Assim, o capitalismo digital reproduz relações de poder semelhantes ao capitalismo mercantilista através da distribuição e formatos de seus produtos, relegando aos países à margem desse circuito do capital o papel de meros fornecedores e consumidores. Nesse sentido, para Alexander Carneiro e Thiago Falcão (2024),

Enquanto a presença das plataformas desestabiliza o funcionamento de determinadas comunidades e as torna dependentes de corporações multinacionais, uma considerável parcela dos ganhos financeiros gerados por essa atuação local retorna para os investidores presentes no Norte Global. Nesse processo, emerge uma nova forma de dominação, que pode ser observada tanto nos fluxos financeiros quanto nas materialidades dos sistemas que são desenvolvidos e empregados. (Carneiro e Falcão, 2024, p.8)

Por essa razão, é possível analisar este fenômeno a partir do conceito de *colonialismo digital* proposto por Walter Lippold e Deivison Faustino (2022), um novo momento do capitalismo proporcionado pela contínua expansão da influência dos espaços digitais, sobretudo através das plataformas, no cotidiano da sociedade pós-digital. Dessa forma, é possível afirmar que o colonialismo digital

Não é uma nova fase, mas um dos traços objetivos do atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista e representa um largo passo em direção a uma reificação, cada vez mais profunda, da nossa experiência e senso de realidade, elevando a um novo patamar, a objetificação e mercantilização das relações, das mais simples às mais complexas. (Lippold e Faustino, 2022, p. 56)

Esse novo meio de exploração, que se apropria do modelo colonial e o recria de acordo com a singularidade do espaço virtual, também pode ser compreendido a partir da noção de *colonialismo de dados* (Couldry e Mejias, 2019), considerando que atualmente as informações pessoais são matérias primas valiosas para as empresas. Essa ideia se ancora também através dos processos de extração e apropriação de dados para prover o acúmulo de capital, reproduzindo uma lógica de exploração e violência epistêmica típicas do modelo colonial (Carneiro e Falcão, 2024).

Os efeitos das tecnologias digitais nas relações sociais impactam também a maneira através da qual o capitalismo digital se apropria de fontes de lucro. Considerando que a lógica totalizante do capitalismo possibilita a transformação de tudo aquilo que faz parte do sistema em mercadoria, os seres humanos, agora usuários, são explorados por meio da infraestrutura

deste espaço virtual, deliberadamente pensada para proporcionar um fluxo constante de dados e, conseqüentemente, de ganhos financeiros.

Para além de uma analogia ao período colonial, é possível compreender o fenômeno do capitalismo de plataforma como um arranjo semelhante - preservadas às devidas proporções - aos cercamentos de terras ocorridos na Inglaterra no período que antecedeu a Revolução Industrial. Andrejevic (2007), ao descrever as condições de exploração no espaço digital, propõe o conceito de *cercamentos digitais* em clara alusão ao momento de transformação do capitalismo mercantil para o capitalismo industrial. Para o autor, assim como os cercamentos de terras foram condições essenciais para a exploração do trabalho assalariado, em virtude do êxodo rural e da numerosa mão de obra barata disponível, os cercamentos digitais permitem a exploração da informação gerada pelos usuários no curso de suas vidas cotidianas. Sob a ilusão de escolha, estes cercamentos separam os usuários dos seus próprios dados, dos meios de interação e do controle sobre o uso da informação que produzem.

Essas relações sociais baseadas em informações extraídas gratuitamente e, muitas vezes, sem o conhecimento dos usuários, refletem a exploração de dados através da sua transformação em *commodities* para a criação de produtos e serviços personalizados a serem vendidos. A busca pelo lucro a partir da coleta e apropriação de recursos extensivamente reforçam a noção de colonialismo.

O imperialismo digital se manifesta também no desrespeito à soberania jurídica dos países, visto que as empresas costumeiramente não levam em consideração as necessidades locais e realidades históricas das populações situadas fora dos grandes centros do capitalismo neoliberal. Como exemplo, é possível citar a querela recente entre o atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, o bilionário Elon Musk, dono da rede social X (antigo Twitter) e o ministro do Supremo Tribunal Federal brasileiro Alexandre de Moraes.

Em 2024, após solicitações por parte do ministro brasileiro para a indicação de representantes legais da plataforma X, bem como a determinação do bloqueio de contas de integrantes da extrema direita brasileira e a moderação de conteúdos que atentassem contra a democracia no Brasil, iniciaram-se ataques coordenados à Alexandre de Moraes. Donald Trump e Elon Musk, então aliados, alinhados ao conservadorismo, classificaram o ato como “censura”, se colocando como defensores da liberdade de expressão irrestrita por meio das plataformas sociais.

A ação, no entanto, não foi isolada, visto que o Ministro tem atuado no combate à desinformação e às milícias digitais, partícipes da tentativa de golpe de Estado no Brasil no

dia 8 de janeiro de 2023. Assim, podemos relacionar a atuação de empresas ligadas ao grande círculo capitalista global às tentativas de imposição de poder dos Estados Unidos em relação ao Brasil, sobretudo considerando o alinhamento e a atuação do presidente Luís Inácio Lula da Silva junto ao BRICS.

Esse, portanto, é um exemplo recente de como as relações entre os detentores dos novos espaços de produção e difusão de informação nos meios digitais buscam interferir na soberania de países do Sul global a partir do desrespeito à legislação local, sob a pecha de “defesa da liberdade de expressão”. Assim, ao passo que interferem na autonomia dos países, buscando a ampliação de seus ganhos financeiros, desestabilizam a democracia e fortalecem candidaturas da extrema-direita neoliberal, dispostas à autorizar a interferência e o desrespeito às leis nacionais em nome da submissão disfarçada de cordialidade junto aos EUA.

O predomínio de empresas em detrimento de Estados nacionais no processo de imposição e interferência em países periféricos é uma característica que diferencia o colonialismo moderno do colonialismo pós-digital. Isso se dá, sobretudo, pelas plataformas serem espaços produzidos pelo setor privado. Assim, as *Big Techs* desenvolvem esses espaços virtuais buscando converter as interações sociais, aparentemente gratuitas, em fontes de renda. Essa nova forma de exploração aprofunda desigualdades históricas e atua na manutenção do poder dos países centrais, proporcionando uma espécie de acumulação primitiva de dados que serão armazenados e convertidos em lucro.

Os efeitos políticos da nova corrida colonial também podem ser percebidos através das disputas entre EUA e China pela hegemonia mundial no mercado de tecnologia e desenvolvimento de Inteligência Artificial. Há quem diga, inclusive, que os países vivem hoje uma espécie de segunda Guerra Fria<sup>21</sup>.

Embora a pauta tecnológica costumeiramente designe estruturas abstratas, os componentes de *hardware* necessários para os supercomputadores são compostos, sobretudo, por minerais. No contexto da disputa entre os dois países acima citados, é possível realizar novamente uma aproximação com o colonialismo moderno, visto que a busca por minerais essenciais para o seu funcionamento tem sido uma constante. Por essa razão, em maio de 2025, os Estados Unidos estabeleceram um acordo com a Ucrânia para garantir a prioridade

---

<sup>21</sup>Para mais informações sobre as disputas políticas que envolvem tecnologia e Inteligência Artificial, acessar <https://www.estadao.com.br/link/inovacao/corrida-por-infraestrutura-de-ia-coloca-china-e-eua-em-guerra-fria/> Último acesso em 17 jul. 2025

do país na exploração de terras raras<sup>22</sup> em território ucraniano, sob ameaça de perda de apoio na guerra contra a Rússia.

Lippold e Faustino (2022) chamam a atenção para o fato de que a busca de áreas a serem exploradas pela digitalização, que originam uma corrida contra a concorrência entre empresas oligopolistas dos países do Norte Global, é determinante nesse processo de consolidação hegemônica. Assim, para além da matéria prima abstrata - os dados-, atualmente essa corrida também engloba a oferta de minerais, o que coloca os países do Sul global novamente em disputa e sob ameaça. Para os autores,

O controle bélico, político, cultural e, sobretudo, financeiro operacionalizado pelos países imperialistas, em benefício de seus oligopólios, se aperfeiçoa a partir de uma complexa teia hierárquica com decisivas consequências tecnológicas, especialmente nestes tempos de vanguarda NBIC (nanotecnologia, biotecnologia, informação e ciência cognitiva), em que a ciberguerra, ou seja, a guerra travada no ciberespaço, tem um papel fundamental. (Lippold e Faustino, 2022, p.127)

Nesse sentido, é possível compreender que os efeitos políticos inerentes à exploração de recursos dialogam diretamente com os ataques à soberania dos países do Sul Global, a quem foi imposto, novamente, o papel de fornecedores de matéria-prima e consumidores dos produtos finais. O neocolonialismo pós-moderno, dessa forma, contribui para a manutenção das assimetrias políticas e econômicas entre países em virtude do que os autores intitulam como ciberguerra.

Para além de refletir sobre os impactos das novas formas de exploração do trabalho no tempo presente, marcadas pela precarização, pela pejetização e por outros processos que fragilizam o trabalhador e afetam toda a sociedade, é necessário discutir também sobre como esse cenário incide sobre os historiadores. Por diferentes motivos, conforme apontado no Capítulo 1, esses profissionais têm recorrido às plataformas digitais como alternativa diante do desemprego, tornando-se também parte do processo de acumulação primitiva de dados orquestrado pelas *Big Techs*.

Essa busca, no entanto, não os isenta das contradições e vulnerabilidades impostas pelo capitalismo de plataforma, inserindo o historiador e “infotrabalhador” na mesma lógica de instabilidade que atinge outros trabalhadores virtualizados. Por essa razão, é fundamental compreender o historiador também como um trabalhador precarizado, tema que será abordado no tópico a seguir.

---

<sup>22</sup> Para mais informações sobre o acordo assinado pelos Estados Unidos e a Ucrânia, acessar <https://www.bbc.com/portuguese/articles/creq4yjvneo>. Último acesso em 17 jul. 2025

### 2.3 O historiador em meio ao privilégio da servidão

Am I a part of the cure?  
Or am I part of the disease?  
Coldplay, “Clocks”

Em *Clocks*, uma de suas mais populares canções, a banda britânica Coldplay apresenta um eu lírico que se encontra em intenso conflito. Ao buscar sentido para o que vive, este sujeito se pergunta: “sou parte da cura ou faço parte da doença?”. O dilema apresentado pela letra, no entanto, não é uma exclusividade apenas daqueles que enfrentam imbróglis amorosos, podendo mediar também uma reflexão sobre o papel do historiador que atua nas plataformas digitais.

Em busca de oportunidades em meio a um mercado saturado, cuja oferta supera consideravelmente a demanda pela sua mão de obra especializada, o historiador embarca no desafio de atuar nas plataformas digitais, um espaço criado pelo capitalismo, cujas regras são estabelecidas não por instituições públicas, mas por empresas privadas. Essas empresas, conforme discutido anteriormente, realizam um processo intenso de extração e acumulação de dados dos seus usuários, transformando-os em lucro através da venda para outras empresas.

Para isso, contam não somente com a anuência, mas também com o desconhecimento dos seus usuários em relação ao uso das informações sensíveis fornecidas em ambiente digital, originando diversas questões no que diz respeito à virtualidade: será possível um uso ético dos dados produzidos nas plataformas digitais? Como lidar com os interesses das *Big Techs* sendo um produtor de conteúdo? Existe alguma maneira de produzir de maneira ética? Estamos, a partir do uso dessas ferramentas, sendo anuentes com o capitalismo de vigilância? Qual o papel do historiador diante das implicações éticas inerentes ao trabalho em plataformas? Essas são algumas das questões que buscaremos refletir sobre e, quem sabe, responder nesta seção.

Para analisar o cenário laboral do historiador brasileiro no tempo presente, sobretudo nos ambientes virtuais, é importante remontar ao processo de profissionalização desse sujeito, fruto da intensa luta da categoria através de entidades representativas como a Associação Nacional de História, a ANPUH.

Com a aprovação da Lei 14.038/2020, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de Historiador, há uma ampliação do mercado de trabalho para os historiadores, sobretudo em um período de intenso ataque aos direitos trabalhistas e à descredibilização das ciências

humanas. Para além disso, a necessidade de enfrentamento das dificuldades de inserção no mercado de trabalho leva os historiadores a buscarem alternativas para além do magistério e da pós-graduação. Considerando o contexto pós-digital, conforme discutido no capítulo 1, essas alternativas passam diretamente pelas plataformas digitais, que oferecem oportunidades à baixo ou nenhum custo inicial, promovendo mudanças no cotidiano e nas identidades desses profissionais.

Embora seja uma conquista jurídica significativa para os historiadores, a regulamentação da profissão, por si só, não garantiu a esse profissional condições materiais dignas de trabalho. A intensificação da proletarização do historiador, nesse sentido, é consequência das disputas entre projetos de sociedade que se manifestam em instâncias parlamentares como o Congresso Nacional e o Senado brasileiro, espaços de poder ocupados por representantes de diversas elites brasileiras, dentre elas, a elite ligada às grandes redes educacionais privadas.

Essa condição, no entanto, não é exclusividade do tempo presente, mas parte de um processo histórico enraizado de desvalorização do trabalho intelectual docente, como podemos perceber através do fato de livros intitulados como “politicamente incorretos” serem *best sellers* nacionais. Dessa forma, é possível perceber que a lógica neoliberal opera transformando saberes científicos em mercadorias privadas, cujas narrativas se utilizam de revisionismos históricos para conquistar um público mais reacionário. Além disso, percebe-se que a precarização que marca a experiência profissional de muitos licenciados em História é também uma consequência direta de um cenário no qual a produção de conhecimento é submetida à lógica de mercado e à busca incessante por resultados rápidos e mensuráveis.

Esse *modus operandi* neoliberal impacta diretamente a atuação do historiador, seja em ambiente escolar, acadêmico ou nas plataformas sociais, transformando o sentido e o valor social da sua prática. Não quero, com isso, afirmar que o historiador que atua em plataformas é um mercenário educacional, mas alertar para os riscos que “jogar o jogo” das plataformas proporciona. Na busca por melhores condições de vida, não podemos perder de vista o componente ético do nosso labor, reduzindo os nossos alunos a clientes e o nosso impacto social às métricas. Independente do espaço em que estejamos atuando ou do serviço que esteja sendo prestado, a nossa função social de formar cidadãos deve permanecer como nosso maior objetivo.

Nesse contexto desregulamentado, a precarização assume diversas feições a partir dos contratos temporários, baixas remunerações, sobrecarga, trabalho invisível, ausência de direitos trabalhistas e dependência de um alinhamento às métricas das plataformas na busca

por visibilidade e entrega dos conteúdos. Esses elementos estão articulados, operando conjuntamente em prol da manutenção da instabilidade desse trabalhador, contribuindo para destituí-lo do controle sobre aquilo que produz e intensificando a sua vulnerabilidade, o que contribui para que permaneça aceitando péssimas condições por medo do desemprego, afinal, “Por causa da precarização, todos são empurrados para baixo, comprimidos pela necessidade do trabalho” (Silveira, 2020, p.20).

Essa necessidade se torna visível quando analisada sob o prisma do trabalho aspiracional (Duffy, 2016), isto é, uma situação em que os indivíduos aceitam trabalhos instáveis e, por vezes, não remunerados, na esperança de que isso poderá lhes abrir portas em um futuro próximo. No caso dos historiadores que também são infoprofessores, isso se traduz na produção de conteúdo gratuito ou sub-remunerado nas plataformas, realizada na expectativa de alcançar visibilidade, potenciais clientes e oportunidades de trabalhos estáveis. É equivocado, no entanto, presumir que esse tipo de trabalho é exclusivo do meio digital. Nos últimos anos, a prática de contratação de professores voluntários por instituições públicas de ensino superior tem se tornado recorrentes, demonstrando que os vínculos precarizados também encontram nas universidades federais e estaduais brasileiras um terreno fértil para sua ampliação, uma forma de atuação que pode vir a reforçar um ciclo de autoexploração desvinculado de ganhos materiais efetivos (Lopes, 2023).

Essas são as características do novo proletariado de serviços, definido pelo sociólogo Ricardo Antunes (2018) como um novo tipo de trabalhador, submetido a um extremo processo exploratório. Nesse sentido, “os novos proletários dos serviços se encontrarão entre uma realidade triste e outra trágica: oscilação entre o desemprego completo e, na melhor das hipóteses a disponibilidade para tentar obter o privilégio da servidão” (Antunes, 2018, p. 34).

Insta reforçar que as condições de trabalho do tempo presente são consequências do capitalismo contemporâneo, caracterizado por uma flexibilização nas relações de trabalho e de produção, resultando na precarização e na formação de um precariado (Farias e Costa, 2020). Para os autores,

Esse processo, aliado ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, promoveu uma metamorfose no mundo do trabalho produzindo essas realidades de fragmentação, precarização, terceirização, desregulamentação de direitos e enfraquecimento da coletividade proletária, dos sindicatos em especial, ampliando o espaço de um sindicalismo de “parceria corporativa”. A era da informação, paradoxalmente, se constitui também na era da precarização. A precarização é a forma de exploração do trabalho no período da crise estrutural do capital. (Farias e Costa, 2020, p. 292)

Para os historiadores, em específico, de acordo com Silveira (2020),

O problema se agrava devido à mutabilidade das identidades profissionais na contemporaneidade. O que significa ser historiadora ou historiador quando as identidades profissionais não são fixas e estão em constante mudança, resultado da própria necessidade de aperfeiçoamento e atualização dos profissionais que as exercem, para não mencionar a precariedade das relações trabalhistas? E, por conseguinte, qual o sentido da formação universitária quando os trabalhos se transformam em jobs (...)? (Silveira, 2020, p.11)

Ou seja, o uso das plataformas digitais de comunicação impacta diretamente na formação da identidade do historiador no século XXI, reconfigurando a sua subjetividade. Fernando Nicolazzi (2018), compreende essa construção como intersubjetiva, considerando que o historiador se remodela a depender da ocasião e do público para o qual se dirige.

Dessa forma, a plataformização não apenas cria formas de inserção profissional, mas também transforma as concepções de identidade e os modos de atuação do historiador. A necessidade da presença constante, do conhecimento algorítmico e da adaptação aos formatos e tendências desse espaço impõe uma nova lógica de trabalho. Se antes o trabalho do historiador era solitário e necessitava de um tempo maior para ser realizado, considerando os limites da criatividade e da capacidade de análise humana, hoje, quando tudo está a um clique de distância e as IA's generativas fornecem informações em segundos, há uma exigência por produções cada vez mais velozes. Nesse ritmo, o foco deixa de ser a qualidade e a profundidade do que se produz e torna-se a aceitação que o conteúdo vai gerar no público. Nas plataformas, o público disposto a aprofundar-se em conteúdos é muito restrito, o que compromete o alcance e a escala que o infoprofessor poderia alcançar. Faz-se uma escolha pela entrega de conteúdos breves, de fácil circulação e alto apelo midiático.

A precarização, nesse sentido, não se restringe apenas ao aspecto financeiro, alcançando também o episteme histórico. A lógica do capitalismo de plataforma, que fomenta produções rápidas e constantes para a manutenção do engajamento dos perfis, pode ocasionar uma superficialidade no que é produzido, bem como a fragilização do discurso histórico, priorizando simplificações, curiosidades ou espetacularizando fatos históricos em detrimento de análises mais aprofundadas. O problema, em si, não é a criação de perfis focados nestes objetivos, mas a disseminação de uma narrativa que dê a esses recortes um lugar equivalente ao do conhecimento científico. As produções nas plataformas, em grande medida, se constituem de saberes, afinal, para a produção de ciência é necessária a aplicação de um método de análise que se utiliza do tempo como parte de seu processo. Em um ambiente em

que tudo é acelerado, a urgência de produzir vai de encontro a profundidade do que é produzido.

O sujeito historiador, portanto, à medida que se adequa ao formato e necessidades da plataforma, atende aos requisitos do capitalismo de plataformas (Srnicek, 2016) e/ou do capitalismo de vigilância (Zuboff, 2020), que presumem a vigilância como princípio base da construção de um sujeito alinhado à racionalidade neoliberal. Surge daí o sujeito-empresa ou o sujeito empreendedor de si, motivado por uma falsa sensação de liberdade que se torna seu maior algoz. Na esperança de viver sem a dominação de um patrão ou de ter que se submeter aos mandos de uma empresa, paradoxalmente é imbuído de um sentimento de liberdade que facilita a sua dominação, articulado pelo discurso neoliberal (Han, 2022).

Essa fabricação discursiva é realizada através da articulação entre ferramentas psicossociais que fomenta o individualismo e a valorização do eu (Dardot e Laval, 2016), acentuando a presença de uma lógica econômica subjacente às relações sociais. Desse modo, cria-se o sujeito que deve “vestir a camisa” da empresa, ou seja, dedicar-se inteiramente a sua atividade profissional, afinal, se as plataformas são um mar de oportunidades para todos, o sucesso só depende dele. Cria-se também nesse sistema uma fragilização das relações entre pares, fragmentando a identidade desses historiadores de plataforma como trabalhadores.

A crise do sindicalismo se insere nesse contexto, tendo em vista que

As terceirizações destroem os vínculos de solidariedade, pulverizam a representação. O “enxugamento” das fábricas produz o medo do desemprego e essa realidade gera uma forte debilidade no sindicalismo. Isso também se explica pela nova subjetividade do trabalho no regime de acumulação flexível, marcada pelo isolamento, enfraquecimento da identidade coletiva, discriminação e desvalorização. O desemprego e a precarização promovem uma ampliação brutal de relações sociais fetichizadas e destrutivas. (Farias e Costa, 2020, p.295)

O enfraquecimento da identidade dos historiadores como classe proporciona o surgimento do que Han (2018) estabelece como uma multidão extremamente fugaz e diversa, onde falta a massa e a gravidade necessárias à ação. Para Han, as novas massas, que surgem após a revolução digital são, na verdade, um enxame digital, que

(...) não é uma massa porque é intrinsecamente desprovido de alma ou de espírito. A alma congrega e unifica. O enxame digital compõe-se de indivíduos isolados. (...) Falta ao enxame digital uma alma ou um espírito de massa. Os indivíduos que se reúnem num enxame digital não desenvolvem qualquer nós. Não há, no enxame, qualquer concordância que consolide a multidão numa massa que seja um sujeito de ação. O enxame digital, ao contrário da massa, não tem coerência própria (Han, 2018, p.22)

Essa fragmentação da identidade do historiador enquanto trabalhador favorece diretamente as plataformas, visto que os sujeitos econômicos produzidos pelo neoliberalismo

não constituem um qualquer nós capaz de ação comum. A tendência crescente no sentido do egoísmo e da atomização da sociedade leva a uma restrição radical dos espaços de ação comum, impedindo desse modo a formação de um poder de oposição, que pudesse pôr realmente em causa a ordem capitalista (Han, 2018, p.26).

Ou seja, é através da erosão dos laços de solidariedade entre esses sujeitos, que por vezes passam a ser vistos como concorrentes ou inimigos no mercado digital, que as plataformas mantêm o controle, o poder e a vigilância sobre os seus usuários. Fragilizar a relação entre sujeitos que vivenciam a mesma situação de exploração a partir da positividade, isto é, impondo a estes uma autoexploração sob o signo da liberdade ao invés da cobrança direta por produtividade, é maximizar a exploração e o controle, que agora conta com a colaboração ativa do sujeito empreendedor de si. O neoliberalismo produz espaços e sujeitos, reinventando-se em momentos de crise para a manutenção do lucro a qualquer custo.

Antes da regulamentação da profissão de historiador, bem como da inserção deste sujeito nas plataformas digitais, o âmbito educacional, que absorve grande parte desses profissionais, já se viu afetado pelo novo modelo de trabalho neoliberal. Em meio a gestão do ex-presidente Michel Temer, foi aprovada a Lei 13.415/2017, referente ao Novo Ensino Médio. No período que antecedeu a aprovação da lei, diversas entidades de classe se manifestaram contrárias à proposta, vista como um retrocesso ao reduzir a carga horária de disciplinas ligadas à área de Ciências Humanas e privilegiar as áreas de matemática e língua portuguesa. O modelo, elaborado com base no sistema educacional norte-americano, desconsiderou as particularidades e desafios inerentes à educação brasileira. Hoje, quase dez anos após a sua aprovação, a lei enfrenta novas críticas, sob o argumento de que o novo formato acentua as desigualdades sociais e cria duas possibilidades educacionais, uma ofertada ao público mais rico e a outra oferecida ao público mais vulnerável socioeconomicamente. Assim, sob a justificativa de modernização, o “novo” modelo educacional brasileiro reforçou desigualdades estruturais e subordinou, mais uma vez, o ensino à lógica do mercado. Para o docente da área de História, isso significou uma ampliação da precarização dos seus vínculos.

Este cenário de insegurança laboral atingiu diretamente os licenciados, que se depararam com cargas horárias menores à sua disposição. Diante desse novo modelo, a quantidade de oportunidades de emprego nas escolas tornou-se ainda menor, visto que um

mesmo profissional precisaria ocupar posições em diferentes empresas para completar a sua carga horária e alcançar uma renda adequada para sua manutenção financeira. O número de turmas, de alunos e a carga de trabalho - muitas vezes não remunerado - aumentou para além da sala de aula, potencializando os índices de adoecimento físico e mental dos professores em virtude da sobrecarga laboral.

As jornadas invisíveis, compostas pelo trabalho extraclasse, são um dos eixos fundamentais da exploração neoliberal. O trabalho que não é visto ou realizado no âmbito escolar não é visto com a obrigatoriedade da remuneração, o que gera sobrecarga, falta de reconhecimento e se configura como um mecanismo silencioso de exploração, muitas vezes naturalizado no cotidiano escolar.

Por essa razão, para alguns, a pós-graduação surgiu como uma alternativa ao chão da sala de aula. Diante da possibilidade de tornar-se bolsista por dois ou quatro anos e conquistar relativa estabilidade financeira, uma parcela dos egressos dos cursos de graduação passou a buscar os cursos de mestrado e doutorado no formato *stricto-sensu*.

No entanto, até mesmo no meio acadêmico há uma discussão em relação ao reconhecimento da atividade de pesquisa como um trabalho, problematizando o não-lugar que hoje ocupa o pesquisador brasileiro. Este, ainda que trabalhe através dos estudos, não é reconhecido nem como estudante, em virtude das cobranças por produtividade que recebem, nem como trabalhador, considerando que o tempo dedicado para a pesquisa não é contabilizado como experiência profissional.

O pós-graduando, portanto, está, assim como em outras possibilidades de atuação do historiador, submetido a uma exploração que sequer lhe reconhece como trabalhador. É o que defende a Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG), em postagem realizada no *feed* do seu perfil do *Instagram* no dia 17 de abril de 2025.

Em parceria com o Centro de Estudos e Memória da Juventude (CEMJ), a ANPG elaborou o Dossiê Florestan Fernandes<sup>23</sup>, um estudo sobre a condição do pós-graduando brasileiro no mundo do trabalho e da sua formação. As entidades afirmam que hoje, no Brasil, os pesquisadores enfrentam uma situação paradoxal. Ao passo que produzem 90% da ciência brasileira, seu trabalho continua sendo visto apenas como produção estudantil, desconsiderando o hibridismo que permitiria reivindicar as categorias de estudantes e trabalhadores. Essa condição se constitui como uma lacuna jurídica, vulnerabilizando a

---

<sup>23</sup> Lizardo, Elisangela (org.); Bonone, Luana Meneguelli; Olorryama, Dan; Fairbanks, Cristiane; Sousa, Euzébio Jorge Silveira de. Dossiê Florestan Fernandes: Pós-graduação e trabalho no Brasil. São Paulo: ANPG/CEMJ, 2023.

condição do pós-graduando sem a garantia de direitos trabalhistas e contribuição para a previdência social, e encontra respaldo no que já ocorre com os médicos residentes, que possuem direito à previdência mesmo estando em formação.

Neste estudo, de acordo com dados do Centro de Gestão de Estudos Estratégicos (CGEE), há uma redução do emprego formal entre mestres e doutores, o que aponta para um cenário de precarização do trabalho, levando esses sujeitos a buscarem atividades que não condizem com sua área de formação. Assim, na ausência de vagas que contemplem o alto nível de especialização desses trabalhadores, os pós-graduados brasileiros buscam em “bicos”, na prestação de serviços a partir da abertura de um cadastro de Microempreendedores Individuais (MEI) e em atividades da *gig economy*<sup>24</sup> como motoristas de aplicativos e prestação de serviços online o complemento de suas rendas.

Essa realidade, no entanto, não é exclusividade dos trabalhadores especializados brasileiros. Salvatore Poier (2018) faz da sua experiência temporária como motorista de Uber em Pittsburgh uma reflexão sobre desemprego, mercado de trabalho e alternativas para os mestres e doutores.

Para o autor, a precarização é a criação artificial de uma escassez de empregos estáveis, o que faz com que todos tenham que disputar os mais desejáveis, forçando o restante a posições de precariedade. O sistema precisa dessas pessoas em situação de vulnerabilidade, porque a contratação de trabalhadores precarizados é mais barata do que um trabalhador amparado pelos direitos trabalhistas. Assim, em meio ao desespero e ao desemprego, mesmo as piores ofertas de trabalho são alvos de disputa.

Especificamente em relação à sua inserção no mercado de trabalho de uma nova cidade, Poier (2018) relata que:

Consegui uma série de cargos como adjunto que me renderam muito pouco dinheiro e ainda menos tempo para me dedicar às outras atividades. (...) Fui desvalorizado por não estar claramente ligado a uma única área, especialmente em instituições que exibem em seus sites palavras como “multidisciplinaridade” e “multiculturalidade”. Me ofereceram — e eu aceitei — contratos como adjunto por 2.000 dólares por disciplina, por semestre, com um limite de três disciplinas por ano nessa instituição. Você pode dizer que essa é a realidade de muita gente com doutorado; não é novidade. Eu entendo e concordo, mas isso não diminui a minha revolta com o mundo (acadêmico). (Poier, 2018, p. 27 [tradução nossa])

---

<sup>24</sup> A *gig economy* é um conceito clássico da economia que se refere ao trabalho independente e/ou temporário. Os *gig workers*, portanto, são “todos aqueles contratados para concluir uma tarefa ou projeto, ou suprir uma demanda de trabalho temporário no âmbito da chamada GIG Economy, alcançando os trabalhadores temporários e os *freelancers*” (Campos e Gonçalves, 2022, p.26). Para mais detalhes, ver: da economia *gig* à economia de plataforma: a evolução da economia digital no trabalho humano. Disponível em: <https://revista.trt10.jus.br/index.php/revista10/article/download/524/443/>. Acesso em: 02 jul. 2025.

É possível perceber que a dificuldade de absorção da mão de obra especializada formada pelos cursos de mestrado e doutorado não é uma particularidade do mercado brasileiro, mas um fenômeno de escala mundial, que conduz esses trabalhadores a buscarem empregos aquém de suas capacidades e em condições cada vez mais precarizadas.

Para o ofício do historiador brasileiro, a pertinência da discussão sobre as condições e oportunidades de trabalho e emprego não é menos importante, ao contrário. Apesar da tradicional resistência da academia em relação ao tema, conforme Silveira (2020), acreditamos que urge a necessidade de um debate mais contundente nas universidades sobre o destino daqueles e daquelas que lá são formados e, ano a ano, se tornam mão de obra disponível para um mercado inchado, incerto e cada vez mais influenciado pelo fenômeno da plataformização.

Silveira, ao realizar um panorama sobre a inserção social do conhecimento histórico e do historiador, argumenta que há uma ausência significativa de discussões sobre este tema, considerando que

Historiadoras e historiadores reforçarão sua presença no espaço público sob condições muito diversas daquelas anteriormente existentes e, numa economia para a qual a informação é cada vez mais a principal mercadoria, se tornarão parte do mercado de produção de conteúdo (...) (Silveira, 2020, p.4)

Quando negligenciam a preparação dos futuros historiadores para atuar em um cenário marcado pela instabilidade e pela plataformização, as universidades reforçam um modelo formativo distante das realidades trabalhistas concretas. Essa omissão fragiliza a inserção profissional e perpetua uma visão romantizada e despolitizada do trabalho historiográfico, dificultando o reconhecimento das condições de exploração. Ao deixar de discutir e formar os graduandos não apenas como acadêmicos, mas também como trabalhadores, contribuem para a dificuldade de seus pares em se reconhecerem enquanto categoria profissional.

Repensar essa atuação sob o prisma do trabalho torna-se, assim, fundamental para permitir a construção de novas identidades laborais de historiadoras e historiadores que atuarão em espaços para além do meio universitário e escolar, evitando que saiam das universidades com uma formação, mas sem profissão (Silveira, 2020).

Debater sobre condições de trabalho impacta diretamente na mobilização de uma consciência de classe que levará esse trabalhador a compreender as dinâmicas de exploração na qual estará envolvido. No caso dos trabalhadores das escolas privadas, geralmente mais

empresas que escolhas (Santos e Araújo, 2023; Costa 2020), conhecer seus direitos é, na maioria das vezes, a única chance que possuem de tê-los efetivados.

A profissão de professor não é estática, mas um fenômeno que surge intrinsecamente ligado às transformações econômicas, sociais e políticas. Historicamente, o ato de ensinar possui uma relação próxima à religião, sendo exercido por sacerdotes na antiguidade e por clérigos no período medieval. Nesse sentido, é possível estabelecer vínculos entre a ideia do exercício do ensino por amor e a religião, o que construiu uma imagem profissional vinculada à caridade e ao sacerdócio docente. Para muitos, discutir sobre salário, impostos e questões trabalhistas é alinhar-se a um aspecto mercadológico da educação, em que se priorizam os ganhos financeiros em detrimento da função social da aprendizagem.

No entanto, é ao adotar uma postura alheia e alienada em relação ao contexto laboral que o trabalhador se alinha diretamente ao desejo do capital, isentando-se da busca pelos seus direitos, por melhores condições de trabalho e por um labor menos exploratório. Dessa forma, ampliam-se os ganhos dos patrões ao passo em que se intensifica uma situação de exploração e vulnerabilização desse trabalhador, traduzida pela romantização do ofício docente.

Nesse sentido, é possível afirmar que as universidades estão formando historiadores para um mercado complexo, volátil e incerto, o que abre margem para uma precarização deste trabalhador. Diante da escassez de oportunidades e da necessidade socioeconômica, a precarização do trabalho se amplia.

Com o aumento cada vez mais nítido da influência das plataformas em atividades do dia-a-dia, o uso desses recursos gerou um processo que, de acordo com Poell, Nieborg e Van Dijck (2020), empreendeu mudanças nas relações entre os usuários e as plataformas, sobretudo em relação ao mundo do trabalho. Os autores relacionam esse novo modelo com conceitos como “trabalho aspiracional”, “trabalho relacional” e “trabalho de esperança” (*hope labor*), o que reflete a busca dos historiadores por ocupações laborais nestes espaços em consequência da dificuldade de inserção no mercado de trabalho. As plataformas, portanto, muitas vezes são a última esperança daqueles que se formaram imaginando diversas possibilidades de atuação, mas que encontraram apenas portas fechadas na busca pelos seus primeiros empregos.

Diante disso, urge a necessidade da construção de uma consciência de classe entre os historiadores que atuam como infoprofessores, o que passa diretamente sobre um debate acerca das condições de trabalho que os estudantes de graduação encontrarão quando formados. É preciso, portanto, reconhecer que o trabalho em plataformas é uma realidade mais profunda, que vai além do viés empreendedor de alguns. Para muitos de nós, as

plataformas são uma imposição estrutural decorrente da ausência de alternativas sólidas no mercado de trabalho tradicional.

Essa mudança de perspectiva é essencial para que se possa articular estratégias coletivas de resistência e reivindicação, o que Silveira (2020) entende como a reconquista da subjetividade do espectro do neoliberalismo. Assim como o autor, acreditamos que a despeito do contexto mercadológico, é possível construir uma atuação propositiva, alinhada aos princípios da ciência histórica e até mesmo empreendedora nas plataformas, desde que tenhamos clareza na compreensão das implicações que isso trará.

No entanto, apesar da esperança do uso desse espaço como uma forma de trabalho, é importante salientar o caráter instável e vulnerável dessas ocupações, visto que esses trabalhadores passam a ser “historiadores com CNPJ”. Sem vínculo empregatício, esses profissionais se inserem no mercado, mas não podem contar com direitos trabalhistas. Um trabalho que surge inicialmente como uma solução, suscita novas discussões: estamos caminhando para mais um modelo de trabalho precarizado, para além da docência mal remunerada e da pós-graduação não reconhecida? Até que ponto essa atuação autônoma nos moldes da plataformização nos coloca em um outro lugar de vulnerabilidade empregatícia consequente do modelo neoliberal?

As respostas, como deve ser possível imaginar, não são simples. O que temos de tangível é: existem historiadores sendo formados ano a ano que não encontram oportunidades formalizadas e asseguradas. O que resta a esses sujeitos como alternativa para iniciar suas carreiras trabalhando em suas áreas de formação é a prestação de serviços mediada pelas plataformas digitais. Dessa forma, cabe ao historiador inventar um novo mercado e reinventar-se nesse processo, bem como atuar de maneira crítica e consciente frente ao fenômeno da plataformização, a partir do que Carvalho (2016) define como uma atitude de presença.

Respondendo, por fim, o questionamento de início dessa seção, podemos ser tanto parte da cura quanto da doença, O que nos separa de um para o outro é a consciência de que a ideia de liberdade e empreendedorismo é uma construção discursiva neoliberal, que busca fragilizar nossas relações coletivas com os nossos pares e nos manter em condição de autoexploração. Cientes de toda essa situação, é possível articular uma atuação propositiva e subverter a lógica do capitalismo de plataforma, o que ganharia força com a presença de discussões relativas ao mundo do trabalho sendo realizadas no espaço da universidade. Dessa forma, nos reinventaríamos mais uma vez, não para a submissão ao capitalismo de vigilância, mas para a resistência diante da crescente influência desses espaços no mundo real.

É sobre como tem se dado esse processo de reinvenção do historiador nas plataformas digitais, especificamente o profissional egresso do curso de História da UFRN, que versará o capítulo seguinte.

## CAPÍTULO 3 - AS IDENTIDADES LABORAIS DO HISTORIADOR DO SÉCULO XXI

### 3.1 Trabalhador brasileiro

Meu nome é trabalho, mas estou ferrado  
 A fim de um cascalho, vou pra todo lado  
 Tenho cinco pirralho chorando um bucado  
 Vê se quebra um galho, doutor  
 Tô desempregado  
 Me arranja um trabalho, doutor  
 Estou desempregado  
 Seu Jorge, “Trabalhador”

O trabalho ocupa uma posição de centralidade na identidade do brasileiro, estampando inclusive a bandeira do estado do Espírito Santo, onde consta a frase “trabalha e confia”. Criada em meio ao desenvolvimentismo republicano, seu lema mistura positivismo e religião, inspirado na frase original de Santo Inácio de Loyola, que diz “Trabalha como se tudo dependesse de ti e confia como se tudo dependesse de Deus.”.

Para aqueles que encontraram o “sinal fechado” após a conclusão de suas graduações, a atuação nas plataformas surgiu como oportunidade de inserção no mercado de trabalho através da produção de conteúdo. É o *hope labor*, o trabalho da esperança, em que se investe tempo e dedicação sem a certeza do retorno financeiro. Nas plataformas, trabalha-se como se tudo dependesse do produtor de conteúdo, mas confia-se em um Deus que não é justo, cristão ou imparcial: o algoritmo.

É dessa maneira que o trabalhador, conforme descrito por Seu Jorge, se encontra. “Ferrado”, “indo para todo lado”, “em busca de um cascalho” para sustentar a sua família. Engana-se, no entanto, quem pensa que essa realidade atinge apenas os trabalhadores com pouca ou nenhuma qualificação, afinal, retomando a música que inicia este capítulo, “tem gari por aí que é formado engenheiro”.

A crise de desemprego, sobretudo durante e após o período da Pandemia de COVID-19, se expandiu e dificultou ainda mais a inserção dos historiadores no mundo do trabalho, conforme sinalizado pelos respondentes do formulário analisado no capítulo 1 desta pesquisa. Diante da constante necessidade de arcar com os seus compromissos financeiros e dos sinais fechados que encontraram, buscam em trabalhos sem qualquer garantia jurídica ou

financeira uma esperança para a melhoria de suas vidas. Dessa forma, é possível reconhecer a exploração como uma marca na história social do trabalho no Brasil, que se materializa historicamente através da violência e da precarização das relações trabalhistas.

Para quem ama o passado e está acostumado com o trabalho nos moldes mais tradicionais, pode ser difícil reconhecer o sentido e compreender as motivações que levam colegas a trabalhar sem a certeza de um retorno. Para aqueles que, no entanto, não possuem escolha, o trabalho em ambiente virtual é uma invenção que encanta pela oportunidade, em teoria, democrática.

Nesse sentido, após analisar as impressões dos egressos do curso de História da UFRN acerca do uso profissional do *Instagram* e relacioná-las à realidade do historiador na era da pós-verdade, passo agora a examinar, de forma direta, como se deu a atuação desses profissionais na plataforma. Para isso, serão analisados os perfis de egressos do curso que utilizaram o *Instagram* com finalidades profissionais entre 2020 e 2022. O objetivo é investigar de que maneira os historiadores formados pela UFRN reinventam suas práticas diante dos desafios impostos pelo capitalismo de plataforma e pela precarização do trabalho, bem como compreender suas estratégias de presença e construção de identidade profissional nesse espaço digital.

Escolhi como recorte temporal o intervalo compreendido entre os anos de 2020 e 2022, considerando que esse período abarca o ápice da Pandemia de COVID-19, elencada como um fator catalisador da inserção do historiador nas plataformas digitais, e a transição para o então “novo normal”, isto é, o período pós pandêmico, quando o regime de trabalho presencial retornou. Dessa forma, será possível perceber se essa atuação ocorreu apenas por necessidade momentânea, em virtude do isolamento social, ou se havia nestes profissionais uma real intenção de permanecer atuando no âmbito virtual.

Para a composição do *corpus* documental deste capítulo, foram elegidos 4 perfis de historiadores formados pela UFRN que estiveram em atividade no *Instagram* durante o intervalo escolhido. Os perfis selecionados são fruto de buscas realizadas através de palavras-chave e *hashtags* na barra de pesquisas da plataforma (#historiarn, #historiadorpotiguar, #cursinhodehumanas), entre seguidos e seguidores de perfis relacionados ao curso de história, como o @ppghufrn, @maatufrn, @lehs.ufrn, @cchlaufrn, @osespaçosnamodernidade, @ihgrn, @anpuhrn e @gruopoepps e também provém de redes de contato que fiz ao longo da minha carreira como infoprofessora. Cada um dos perfis teve 36 publicações analisadas, 12 em cada ano (2020, 2021, 2022), preferencialmente uma por mês, buscando investigar a regularidade das postagens, a presença ou não de um calendário de planejamento ou alguma

mudança na estratégia de produção de conteúdo. Essas transformações foram analisadas a partir da metodologia que Carvalho (2016) conceitua como atitude de presença.

Nesse sentido, investigaremos aspectos relativos à forma de elaboração desses conteúdos, analisando a linguagem, o design, a elaboração de estratégias de produção e divulgação de conteúdo, o conhecimento técnico empregado neste espaço e as possibilidades de gestão das redes sociais. Esses pontos serão balizas que tornarão possível compreender se houve ou não algum tipo de mudança no que tange à profissionalização desses sujeitos produtores de conteúdo na plataforma do *Instagram* durante a pandemia de COVID-19, conjuntura que tornou o ambiente virtual como o único possível dentro das limitações sanitárias para o labor.

No entanto, em conjunto com a atitude de presença, as fontes analisadas serão também interpretadas à luz da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), já utilizada na análise dos formulários que constituem o conjunto de dados analisados para a confecção do primeiro capítulo desta dissertação. Através da combinação desses dois métodos, busco compreender o mais profundamente possível os meandros da produção de conteúdo realizada pelos proletários digitais.

A elaboração da ferramenta de análise dos perfis se deu considerando os seguintes critérios:

**Tabela 3** - Critérios de análise dos *profgrams* em relação ao conteúdo

Critérios	Informações levantadas
Usuário	Nome do usuário do perfil e se o perfil é pessoal ou institucional.
Data da postagem	Dia, mês e ano da postagem.
Tema da postagem	Assuntos tratados pelo produtor de conteúdo no post analisado.
Formato da postagem	Reels, imagem no Feed ou carrossel no feed.
Foco principal	Divulgação pública, autoridade, divulgação pessoal/de marca, posicionamento, conexão, acadêmico ou misto.
Interação média	Comentários presentes na postagem.
Observações sobre narrativa/estilo	Tamanho da legenda, linguagem utilizada, uso de hashtags, uso de emojis, interação com os seguidores, <i>links</i> de acesso às fontes citadas e elaboração técnica.

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Em relação aos critérios que se referem ao foco principal das postagens, julgo pertinente explicitar ao leitor o que estou entendendo por postagens com objetivos de autoridade, conexão e posicionamento, por exemplo. Esses são termos derivados do marketing digital que dizem respeito a intencionalidade do produtor de conteúdo em relação ao seu público-alvo, que, no entanto, não estão sendo utilizados nesta análise em seu sentido mercadológico puro, mas como categorias operacionais, visando facilitar a análise dos perfis. Por essa razão, elaborei a tabela abaixo, buscando elucidar como estou me apropriando de cada termo:

**Tabela 4** - Operacionalização das categorias do marketing digital

Categoria	Significado na análise realizada
Divulgação pública	Conteúdo com o objetivo de realizar a divulgação pública da história.
Autoridade	Conteúdo com o objetivo de construir a autoridade de quem está produzindo o conteúdo, englobando a publicação de títulos, premiações, depoimentos positivos, entre outros.
Divulgação pessoal/de marca	Conteúdo com o objetivo de divulgar o trabalho ou produtos físicos/digitais produzidos pelo historiador ou pela marca atribuída a ele.
Posicionamento	Conteúdo com o objetivo de posicionar-se diante de algum tema polêmico ou debates historiográficos e sociais.
Conexão	Conteúdo com o objetivo de fortalecer a relação entre o infoprodutor e os seus seguidores, geralmente com caráter afetivo ou chamada à interação.
Acadêmico	Conteúdo com o objetivo de discutir questões acadêmicas, geralmente com uma linguagem mais rebuscada e maior quantidade de texto.
Misto	Conteúdo que mescla dois ou mais objetivos.

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Após a análise inicial das postagens realizadas pelos perfis, que buscou investigar a presença ou a ausência das características mencionadas acima, utilizei uma segunda ferramenta, com o objetivo de compreender se a atuação profissional desses sujeitos se deu através da atitude de presença preconizada por Carvalho (2016), conforme é possível consultar abaixo:

**Tabela 5** - Critérios de análise dos *profgrams* em relação à atitude de presença

Critérios	Perguntas norteadoras
Elaboração de projeto	Aborda alguma tendência/discussão historiográfica? Elabora algum planejamento? Utiliza uma identidade visual? Define bem o público alvo? Realiza alguma abordagem temática?
Formação de equipe	Menciona ou deixa transparecer a existência de uma equipe de colaboradores? Utiliza a interdisciplinaridade? Sugere divisão de funções?
Conhecimento técnico	Os posts demonstram domínio da linguagem própria das redes sociais? Há regularidade e consistência nas postagens? O design dos posts revela uso consciente de ferramentas gráficas? Há adaptação no conteúdo para uso multiplataformas? O perfil demonstra conhecer seu público e adaptar a linguagem a ele?
Pesquisa digital	O perfil indica ou referencia fontes digitais? Há menção à busca por acervos digitais ou uso de bancos de dados online? O conteúdo traz links, indicações ou sugestões de leitura complementares? O conteúdo é produzido mediante pesquisa prévia?
Gestão de rede	O perfil interage com seguidores? Há moderação de discussões Demonstra preocupação com segurança digital? Há sinais de que o perfil pensa a comunidade de seguidores como parte ativa do projeto?

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Mediante o uso das ferramentas de análise acima, foi possível coletar e sistematizar os dados relativos aos perfis analisados, identificando padrões de atuação, recursos empregados e categorias de conteúdo predominantes. Entretanto, a mera exposição de dados não captura integralmente a complexidade das estratégias de presença digital adotadas pelos historiadores, nem contempla a redefinição de suas identidades profissionais diante das particularidades do trabalho em plataforma.

Por esta razão, visando compreender de maneira mais profunda como cada infoprodutor mobiliza a sua *atitude de presença*, faz uso de recursos comunicativos e estabelece conexões com seu público, torna-se necessário examinar os perfis individual e coletivamente a partir dos critérios acima apresentados.

Na seção a seguir, serão detalhados os perfis selecionados para a nossa investigação, permitindo uma análise mais minuciosa de suas práticas e estratégias no *Instagram* entre os anos de 2020 e 2022.

### 3.2 Infoproletários

O primeiro perfil analisado é o de Henrique Alexandre Medeiros de Lucena, historiador licenciado pela UFRN no ano de 2006 e produtor de conteúdo no perfil @prof.henriquelucena. Henrique tornou-se mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História e Espaços da UFRN, defendendo a dissertação intitulada “UM INSTANTE NO TEMPO, GÊNESIS DE MUNDOS: A CONSTRUÇÃO DE UM RIO GRANDE DO NORTE NA PERSPECTIVA DE NEWTON NAVARRO (1928-1980) “. Sua ligação com a história local se faz presente não somente em sua formação acadêmica, mas também nos conteúdos que cria em seu perfil profissional.

No momento em que foi analisada, a conta possuía 1064 publicações, 26,8 mil seguidores, e uma biografia alinhada aos pressupostos do *marketing* digital, contendo informações acadêmicas e profissionais com finalidade de construção de autoridade (mestre em história e criador do @oestudiosobr) e uma descrição simples da “dor”<sup>25</sup> que ele resolve (te ajudo a ver o mundo em outra perspectiva).

**Figura 1** - Print Screen do perfil do Instagram do criador Henrique Lucena (@prof.henriquelucena)



Fonte: Perfil do Instagram @prof.henriquelucena, 2025

Além disso, a bio conta com uma chamada para ação que convida o seguidor a clicar no link do seu perfil, direcionando-o para uma página com acesso ao Deixe Quietos podcast e ao Instagram do Estudioso Br, conforme é possível observar na imagem abaixo:

<sup>25</sup> A “dor”, entendida no *marketing* digital como *pain point*, se refere às necessidades ou dificuldades que o público-alvo apresenta. O produtor de conteúdo, ao se apresentar em sua biografia como uma solução para aquele problema, aumenta as chances de converter o visitante do seu perfil em seguidor e, possivelmente, em cliente.

**Figura 2** - Print Screen da página acessada por meio do link disponibilizado pelo Instagram do criador Henrique Lucena (@prof.henriquelucena)



Fonte: Linktree, 2025

Embora a produção seja no perfil próprio do criador, no link disponibilizado pela sua biografia, conforme ilustrado acima, há um direcionamento para duas marcas institucionais de sua autoria: O Estudioso Br, um cursinho de ciências humanas que conta com um canal no YouTube e um perfil no Instagram, e o Deixe Quietto Podcast, acessível também através do YouTube.

A criação de marcas institucionais, bem como o uso de diversas plataformas digitais com finalidades profissionais, apontam para uma busca pela ampliação de sua identidade laboral. Através do alcance de um público mais amplo, há a possibilidade de conquistar uma visibilidade maior, que pode agregar, enquanto capital simbólico, a busca por melhores oportunidades e um incremento em sua renda, conforme foi apontado pelos respondentes do formulário aplicado aos egressos do curso de História da UFRN. Apesar de ser o infoprofessor com mais tempo de carreira dentre os analisados, Henrique demonstra compreender a potencialidade do espaço da plataforma em relação a sua atuação.

Sua identidade visual atualmente está presente apenas nas cores das legendas utilizadas nos reels, - rosa, preto e branco -, visto que a maior parte das publicações não segue um padrão. Nos posts mais recentes, predomina a presença do rosto de Henrique, tanto nas publicações em formatos de vídeo quanto nas fotografias. Não há presença de logomarcas, cores ou modelos padronizados, embora durante o período analisado (2020-2022) outras identidades visuais tenham sido frequentemente utilizadas.

Percebe-se uma preocupação em apresentar aos seguidores a história local, bem como um forte posicionamento relacionado à necessidade da valorização dos bairros históricos da cidade de Natal, abandonados pelo poder público e vítimas de um tempo implacável, que

deteriora aquilo que é físico enquanto esquece e apaga as histórias e memórias destes espaços. Por esta razão, o perfil apresenta uma linha editorial voltada para temas regionais, tanto nas publicações quanto nos destaques fixados, onde conta a história da cidade de Natal enquanto caminha nas ruas.

Essa escolha por uma temática local é, também, um indicativo de que este profissional opta por realizar uma história “escrita de forma mais próxima das grandes massas, dos anônimos, dos não historiadores, das camadas sociais que durante tanto tempo se viram como uma voz silenciada na historiografia” (Carvalho, 2016, p.42). Em um país marcado pela supervalorização da história do eixo centro-sul, focada principalmente nos acontecimentos do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, produzir conteúdo sobre a história da cidade de Natal demonstra uma vontade, por parte do criador, de alcançar pessoas que historicamente sequer conhecem os personagens históricos do local onde vivem.

Devido ao elevado número de publicações disponíveis no perfil, não foi possível alcançar a primeira postagem, uma vez que a plataforma utilizada apresenta limitações técnicas, como travamentos e fechamento durante a navegação prolongada. Por essa razão, não é viável afirmar que este perfil possui finalidades profissionais desde o início. Por outro lado, a produção de conteúdo permanece ativa até o presente momento, o que demonstra regularidade nas publicações desde o ano de 2020, foco inicial da nossa análise, e uma satisfação do criador com o retorno gerado pelo trabalho que realiza no seu *program*.

Através da investigação das publicações realizadas entre os anos de 2020 e 2022, foi possível perceber uma predominância de conteúdos em formato de *reels*, uma ferramenta de vídeos curtos disponibilizada pela plataforma do *Instagram*. Esse período coincide com o momento de sua popularização, visto que foi lançada pela Meta em substituição ao *IGTV*, um recurso que se caracterizava pela exibição de vídeos mais longos, buscando competir com a plataforma do *TikTok*.

Essa tendência se manteve estável durante o período analisado, sendo utilizada pelo criador em 19 das 36 publicações analisadas. Combinadas aos *reels*, as publicações no feed com imagem única, geralmente fotografias de autoria de Henrique, somaram 15 aparições. A partir disso, percebe-se no produtor de conteúdo uma predileção pelos vídeos curtos, majoritariamente gravados de maneira caseira pelo seu celular, uma postura que considera

as transformações nas práticas de consumo de conteúdo, produzindo mais vídeos, utilizando mais imagens, contando mais histórias de indivíduos, camuflando a reflexão teórico-metodológica em ações, dramas e artifícios de linguagem capazes não apenas de informar, mas também de entreter o público (Teo, 2018, p.377).

No ambiente virtual em que atua, Henrique parece compreender a importância de produzir um conteúdo não somente informativo ou acadêmico, mas também visualmente atrativo, considerando as particularidades da vivência profissional na plataforma.

Suas postagens contam com uma média que varia entre 14 e 38 comentários, demonstrando um bom engajamento dos seus seguidores e o interesse na história contada por ele em seu perfil, focada em espaços e personagens da história local. Essas respostas fornecem um feedback que, embora nem sempre seja respondido, alimenta estratégias de interação com o público, apresentando uma postura alinhada à perspectiva de autoridade compartilhada preconizada por Frisch (1990).

No ambiente da plataforma, para além das recorrentes disputas de autoridade sobre a produção do conhecimento histórico (Carvalho, 2018), o historiador produtor de conteúdo, segundo a perspectiva da atitude de presença, deve compreender que sua atuação nesse espaço envolve colaboração contínua com o público, que participa ativamente por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários.

Percebe-se que as publicações têm como maior foco a construção de autoridade e a divulgação do seu trabalho, objetivos identificados em 27 das 36 postagens analisadas. Aqui, ao falar sobre divulgação, consideramos posts que possuam um enfoque em apresentar Henrique em situações importantes profissionalmente, como reuniões com entidades públicas e privadas, registros de gravações e divulgação de cursos e infoprodutos.

Nesse sentido, lives realizadas com profissionais da comunicação, como jornalistas, reforçam essa interação, ampliam o alcance da atuação do historiador e constroem essa autoridade a partir da mobilização de profissionais de áreas diversas, apresentando uma perspectiva transdisciplinar. Essa tendência permanece inalterada não somente nos três anos analisados, mas também nas postagens mais recentes, o que pode ser uma ação intencional para conquistar a confiança de possíveis compradores de seus infoprodutos.

No que se refere ao uso de estratégias de comunicação e presença digital, o historiador costuma realizar posts utilizando hashtags (25 publicações), linguagem acessível em todas as publicações analisadas e alguns emojis (14 publicações), demonstrando domínio do formato próprio das plataformas digitais. No entanto, em relação à interação com os seus seguidores, são poucos os posts em que responde aos comentários, possivelmente em consequência da carga horária de trabalho que possui nas instituições em que trabalha.

Esse possível acúmulo de funções laborais, apontadas por Henrique nos agradecimentos de sua dissertação, não foi um caso isolado, atingindo também outros

egressos do curso de história da UFRN, conforme observado pelas respostas analisadas no capítulo 1. A tradicional sobrecarga docente encontrou no período da pandemia de COVID-19 um fator de intensificação, prejudicando a saúde física e mental dos professores de história.

A análise das publicações no recorte temporal utilizado permitiu a compreensão do processo de profissionalização e aperfeiçoamento do professor como criador de conteúdo. Seu início foi marcado por vídeos gravados de maneira autônoma, em formato de selfie, onde havia presença de ruídos devido à captação do microfone e a ausência de tratamento de áudio<sup>26</sup>.

No entanto, entre fevereiro e março de 2020, Henrique iniciou uma série de gravações na cidade de Mossoró, marcando perfis de instituições locais, como a Prefeitura, o IFRN campus Mossoró, emissoras de TV regionais e empresas privadas, evidenciando a sua capacidade de articulação com o setor público e privado para a produção de conteúdo histórico.

Nesse período, os vídeos de Henrique passaram a exibir uma qualidade técnica superior, indicando a atuação de uma equipe de produção, e já incorporaram práticas típicas de marketing digital, como a marcação de perfis parceiros e a divulgação de seus projetos. Em publicação de 3 de março de 2020, ele compartilhou uma fotografia que mostrava o que parecia ser a equipe de apoio durante as gravações, confirmando a hipótese levantada anteriormente. No mês seguinte, uma nova postagem apresentou um vídeo identificado como produzido pela empresa FCD Filmes, que se destacava pela captação aérea de imagens, áudio nítido e edição cuidadosamente elaborada. Neste mesmo período, o perfil passa a apresentar uma identidade visual nas cores branco e laranja, além de contar com uma logo personalizada, demonstrando adaptação às ferramentas oferecidas pela plataforma e cuidado com a estética visual do perfil.

É possível compreender essas mudanças como consequência de um *ethos* de experimentação deste sujeito, marcado por tentativas, erros e ajustes constantes na forma de produção do seu conteúdo, visto que, de acordo com a maioria dos egressos do curso de história da UFRN, a formação que receberam não foi suficiente para auxiliá-los no uso das plataformas digitais com essas finalidades. Acompanhando a melhora na qualidade do que produz, as curtidas e comentários de suas postagens apresentaram um aumento significativo, o que pode ter servido de parâmetro para as escolhas realizadas por Henrique.

---

<sup>26</sup> A descrição faz referência a uma postagem realizada no dia 19 de janeiro de 2021, com a temática relacionada à demolição do Hotel Reis Magos.

A transformação das gravações externas contrasta com aquilo que passou a ser apresentado a partir do mês de março, quando a pandemia de COVID-19 chegou ao Brasil e nos levou a um isolamento social forçoso. A partir deste momento, o criador de conteúdo passou a compartilhar imagens em que aparecia gravando aulas de forma individual, com enquadramento de seu rosto e imagens de livros como cenários, conforme é possível observar na imagem abaixo, uma publicação datada de 08 de junho de 2020:

**Figura 3** - Fotografia que apresenta Henrique Lucena em meio a gravação de aulas online



Fonte: Publicação no Instagram @prof.henriquelucena, 2020.

Na imagem, Henrique aparece em um ambiente interno, realizando uma gravação com o auxílio de um celular acoplado a um tripé. Ao fundo, é possível observar uma biblioteca, elemento que não apenas compõe o cenário, mas também transmite uma intencionalidade simbólica: a escolha de um espaço associado ao conhecimento e à intelectualidade reforça a credibilidade do conteúdo produzido. Além disso, a presença de uma fonte de luz artificial posicionada ao lado do tripé indica uma preocupação crescente com a qualidade técnica da produção audiovisual, indo além do registro improvisado para buscar uma estética mais profissional.

Esse cuidado revela um processo de transição importante: a gravação deixa de ser apenas espontânea e passa a incorporar aspectos característicos de produções planejadas, em que o cenário, a iluminação e o enquadramento são estrategicamente pensados para atrair o público e garantir maior impacto visual. Ao adotar tais recursos, Henrique aproxima-se das práticas comuns entre influenciadores digitais e criadores de conteúdo que buscam consolidar uma identidade profissional no espaço virtual. Trata-se, portanto, de um movimento que

aponta não apenas para uma melhoria técnica, mas para uma compreensão mais sofisticada das dinâmicas de visibilidade e autoridade no ambiente digital.

Estrutura semelhante é observada em uma postagem de 16 de novembro do mesmo ano. Nela, contudo, há um elemento adicional que amplia as possibilidades estéticas e narrativas: o uso de *chroma key*, ou “tela verde”. Esse recurso técnico permite que a imagem do criador de conteúdo seja recortada e inserida em diferentes cenários, sejam eles estáticos ou em movimento. Tal escolha evidencia não apenas uma preocupação com a qualidade visual, mas também um investimento em técnicas mais sofisticadas de edição, sinalizando a intenção de diversificar as formas de apresentação do material e torná-lo mais dinâmico. Além disso, o uso do *chroma key* demonstra a incorporação de saberes técnicos normalmente associados a produções audiovisuais profissionais, o que pode ser interpretado como mais uma tentativa de profissionalização no ambiente digital.

Em publicação datada do mês de junho de 2021, uma nova estrutura, ainda mais profissional, aparece. Para além do tripé, ao fundo da fotografia há um ambiente com isolamento acústico, cadeira de escritório e cortinas pretas, conforme é possível observar abaixo:

**Figura 4** - Fotografia de Henrique Lucena em ambiente de gravações



Fonte: Publicação no Instagram @prof.henriquelucena, 2021.

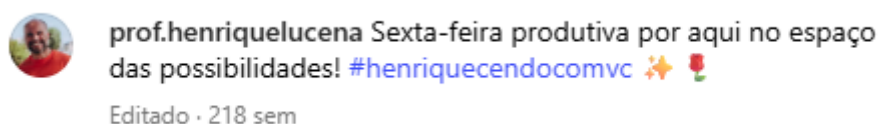
A presença desses recursos indica não apenas um investimento material, mas também uma intencionalidade na construção da imagem pública do criador de conteúdo. O espaço, ao se aproximar de um estúdio de gravação, projeta seriedade e profissionalismo, reforçando a credibilidade de Henrique enquanto comunicador. Mais do que apenas uma questão estética,

trata-se de uma escolha estratégica, que transforma o ambiente em parte do discurso: um cenário cuidadosamente montado atua como elemento legitimador do conteúdo, demonstrando compromisso com a entrega de um produto midiático de qualidade.

Vale destacar que os recursos adquiridos pelo criador foram, possivelmente, viabilizados pela estabilidade proporcionada por seus empregos em escolas, os quais lhe asseguravam segurança financeira e, conseqüentemente, a possibilidade de investir em outras formas de rendimento para além da sala de aula, um risco que costumeiramente afasta historiadores com menos recursos, de acordo com os dados do capítulo 1.

Chama a atenção, ainda neste mesmo post, a legenda adotada pelo criador de conteúdo:

**Figura 5** - Legenda de publicação realizada por Henrique Lucena em 18/06/2021



Fonte: Publicação no Instagram @prof.henriquelucena, 2021.

Ao se referir à plataforma como um “espaço de possibilidades”, Henrique Lucena corrobora com a perspectiva daqueles que adentram ao ambiente virtual buscando a melhoria dos seus padrões de vida, melhores remunerações e um labor menos precarizado. No entanto, a depender dos recursos disponíveis para investir, bem como das estratégias utilizadas por esses criadores, o espaço de possibilidades se transforma em um espaço da precarização, onde o infoprofessor se vê controlado por um *soft power* (Han, 2020) que explora as produções criativas sob o signo da liberdade e das infinitas possibilidades que a plataforma (aparentemente) gratuita têm a oferecer.

Por outro lado, a atuação nestas plataformas é um aspecto que comprova a “importância de iniciativas de historiadores na internet, que, como observamos, revelam certo otimismo em relação ao nosso futuro profissional, criam expectativas positivas de futuro, e nos permitem sonhar com a possibilidade de sobreviver aos ataques sofridos” (Laitano, 2020, p.183).

O uso das plataformas digitais por profissionais da educação, estruturadas sob a lógica do capitalismo de vigilância e da economia de dados (Zuboff, 2019), frequentemente é foco de discussões sobre um processo de mercantilização do conhecimento. Por isso, todas as

ações que nós, infoprofessores, efetuamos nestes ambientes virtuais, são passíveis de serem relacionadas a isto, ainda que esta não seja nossa intenção primária.

Isso ocorre porque, nesses ambientes, todas as ações realizadas pelos usuários podem ser ressignificadas dentro de uma lógica mercadológica, ainda que essa não seja a intenção primária dos criadores de conteúdo. Nesse sentido, chama a atenção o uso da *hashtag* #henriquecomvc, um trocadilho claro com o nome do criador de conteúdo.

Há, na ideia de “henriquecer”, algumas interpretações possíveis, que passam pela ideia de um enriquecimento da aprendizagem ou até mesmo por um processo de tornar-se mais “Henrique”, assemelhar-se ao administrador do perfil. No entanto, é inevitável também relacionar a *hashtag* à ideia de enriquecimento financeiro, seja a do criador, que está enriquecendo com você, o consumidor do conteúdo, quanto a do seu seguidor, que a partir de seu conteúdo encontra meios para enriquecer.

Essa plurissignificação revela como até mesmo elementos aparentemente banais, como uma *hashtag* utilizada como trocadilho, estão imersos nas lógicas da plataforma, em que se cruzam *branding* pessoal e estratégias de engajamento.

Diante disso, para Henrique Lucena, o ano de 2022 inaugurou novas oportunidades, desta vez a partir do seu cursinho virtual O Estudioso Br. Em postagem realizada no mês de abril, um meme em formato de *reels*, Henrique divulga um evento de 15 horas, gratuito e online, a ser realizado no dia seguinte. Esse evento, no entanto, não é apenas um acontecimento ou solenidade qualquer, mas uma estratégia do marketing digital para o lançamento de infoprodutos. De acordo com o site da Agência Dom Marketing (2025),

O lançamento de infoproduto é uma estratégia que visa gerar antecipação e expectativa sobre a venda de um produto digital. Para isso, realiza-se um evento que pode ser feito tanto de forma online, como presencial, utilizando estratégias de marketing para despertar desejo e atrair pessoas; garantindo que as vendas do infoproduto tenham sucesso e se mantenham estáveis por um longo período no mercado. (Dom Marketing, 2025)

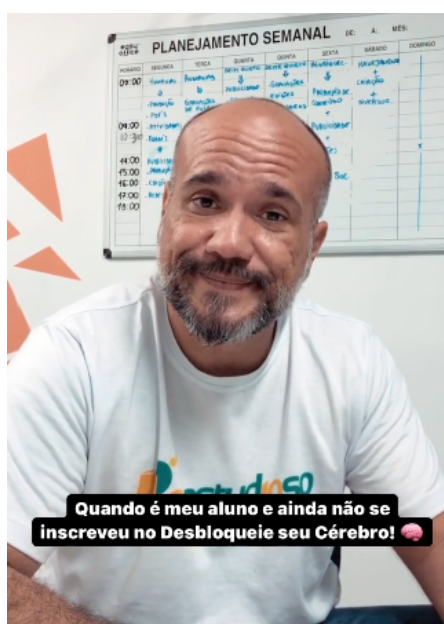
Esse tipo de prática, quando analisado no contexto educacional, não deve ser reduzido a uma simples mercantilização da educação, mas compreendido como parte de um processo de profissionalização no uso das plataformas digitais. Ao adotar ferramentas do marketing digital, o criador não apenas busca garantir a sustentabilidade financeira de seu projeto no *Instagram*, mas também se insere em uma lógica de visibilidade e competitividade que caracteriza esse ambiente digital.

O evento gratuito funciona como um mecanismo de atração do público, estabelecendo uma ponte entre a produção de conteúdo educacional e sua circulação em larga escala. Mais do que sinal de banalização do ensino, esse movimento revela a capacidade de adaptação desse infoprodutor às linguagens do espaço da plataforma, dimensões centrais para a consolidação de sua atuação profissional fora das salas de aula presenciais. Nesse espaço, que demanda a invenção de uma nova identidade profissional para o historiador,

Aproximar-se de noções de mercado, das quais estamos distantes por definição (lembramos que o ofício histórico nasceu em função do Estado imperial, e era aos seus interesses que os historiadores serviam), é uma dessas novas (con)figurações que emergem em um tempo marcado pela tecnologia e pela inovação (Laitano, 2020, p. 180)

Chama também a atenção um elemento que, aparentemente, não foi disposto no *reels* como cenário, mas que apareceu por acaso: um calendário de postagens e planejamentos semanais. À primeira vista, pode parecer irrelevante, mas sua presença sugere muito sobre a lógica que organiza a prática deste criador de conteúdo. O calendário expõe, ainda que involuntariamente, o grau de planejamento estratégico por trás da produção de conteúdo digital, revelando que a sua atuação na plataforma não se restringe ao improviso, mas está vinculada a uma racionalidade de gestão do tempo, da audiência e um conhecimento prático da lógica do algoritmo, que tende a engajar mais criadores que criam conteúdos com frequência.

**Figura 6** - *Reels* de divulgação de evento do Estudioso Br



Fonte: Publicação no Instagram @prof.henriquelucena, 2022.

Esse elemento, de acordo com Carvalho (2016), é um dos pontos fundamentais para a construção de uma atitude de presença efetiva nas redes sociais. Para ele,

A “atitude de presença” só existe quando há planejamento, postura ativa, voluntarismo e empreendedorismo. O historiador público deve, para tal, dominar a linguagem das redes sociais – desde a composição do conteúdo até o discernimento de perfis de comportamento e demanda dos usuários, passando por elementos tão diversos quanto fundamentais para quem se debruça sobre esse universo, tais como design, monitoramento e estratégias de divulgação (Carvalho, 2016, p.45)

Outro aspecto que coaduna-se à lógica da plataforma diz respeito ao próprio título do evento: “Desbloqueie seu cérebro”. Chama a atenção o tempo verbal da frase, escrita no modo imperativo, que se caracteriza por uma espécie de instrução/ordem. Ou seja, apesar do criador de conteúdo se colocar como um auxílio para a resolução da “dor” do usuário, a ação de resolver o problema não é dele, mas do consumidor. Ele mesmo realiza a atividade de desbloquear o seu cérebro.

O título, portanto, sugere que o “bloqueio” da mente é um problema individual que poderá ser resolvido mediante a participação no evento de lançamento e, posteriormente, a partir da compra do produto ou serviço que será ofertado aos participantes, reforçando a lógica neoliberal de responsabilização do sujeito. A culpa pelo seu insucesso estaria em seu próprio cérebro, que por não funcionar “adequadamente”, ou seja, em ritmo produtivo de maneira permanente, precisaria de uma intervenção.

Essa retórica de produtividade, em que o cérebro precisa estar sempre produzindo em eficiência máxima, também é típica das plataformas digitais. Atualmente, o ócio é cada vez menos presente, tendo sido substituído por uma lógica em que o sujeito precisa estar sempre ocupado. Quem não possui ocupação, portanto, é mal visto, personificando uma insolência inadequada para uma sociedade que supervaloriza a performance e a competitividade dos trabalhadores.

Insta notar também o poder atribuído ao criador de conteúdo mediante a discursividade da promessa de “desbloquear” o cérebro dos usuários apenas com um evento. O discurso de “desbloqueio” sugere um poder transformador, quase mágico, que se adquire ao participar do evento e, posteriormente, ao adquirir o produto ou serviço vendido. Vende-se, portanto, a ilusão de autonomia e produtividade para o sujeito, sendo estas, no entanto, condicionadas ao ato do consumo.

A partir dos conteúdos disponíveis no *Instagram*, bem como através de pesquisas no Google, foi possível traçar um perfil deste historiador, que é o professor com maior tempo de carreira dentre os analisados neste capítulo. Formado desde 2006, Henrique Lucena atua em instituições privadas tradicionais da cidade de Natal, sendo considerado um profissional cuja carreira está consolidada.

Apesar disso, dentre os perfis analisados, é o que melhor adapta sua linguagem à comunicação em plataformas, utilizando gírias, palavras simples e adotando uma postura carismática e acessível, além de produzir majoritariamente através de vídeos curtos, os *reels*, possibilitando a ampliação de alcance do público.

No que se refere à sua formação acadêmica, apresenta um percurso sólido e contínuo na área de História, iniciado com a licenciatura e aprofundado posteriormente no mestrado, ambos realizados na UFRN. Sua dissertação, voltada à análise da obra de Newton Navarro e à construção de narrativas sobre o Rio Grande do Norte, evidencia uma formação ancorada na história local e na reflexão sobre identidades, espacialidades e representações, elementos que atravessam de maneira recorrente sua atuação profissional.

Essa base acadêmica não apenas legitima sua autoridade enquanto historiador no espaço público digital, como também informa diretamente os conteúdos produzidos em seu perfil no Instagram, nos quais se observa a articulação entre rigor histórico, linguagem acessível e interesse pela mediação do conhecimento em contextos não formais. Assim, sua trajetória formativa contribui para compreender a coerência entre sua atuação acadêmica, docente e digital, reforçando a ideia de que sua presença na plataforma não se dissocia de sua identidade profissional como historiador.

Sua produção no ambiente virtual constantemente se dá com o uso de equipamentos como tripés, luzes artificiais, chroma key, salas com isolamento acústico e microfones profissionais. Além disso, Henrique constantemente conta com o apoio de profissionais de áreas diversas para a edição de seus vídeos e a produção de conteúdos, como editores, estrategistas digitais, ilustradores e fotógrafos.

Para além da atuação em sala de aula, Henrique colabora com instituições privadas, como o SEBRAE-RN, com instituições públicas, como a FUNCART, e realiza projetos de História Pública em parceria com a emissora INTERTV e as empresas Mandacaru Turismo e Cervejaria Raffé. Em seus projetos, mistura história - regional ou temática - com o turismo e a gastronomia, demonstrando afinidade com o ensino de história em meios não formais.

Portanto, mediante a análise dos aspectos acima apresentados, conforme a tabela abaixo, foi possível concluir que Henrique Lucena é um historiador que utiliza a plataforma digital *Instagram* de acordo com os pressupostos da atitude de presença, adaptando-se profissionalmente às linguagens, estratégias e técnicas de produção próprias desse espaço:

**Tabela 6** - Análise de atitude de presença do perfil @prof.henriquelucena

Critério	Perguntas norteadoras	Sempre, nunca, às vezes
Elaboração de projeto	Aborda alguma tendência/discussão historiográfica?	Sempre
	Elabora algum planejamento?	Sempre
	Utiliza uma identidade visual?	Sempre
	Define bem o público alvo?	Sempre
	Realiza alguma abordagem temática?	Sempre
Formação de equipe	Menciona ou deixa transparecer a existência de uma equipe de colaboradores?	Sempre
	Utiliza a interdisciplinaridade?	Às vezes
	Sugere divisão de funções?	Às vezes
Conhecimento técnico	Os posts demonstram domínio da linguagem própria das redes sociais?	Sempre
	Há regularidade e consistência nas postagens?	Sempre
	O design dos posts revela uso consciente de ferramentas gráficas?	Sempre
	Há adaptação no conteúdo para uso multiplataformas?	Às vezes
	O perfil demonstra conhecer seu público e adaptar a linguagem a ele?	Sempre
Pesquisa digital	O perfil indica ou referencia fontes digitais?	Às vezes
	Há menção à busca por acervos digitais ou uso de bancos de dados online?	Não
	O conteúdo traz links, indicações ou sugestões de leitura complementares?	Às vezes
	O conteúdo é produzido mediante pesquisa prévia?	Sempre
Gestão de rede	O perfil interage com seguidores?	Pouco
	Há moderação de discussões?	Não se aplica
	Demonstra preocupação com segurança digital?	Sim
	Há sinais de que o perfil pensa a comunidade de seguidores como parte ativa do projeto?	Às vezes

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

O segundo perfil analisado é o de Matheus Câmara da Costa, licenciado em História pela UFRN no ano de 2015 e mestre pelo Profhistória/UFRN no ano de 2021. Sua dissertação, intitulada “Remar para (re)pensar: Centro Náutico, Sport Club e o remo natalense (1900-1930) sob a ótica da educação patrimonial no Ensino de História”, assim como a do infoprofessor analisado anteriormente, busca discutir questões relacionadas ao patrimônio potiguar. No entanto, considerando as exigências do mestrado profissional, sua pesquisa culminou no desenvolvimento de um aplicativo educacional para ser usado no âmbito do ensino de História. Além disso, apesar da sua escolha temática ter como recorte a História Local, os conteúdos produzidos para o seu *profgram* possuem assuntos diversos, raramente relacionados a este tópico.

Matheus é produtor de conteúdo no perfil @profcoronelcosta, que no momento da análise realizada para esse capítulo possuía 270 posts, 2241 seguidores e uma biografia escrita de acordo com o modelo padrão utilizado pelos infoprofessores, referendado pelo *marketing* de entrada (*inbound marketing*).

Na descrição da sua conta, são fornecidas informações acadêmicas que favorecem a percepção da sua imagem enquanto autoridade na área em que atua a partir do seu título de mestre em ensino de história pela UFRN, além de uma frase que resume o seu diferencial: “educação com propósito e criatividade”. Seu foco, de acordo com a bio, é criar conteúdo sobre ciências humanas, ENEM e cotidiano docente, demonstrando versatilidade no que diz respeito ao seu público alvo, constituído de estudantes de Ensino Médio e professores de Ensino Básico.

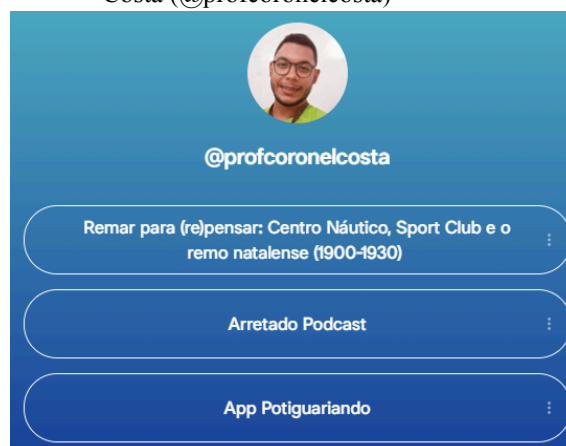
**Figura 7** - Print Screen do perfil do Instagram do criador Matheus Costa (@profcoronelcosta)



Fonte: Instagram, 2025

A sua biografia também apresenta um elemento de chamada para ação que convida o seguidor a clicar no link do seu perfil, direcionando-o para uma página com acesso a sua dissertação, ao canal do *YouTube Arretado Podcast* e ao aplicativo educacional que desenvolveu em seu mestrado profissional, o Potiguariando.

**Figura 8** - Print Screen da página acessada por meio do link disponibilizado pelo Instagram do criador Matheus Costa (@profcoronelcosta)



Fonte: Linktree, 2025

O perfil possui uma identidade visual consolidada, composta das cores azul, branco, preto e vermelho, bem como utiliza uma logomarca que possui o nome e o rosto do infoprofessor. É possível encontrar esses elementos tanto nas capas dos destaques do perfil, quanto em algumas publicações do feed, demonstrando uma compreensão acerca da importância desses elementos para a construção de uma identidade digital forte. Dentre os perfis analisados neste trabalho, o @profcoronelcosta se destaca no uso da identidade visual, seja através das cores, da logomarca ou da tipografia.

A atuação de Matheus, nesse sentido, evidencia um posicionamento que explora os recursos visuais como parte central da sua comunicação, o que se articula com a reflexão de Marcelo Teo (2018) quando aponta que,

Além do foco nos usos historiográficos da imagem, na sua potência comunicadora e nas dinâmicas singulares que envolvem a sua produção, organização e circulação, é preciso que se tenha em conta o universo tecnológico e midiático do mundo contemporâneo, no qual a visualidade desempenha papel de destaque (Teo, 2018, p. 363).

Assim, ao considerar a visualidade como elemento basilar da sua produção de conteúdo, o criador compreende a importância dessa linguagem como elemento de diferenciação, facilitando o reconhecimento de sua autoria nas postagens através da presença da sua identidade visual. Essa perspectiva coaduna-se com um dos ítems que Carvalho (2016) aponta como essenciais para a construção de uma atitude de presença nas plataformas digitais, a elaboração de projeto:

Esta deve ser a primeira etapa de qualquer empreendimento de História Pública em redes sociais na Internet e envolve diversos subitens: percepção de tendências na historiografia, identificação de lacunas, definição de objetivos, elaboração de um plano de comunicação, definição da identidade visual, tutoriais, regras, público-alvo, abordagens temáticas, duração do projeto, plataformas, estratégias de divulgação e – quando for o caso –, criação e avaliação de cenários de sustentabilidade financeira, entre outros (Carvalho, 2016, p. 45)

Sua linha editorial apresenta desde a primeira publicação temáticas relacionadas ao cotidiano docente, suas formações acadêmicas, aulas, estratégias didáticas e aparições na mídia, o que permite compreender que há uma preocupação com a construção de uma imagem de autoridade, que o apresente como um profissional criativo, engajado e jovial.

O perfil criou sua primeira postagem em 20 de janeiro de 2020 e se mantém ativo até hoje, funcionando como um diário de bordo que mistura a criação e divulgação de conteúdos profissionais e pessoais. A existência dessa presença nas redes, para além da atuação em sala de aula, aponta para o uso da plataforma do *Instagram* com objetivos alinhados ao que foi apresentado no capítulo 1, demonstrando uma busca por divulgação e visibilidade. É possível, portanto, afirmar que o @profcoronelcosta é um perfil que, desde o início, possui variadas finalidades profissionais.

A análise das publicações realizadas pelo produtor de conteúdo no intervalo temporal de 2020 a 2022 tornou possível identificar transformações significativas nos formatos privilegiados por este. Essas mudanças não podem ser entendidas apenas como uma variação estética, mas como indícios de adaptações às lógicas algorítmicas e mercadológicas do *Instagram*. Se em 2020 predominavam as postagens em formato de imagem única no feed, a partir de 2021 observa-se uma mudança estratégica com a adoção predominante dos carrosséis<sup>27</sup>, uma ferramenta recém criada pela plataforma no período, favorecendo o engajamento dos conteúdos veiculados neste formato. O uso dessa técnica aponta para a existência de uma aprendizagem pela experimentação ocorrida durante a incursão do professor Coronel Costa durante o uso do *Instagram*, possivelmente consequência da ausência de debates sobre esse conhecimento técnico em sua formação inicial, conforme apontado pelas percepções dos egressos no capítulo 1.

Essas transformações ao longo do tempo apresentam um processo de amadurecimento no uso da plataforma como espaço de atuação profissional. Inicialmente, predominavam recursos experimentais, como a divulgação de paródias e atividades escolares, ainda sem

---

<sup>27</sup> Carrosséis são publicações realizadas em uma sequência de imagens, que por demandarem mais tempo do usuário para a sua leitura, aumentam o engajamento do criador de conteúdo de acordo com o parâmetro da retenção, isto é, do tempo que o utilizador da plataforma interage com as postagens.

grande sofisticação visual. Com o passar dos anos, observa-se a ampliação dos formatos de postagens utilizados, com a adoção do *reels*, dos carrosséis ilustrados com artes próprias e do uso de podcasts e TikTok, além de uma participação cada vez mais ativa em eventos externos, como entrevistas em emissoras de TV, aulões preparatórios para o ENEM e colaborações em outros projetos. Essa evolução aponta para uma apropriação das ferramentas digitais como instrumentos de afirmação de autoridade docente e de ampliação da sua presença pública.

Essa mudança, que se manteve no ano de 2022, segue não apenas uma tendência geral dos criadores para o uso de uma nova ferramenta, mas também sinaliza uma análise de tendências de comportamento com vistas a aumentar o tempo de engajamento, interação do público e, por consequência, relevância algorítmica. Dessa forma, a alteração de formato reflete a incorporação de práticas ditadas pelo algoritmo, levando criadores a moldar sua produção segundo as métricas e dinâmicas de performance impostas pelo *modus operandi* do espaço da plataforma.

Em relação aos objetivos dos posts analisados, é possível perceber uma intencionalidade do criador de conteúdo para a criação de autoridade, o que se reflete na expressiva quantidade de postagens em que realiza a divulgação pública de seu trabalho e compartilha a conquista de prêmios e certificações. Essa propensão foi mantida ao longo dos anos, permitindo inferir que Matheus busca, através da atuação profissional na plataforma, construir a imagem de um educador empenhado, inovador e competente.

Suas publicações possuem uma média de interações que varia de 7 a 11 comentários, o que se constitui como um engajamento menor em comparação ao perfil de Henrique Lucena. No entanto, a despeito da quantidade inferior de participações, o @profcoronelcosta se diferencia pelo hábito de interagir com seus seguidores, através de curtidas e respostas às mensagens que recebe em seus posts. Essa postura demonstra não apenas um esforço de manutenção da sua comunidade virtual, mas também uma estratégia consciente de construção de vínculos e fortalecimento da presença profissional na plataforma. Ou seja, para além da ampliação do alcance de novos públicos, Matheus demonstra também preocupação no cultivo dos vínculos com seu público já conhecido, alinhando-se ao que foi apontado pelos 13,3% que sinalizaram o uso do Instagram como uma ferramenta de comunicação com seus alunos.

Em perfis com um número reduzido de seguidores, é comum que o criador de conteúdo exerça um papel mais ativo na interação de suas publicações, postura fundamental para a criação de um sentimento de pertencimento e identificação. Não raro, a participação da comunidade assume uma característica afetiva e regular, apontando para um impacto significativo, a despeito do quantitativo numérico reduzido.

Quando se trata da utilização de recursos comunicacionais e presença online, o historiador Matheus Costa utilizou hashtags em todas as publicações analisadas, bem como adotou uma linguagem acessível para a comunicação com os seus seguidores. O uso de emojis passou por uma transformação ao longo do tempo, saindo de 2 postagens em 2020 para 9 postagens nos dois anos seguintes. Em virtude do uso do perfil como diário de bordo, o criador de conteúdo faz uso frequente de “ferramentas” de engajamento, como a postagem de memes e do #TBT<sup>28</sup>. Essas características demonstram um importante domínio da escrita em ambientes digitais, evidenciando como a atuação do historiador se adapta às linguagens próprias do meio online para ampliar o alcance e a interação com seus seguidores.

A partir da investigação da sua conta profissional, foi possível compreender as estratégias do infoprofessor Matheus Costa em sua atuação na plataforma digital do *Instagram*. Desde as primeiras publicações, o grande foco do perfil é compartilhar as suas práticas pedagógicas, tanto em formato de vídeo quanto em formato de fotografias. Prova disso é que, no ano de 2020, a maioria de suas postagens consistiam em divulgações de recursos didáticos como paródias, aulas com estudo do meio e atividades utilizando metodologias ativas, o que revela uma intenção de utilizar a rede como uma extensão de sua sala de aula, reforçando sua identidade de professor em exercício.

Contudo, a partir do segundo semestre de 2020, observa-se uma inflexão. O perfil passa a adotar um tom mais informativo, utilizando o recurso dos vídeos curtos para compartilhar análises sobre efemérides e curiosidades históricas. Essa mudança indica um movimento de adaptação à lógica algorítmica da plataforma e um uso que não somente registra e reproduz momentos do mundo real, mas também busca difundir conhecimento histórico a partir de ferramentas da plataforma do *Instagram*. Dessa maneira, o perfil deixa de ser apenas um instrumento de divulgação e se torna também um espaço de atuação profissional.

Neste mesmo ano, chama a atenção uma publicação realizada em 06/04, cuja função era divulgar o *podcast De frente e sem papel*, o que demonstra uma intenção do produtor de conteúdo em atuar na modalidade multiplataforma. Essa possibilidade, além da compreensão da linguagem das redes sociais, critérios de produção de texto para a Internet e configuração de posts (vocabulário, agendamento, regularidade, frequência, temas, curadoria) alinha-se com uma *atitude de presença* consciente e intencional.

---

<sup>28</sup> #TBT, o Throwback Thursday, é uma tag de memória, utilizada para a publicação de eventos ou acontecimentos ocorridos no passado.

Na publicação, é possível perceber também a presença de uma identidade visual que conta com elementos verbais e não verbais, como o nome do criador de conteúdo e uma caricatura, geralmente utilizada como logomarca. A partir do uso desses recursos, o “professor Coronel Costa” fortalece a sua imagem digital, criando um padrão visual que reforça o caráter de familiaridade entre os membros de sua comunidade virtual, os seus seguidores.

**Figura 9** - Imagem de divulgação do *Podcast De frente e sem papel*



Fonte: Publicação no Instagram @profcoronelcosta, 2020.

Outro aspecto a ser considerado é o aspecto “artesanal” do *layout* de divulgação, provavelmente elaborado pelo próprio criador. Esse padrão se repete em diversas publicações, permitindo inferir que o perfil não possui colaboradores com funções pré-definidas.

Essa transformação pode ser interpretada como indício de um processo de profissionalização da sua atuação digital, em que o criador busca consolidar-se não apenas como professor de sala de aula, mas como mediador cultural que circula entre a escola, a mídia local e as redes sociais. Um exemplo emblemático é a postagem em que relembra entrevistas concedidas a emissoras de televisão locais, recurso que não apenas amplia sua visibilidade pública, mas também confere legitimidade institucional ao seu trabalho, conforme é possível conferir abaixo:

**Figura 10** - Imagem de divulgação de entrevistas concedidas por Matheus Costa



Fonte: Publicação no Instagram @profcoronelcosta, 2021.

Na imagem acima, o professor Coronel Costa compartilha registros da concessão dessas entrevistas, ressaltando a legitimidade e a autoridade de sua fala em espaços midiáticos. Contudo, essa prática também evidencia a forma como a performance pública do historiador, ao ser veiculada em diferentes plataformas, opera como uma estratégia de consolidação de uma marca pessoal. Nesse sentido, mais do que registrar sua participação, o gesto de publicá-las aponta para uma busca por capital simbólico (Bourdieu, 1996), em que a visibilidade se converte em reconhecimento e prestígio no espaço da plataforma.

Nesse cenário, a atuação do historiador se aproxima da *performance* dos influenciadores digitais, caracterizada pela presença frequente, repetição da imagem e circulação em espaços de grande alcance que passam a conferir a este profissional uma maior credibilidade. Essa legitimidade não é consequência apenas do conhecimento e do rigor acadêmico, mas também da capacidade de projetar-se como figura pública, respeitada como mediadora do conhecimento histórico em diferentes espaços de debate.

Ocorre, portanto, no espaço da plataforma, um deslocamento significativo. A autoridade acadêmica, antes sustentada pela produção científica e pela validação dos pares, agora disputa espaço com outras formas de autoridade, construídas através da exposição midiática e do posicionamento digital. O historiador, nesse movimento, ocupa um espaço híbrido, onde se intersectam práticas acadêmicas e estratégias de visibilidade pessoal.

Mudanças significativas em relação a este posicionamento se consolidaram no ano de 2022, considerando que as postagens passaram a ser, em maioria, elaboradas com o objetivo de contribuir para a construção da autoridade do criador. Essa conclusão se dá, sobretudo, pela

divulgação de registros de oficinas didáticas, fotografias que registram gravações de podcasts, divulgação de premiações da área docente e imagens de aulões relacionados ao ENEM.

**Figura 11** - Fotografia de Matheus Costa em um ambiente de transmissões ao vivo



Fonte: Publicação no Instagram @profcoronelcosta, 2022.

Na fotografia da publicação reproduzida acima, datada de 13/11/2022, Coronel Costa aparece acompanhado de Breno Câmara, também professor de História. De acordo com a legenda do post, a imagem registra o ambiente em que estavam realizando uma correção extraoficial do ENEM de 2022. Estão presentes na imagem elementos como *notebooks*, monitores, cadeiras de escritório e um dispositivo de iluminação artificial conhecido como *ring light*, uma estrutura simples, possivelmente montada com recursos próprios.

Há, na imagem, uma representação implícita do paradoxo que permeia o trabalho em plataformas: embora ofereçam um espaço aparentemente gratuito, privilegiam conteúdos de melhor qualidade audiovisual, levando os criadores de conteúdos a realizarem investimentos estruturais sem qualquer garantia de retorno. Para além disso, a estrutura revela as limitações enfrentadas por educadores que buscam se posicionar online, demonstrando que a profissionalização da atuação no meio digital reproduz as assimetrias e desigualdades do mundo real. É mais visto e, conseqüentemente, mais lembrado aquele que pode utilizar os melhores e mais caros equipamentos.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o fato da imagem ser o registro de uma estrutura montada de maneira improvisada em um cômodo da casa de um dos dois professores, o que remonta a uma extensão do ambiente laboral para o ambiente doméstico. Laitano (2020), ao refletir sobre o tema, aponta que

Não são poucas as pessoas que transformam os seus perfis pessoais em feeds profissionais, compartilham notícias ou textos autorais que possam vir a interessar seus colegas e alunos, interagem com páginas ligadas ao universo do seu ofício, divulgam eventos ou pesquisas importantes na área. Esse “não limite” entre a descontração ou a casualidade e a profissão borra as fronteiras entre aquilo que se observa como trabalho e os momentos de ociosidade – ou mesmo a própria desconexão (Laitano, 2020, p.177)

Essa dificuldade de desconectar-se do trabalho foi apontada por uma quantidade significativa de respondentes do formulário utilizado como fonte no capítulo 1 deste trabalho, fortalecendo o posicionamento de Han (2020) em relação à dificuldade de dissociação entre o momento do labor e o momento do lazer. Dessa forma, ainda que em ambiente doméstico ou em um momento de descontração, com as plataformas digitais acessíveis através de dispositivos móveis estamos sempre trabalhando.

É possível afirmar que Matheus Costa desenvolve um projeto consistente e bem-sucedido de docência digital, evidenciado pela regularidade de suas publicações e pela continuidade de sua atuação na plataforma até os dias atuais. Nesse espaço, o infoprofessor constrói uma presença que busca equilibrar diferentes dimensões de sua identidade profissional: a divulgação de estratégias didáticas, a produção de conteúdos que o posicionam como sujeito público no ambiente digital e postagens que contribuem para a consolidação de sua autoridade enquanto professor de História. Tal equilíbrio revela uma compreensão do Instagram não apenas como vitrine de conteúdos, mas como um espaço de mediação pedagógica e de construção de legitimidade profissional.

A análise do perfil indica que sua atuação cumpre de maneira satisfatória a função de estabelecer pontes entre o ensino de História no espaço escolar e as dinâmicas próprias das plataformas digitais, demonstrando como o ambiente digital pode ser apropriado como uma extensão da prática docente. Nesse sentido, Matheus Costa também assume uma atitude de presença, ainda que esta se manifeste por meio de um repertório mais restrito de estratégias, técnicas e recursos quando comparada à atuação desenvolvida pelo professor Henrique Lucena, evidenciando diferentes formas de engajamento e apropriação do espaço da plataforma por historiadores-professores.

**Tabela 7** - Análise de atitude de presença do perfil @profcoronelcosta

Critério	Perguntas norteadoras	Sempre, nunca, às vezes
Elaboração de projeto	Aborda alguma tendência/discussão historiográfica?	Às vezes
	Elabora algum planejamento?	Sempre
	Utiliza uma identidade visual?	Sempre
	Define bem o público alvo?	Sempre
	Realiza alguma abordagem temática?	Sempre
Formação de equipe	Menciona ou deixa transparecer a existência de uma equipe de colaboradores?	Nunca
	Utiliza a interdisciplinaridade?	Nunca
	Sugere divisão de funções?	Nunca
Conhecimento técnico	Os posts demonstram domínio da linguagem própria das redes sociais?	Sempre
	Há regularidade e consistência nas postagens?	Sempre
	O design dos posts revela uso consciente de ferramentas gráficas?	Sempre
	Há adaptação no conteúdo para uso multiplataformas?	Às vezes
	O perfil demonstra conhecer seu público e adaptar a linguagem a ele?	Sempre
	O perfil indica ou referencia fontes digitais?	Às vezes
Pesquisa digital	Há menção à busca por acervos digitais ou uso de bancos de dados online?	Nunca
	O conteúdo traz links, indicações ou sugestões de leitura complementares?	Nunca
	O conteúdo é produzido mediante pesquisa prévia?	Sempre
	O perfil interage com seguidores?	Sempre
Gestão de rede	Há moderação de discussões?	Não se aplica
	Demonstra preocupação com segurança digital?	Sim
	Há sinais de que o perfil pensa a comunidade de seguidores como parte ativa do projeto?	Às vezes

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

\*

Gabriel Graciano de Freitas Neto graduou-se (2017) e tornou-se mestre (2022) em história na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, defendendo a dissertação intitulada “A História em disputa, para além da sala de aula: Thinktanks, YouTube e a disputa pela história e educação no Brasil contemporâneo entre 2014 a 2024”. Para além da dissertação, Gabriel Graciano também elaborou para o mestrado profissional um produto didático com

nome de Caderno Orientativo: Pensamento Crítico em Sala de Aula, buscando capacitar professores na identificação e combate de discursos falaciosos, além de buscar estimular o letramento histórico-digital e a gamificação como estratégias pedagógicas.

Através da análise do seu perfil, foi possível perceber que a sua posição combativa em relação às plataformas digitais e discursos históricos se reflete também em suas postagens e comentários, o que, conforme será possível ver mais adiante, rendeu-lhe a vivência em um dos mais tradicionais fenômenos da produção de conteúdo online: o cancelamento.

Produtor de conteúdo no perfil @comgraciano, possuía 571 posts e 8779 seguidores no momento da realização desta pesquisa. Em sua biografia, também alinhada aos pressupostos do *marketing* digital, apresenta sua formação acadêmica (mestre em ensino de história) e o perfil das instituições em que trabalha. Essa listagem é utilizada para construir uma percepção de competência, posicionando o criador de conteúdo como um profissional de múltiplas atuações e formações.

Sua listagem não é neutra, mas se constitui como um recurso de autoridade que insere o historiador em múltiplos espaços, projetando uma imagem de versatilidade que, na prática, corresponde à uma ampliação do mercado consumidor de seus conteúdos, conforme é possível conferir na figura abaixo:

**Figura 12** - Print Screen do perfil do Instagram do criador Gabriel Graciano (@comgraciano)



Fonte: Perfil do Instagram @comgraciano, 2025

Chama a atenção a maneira como Gabriel se apresenta profissionalmente: professor, historiador e designer, demonstrando uma preocupação do produtor de conteúdo em buscar conhecimentos importantes para a produção de conteúdo efetiva nas redes sociais, em consonância com o que pressupõe a atitude de presença pensada pelo infoprodutor Bruno Leal

Pastor de Carvalho. Para além disso, especificamente em relação ao nosso ofício, Laitano (2020) entende que

A história e os historiadores estão desatualizados, e a sua nova versão depende da incorporação de competências informacionais, do trato com dados e códigos com os quais não estamos habituados – ou melhor, que não nos foram apresentados ao longo de nossa formação (...) (Laitano, 2020, p. 173)

Essa “desatualização”, de acordo com Téo (2018), poderia ser mitigada com a criação de pontes estratégicas com outros campos, como a comunicação e a administração, levando a História a incorporar fundamentos do *marketing*, *design*, gestão de mídias sociais e tendências tecnológicas de forma mais ampla, o que parece ter sido o esforço de Gabriel Graciano ao buscar conhecimentos ligados a uma destas áreas.

Outro aspecto importante é a monetização explícita do perfil. Graciano se diferencia dos demais criadores analisados ao incluir em seu perfil um link de acesso direto para um infoproduto de sua autoria, intitulado “Descomplicando 2024”. Com isso, rompe a fronteira entre a divulgação do conhecimento histórico e a venda de produtos educacionais, inscrevendo a atividade de historiador em uma lógica empreendedora.

**Figura 13** - Print Screen do perfil do infoproduto descomplicando 2024



Fonte: Perfil Hotmart de Gabriel Graciano, 2025

Se, por um lado, essa estratégia reforça a autonomia e viabiliza economicamente a produção de conteúdo, por outro, levanta questões sobre a precarização ocasionada pela plataformação do trabalho docente, em que a legitimidade do historiador passa a depender também de sua capacidade de atuar como empresário de si mesmo. Han (2017) enxerga que, no tempo presente, vivemos em uma sociedade da transparência, onde cada sujeito é seu próprio objeto propaganda e tudo se mensura em seu valor expositivo. Em consequência disso, as coisas, agora transformadas em mercadorias, precisam da exposição para existir.

A plataforma, de forma paradoxal, é um espaço opaco que produz uma sociedade transparente, onde a superexposição é valorizada e o invisível, aquele que não possui valor expositivo algum, não chama a atenção e não possui importância. No espaço da plataforma, portanto, impera a máxima de que “quem não é visto, não é lembrado”, coagindo criadores de conteúdo a expor suas vidas com o objetivo de criar conexão com o público e, conseqüentemente, vender.

Nas publicações fixadas em seu perfil, é possível perceber uma padronização de tipografia e cores, o que pode caracterizar a presença de uma identidade visual. No entanto, essas publicações datam de 2023 e 2024, destoando dos posts mais antigos, que aparecem logo abaixo. Nestas, não há padronização, variando entre fotografias e publicações colaborativas com outros perfis. Assim, é possível afirmar que houve uma mudança em relação a esse aspecto com o passar dos anos, o que se apresentou também na análise das publicações realizadas entre os anos de 2020 e 2022.

Em relação à sua linha editorial, Gabriel realiza produção de conteúdo voltada às provas militares (Esa e Espcex) e ao ENEM. Além disso, constantemente apresenta posicionamentos sobre questões relacionadas ao cotidiano docente, temas sensíveis da história e registros de sua vida pessoal. Em virtude da grande quantidade de posts, não foi possível chegar até a primeira publicação, o que impossibilita precisar se o perfil já iniciou com finalidades profissionais, mas a produção de conteúdo se mantém até os dias atuais, ainda que possua uma frequência menor do que a percebida no intervalo de análise utilizado neste trabalho.

A partir da investigação das postagens do perfil realizadas entre os anos de 2020 e 2022, foi possível perceber um equilíbrio nos formatos utilizados no intervalo em questão. Especificamente no ano de 2021, das 12 publicações analisadas, 4 estavam em formato de *reels*, 4 eram postagens com imagem única no feed e 4 eram carrosséis. Essa versatilidade é um indicativo de um esforço do criador de conteúdo em explorar diversas ferramentas oferecidas pelo *Instagram*, o que pode ser interpretado como uma estratégia de experimentação e adequação às dinâmicas de engajamento da plataforma.

Percebe-se uma intencionalidade relacionada à divulgação pública de conteúdos históricos e a construção de autoridade através das postagens em múltiplos formatos, objetivos presentes em 27 das 36 publicações analisadas. Diante disso, é possível afirmar que o trabalho do historiador no espaço da plataforma não se define apenas pela transmissão de conhecimento acadêmico, mas também pela produção de uma presença performática neste ambiente. Vale salientar também que 8 publicações apresentam como objetivo estabelecer

conexão com o público, o que aponta para um posicionamento do historiador em direção à uma legitimação de sua atuação como infoprofessor, que exerce uma função semelhante a dos influenciadores digitais, mas com enfoque no campo da educação. Essa persona é construída, pois, da mesma maneira que não se nasce um influenciador quando se escolhe trabalhar nas plataformas, atuar como historiador no ambiente digital denota a necessidade de

ser legitimado pelos públicos incluindo, aí, o próprio mercado sobre o qual o influenciador fala ou do qual se aproxima. E é como resultado dessa legitimação que a confiança dos espectadores, leitores e públicos de maneira geral passa a existir e materializar-se nos números (Saad, 2022, p. 22).

A busca pela confiança do público, através de publicações visando o fortalecimento de sua autoridade digital tensiona a própria ideia de autoridade histórica, considerando que o reconhecimento passa a depender não apenas da legitimação acadêmica, mas também da capacidade de se conectar e de compreender as lógicas algorítmicas das plataformas. É possível perceber essa vontade de construir proximidade também na frequência com a qual Gabriel Graciano responde as mensagens que recebe nas suas publicações, estabelecendo diálogo e conferindo ao seu público uma sensação de coparticipação na criação de conteúdo.

Quanto às estratégias de comunicação e de presença digital, observa-se que o historiador recorre frequentemente ao uso de hashtags (presentes em 23 publicações), adota linguagem acessível em todas as postagens analisadas e emprega emojis em 15 delas, evidenciando familiaridade e domínio das dinâmicas próprias das plataformas digitais. Esta é uma das (con)figurações digitais possíveis, que, segundo Laitano (2020), se constitui de “tarefas que demandam tempo, aprendizado e o entendimento de temas que giram em torno do público, da audiência, do mercado e de seus interesses, mas parecem caminhos bastante promissores (Laitano, 2020, p. 181)”. É possível, portanto, afirmar que o perfil @comgraciano possui esse conhecimento relacionado às particularidades da divulgação de conhecimento em plataformas digitais.


A partir do processo de investigação das publicações selecionadas, foi observado um processo de aperfeiçoamento da presença digital do historiador ao longo dos anos. Seu início foi marcado por publicações com imagens ilustrativas e legendas longas, o que tende a gerar uma objeção do público em virtude do “alto” volume de leitura, considerando que as plataformas digitais tendem a formatos mais dinâmicos.

Apesar disso, na legenda de uma publicação datada de 03/04/2020, onde o historiador comemora a marca de 6666 seguidores, há uma menção ao seu início na produção de

conteúdo, bem como às mudanças ocorridas nos dois anos de atividade, conforme figura abaixo:

**Figura 14** - Print Screen de comentários em publicação de @comgraciano datada de 03/04/2020

---

**comgraciano**  Daquela série: NÚMEROS NÃO SÃO PESSOAS. Há pouco mais de 2 anos venho fazendo trabalho nas redes sociais, voltando o objetivo ao ensino: levar informação, conteúdo, crítica e pensamento reflexivo para quem quiser e se interessar. Desse período já inventei, reinventei, mudei, transformei, e tudo está no feed disponível para leitura.

Meu objetivo é simples, não fácil: tornar o conteúdo de ciência humanas mais acessível, e se possível for, desenvolver um raciocínio crítico para a sua realidade e te fazer compreender: você é totalmente responsável pela sua história! A consequência disso é você se garantir de acordo com seus objetivos pessoais, seja um notão no enem, ou aprovação em concursos que tenham história nas disciplinas cobradas.

Nesses dois anos ofertei aulas grátis (muitas vezes dando aula a uma só pessoa, com o mesmo entusiasmos e alegria), cursos grátis (muitas vezes vazios), lives, post, meu tempo em prol disso, enfrentei muito descrédito seja de amigos e familiares próximos ou distantes, alguns nem tão amigos assim (se eu ganhasse 1 real a cada vez que fui chamado de Historiador de Facebook ou filósofo de Facebook ou outra conotação pejorativa, já estaria com a aposentadoria de meus pais garantida), até companheiros de trabalho e entrevistas, que diziam (as vezes ainda dizem) que sou muito novo e não sei de nada ou me falta experiência, ou que não chegarei a lugar algum com as ciências humanas. Não é fácil, essa indiferença é uma grande barreira a ser superada, não sei se todo começo é assim, o meu pelo menos foi (ou está sendo) assim. Hoje talvez esteja encarando um processo de mudança, onde estou sendo ouvido, lido, debatido, comparado, falado (as vezes bem, outras não, faz parte) e me sinto feliz com isso.

Quero destinar esse post para você: que está comigo há muito tempo, ou que chegou agora pouco, você que curte o que proponho aqui, que comenta e tira dúvidas, meu muito obrigado! Conhecimento é poder e eu quero aqui facilitar esse poder a ti! Parafrazeando a música de meu irmão, "por que sonhar é normal da onde eu vim", meu sonho é conseguir levar conhecimento a quem quer ter esse conhecimento. Muito obrigado 🍷

[#historiandocomgra](#)

282 sem

Um aspecto que desperta atenção é a menção do historiador às mudanças, reinvenções e transformações no perfil que ocorreram nos dois anos em que atuou na plataforma do *Instagram*, demonstrando que na prática do trabalho digital este infoproletário por diversas vezes precisou “jogar o jogo” dos algoritmos, constantemente aperfeiçoados em busca de um maior acúmulo de dados dos usuários.

Além disso, apresenta uma faceta das várias reconfigurações deste profissional em seu processo de profissionalização, revelando uma construção da sua identidade como historiador infoprodutor ao mesmo tempo em que busca se consolidar como autoridade na plataforma e criar proximidade com o público utilizando linguagem informal e uma escrita emotiva, típicas das redes sociais.

Essa identidade, no início de sua carreira, foi marcada por aulas e cursos gratuitos, conforme consta na figura acima. Gabriel Graciano não é um caso isolado, mas um dentre tantos historiadores que, mesmo após formados, não conseguiram um emprego na sua área de atuação, passando a oferecer serviços gratuitos para conquistar reconhecimento público e a confiança de sua audiência. O trabalho educacional sem remuneração, dessa forma, é uma espécie de investimento pessoal, considerando que seus serviços não recebiam o dinheiro como moeda de troca, mas engajamento e visibilidade.

O tempo dedicado para a produção de conteúdo, sem qualquer garantia de retorno financeiro, é também um aspecto da exploração no espaço da plataforma. Ainda que o criador de conteúdo não receba diretamente por isso, considerando que o *Instagram* não monetiza os perfis, a plataforma está sendo alimentada com os dados e as interações proporcionadas pelos usuários. Tal situação reforça a precarização do trabalho intelectual, em que o labor do indivíduo é mobilizado em busca de validação social e engajamento online, sem garantias formais de proteção ou reconhecimento material.

Em acréscimo, a incerteza em relação ao retorno, bem como os poucos recursos financeiros para investir inicialmente nesta empreitada, afastam muitos historiadores do uso do *Instagram* com finalidades profissionais, conforme discutido no capítulo inicial desta pesquisa. Apesar de ser necessário um baixo investimento inicial para a produção de conteúdo, são as postagens mais bem produzidas que costumam obter maior engajamento. Assim, ainda que não seja imperativo, é desejável que o infoprofessor invista recursos próprios na plataforma, arcando com todos os ônus financeiros que essa atividade exige, realidade comum aos trabalhadores de aplicativos como *Uber* e *Ifood*.

A despeito de seu esforço, no início de sua carreira enfrentou descrédito dos seus pares em virtude do trabalho exercido nas plataformas digitais, um fenômeno que evidencia a visão

negativa que alguns ainda têm em relação ao infoprodutor. Isso revela a persistente hierarquia simbólica entre as práticas tradicionais e as formas de produção que ocorrem fora dos meios formais, reforçando uma dificuldade de legitimação desse profissional. Mesmo diante de um trabalho consistente de mediação da História, a autoridade produzida na plataforma é frequentemente subvalorizada, sinalizando um conflito entre a lógica acadêmica tradicional e as formas públicas de se fazer história.

Há, também, um teor de preconceito geracional envolvido em seu relato, visto que sua pouca idade e experiência eram motivos de descrédito por outros profissionais. O tempo, tão caro à ciência histórica, é considerado pela sociedade como um fator que, por si só, confere ao sujeito autoridade profissional e respeito. Ao valorizar trajetórias formais e prolongadas, e, ao mesmo tempo, marginalizar sujeitos que buscam inovar e atuar em meios digitais, cria-se uma hierarquia etária, dificultando a inserção dos historiadores recém-formados no mercado de trabalho tradicional, sendo esse um dos fatores que tornam a plataforma uma possibilidade.

O desabafo registrado na legenda da publicação é um relato poderoso, que descreve o início da carreira de muitos historiadores. Nele, fica clara a situação de vulnerabilidade que encontramos no trabalho realizado nas plataformas digitais, sem remuneração, sem garantias e sujeitos ao desprezo dos nossos pares.

No mês de maio de 2025, em publicação datada do dia 05, Gabriel Graciano anuncia a realização de um curso de produção de materiais audiovisuais com o @instadomarcelino, um produtor de conteúdo. A partir de então, os seus conteúdos se tornaram visualmente mais agradáveis e alinhados com as tendências de engajamento da plataforma do *Instagram*, tanto nos carrosséis publicados no feed quanto nos *reels*, que passaram a receber tratamento de áudio para redução de ruídos e edições mais sofisticadas.

O que poderia ser visto como mera adequação estética à lógica da plataforma deve ser compreendido em um sentido mais amplo: trata-se de uma estratégia de sobrevivência e afirmação no espaço digital, sem que isso signifique abandono do rigor histórico. Gabriel mantém o cuidado em preservar a dimensão crítica de sua formação acadêmica, produzindo conteúdos densos, críticos e demonstrando que a reinvenção do historiador na plataforma não precisa significar o esvaziamento do conteúdo.

Os estudos relacionados ao audiovisual para a evolução da sua produção na plataforma levaram Gabriel Graciano a *hitar*. Na *internet*, esse termo é utilizado para caracterizar algum tipo de conteúdo que alcança muitas pessoas e, conseqüentemente, gera altos números de engajamento para o seu criador. No entanto, nem sempre a disseminação de conteúdos para

além da comunidade de seguidores do criador gera uma reação positiva. Ao mesmo tempo em que alcançou seu primeiro “*hit*”, Gabriel também sofreu o seu primeiro cancelamento público.

Infelizmente, com a degradação das fronteiras físicas proporcionadas pelo espaço da plataforma, há também a degeneração da autoridade e o desgaste do respeito ao outro. O excesso de proximidade, criado pela ilusão do anonimato e da distância, afeta a noção de alteridade, produzindo indivíduos centrados em si e indiferentes ao próximo (Han, 2018). O episódio vivenciado por Gabriel Graciano, longe de ser exclusivo, é um receio de grande parte dos criadores de conteúdo, sobretudo daqueles que são ligados ao mercado da educação. Conforme apontado pelos dados dispostos e analisados no formulário do capítulo 1, o medo de sofrer um cancelamento e suas consequências no mundo real afasta muitos historiadores da atuação no espaço da plataforma.

**Figura 15** - Print Screen de comentários em publicação de @comgraciano datada de 24/07/2020





Fonte: Comentários do Instagram @comgraciano, 2020

É possível observar nos comentários, para além de posicionamentos dissonantes e de apoio, ofensas pessoais ao criador de conteúdo, proferidas por pessoas que sequer lhe conhecem. No conforto de suas residências, mas com acesso à comunicação direta com o administrador da conta, sentem-se à vontade para proferir xingamentos diversos. Chama a atenção, em especial, o primeiro deles, cuja mensagem é finalizada com um “vai trabalhar”. Podemos perceber, assim, que para muitos o trabalho em plataformas sequer é reconhecido como tal.

Outro aspecto importante - e possivelmente o maior responsável pelo engajamento da postagem - é o seu conteúdo. No post em questão, Gabriel elaborou um carrossel intitulado “tudo que aprendi com Olavo de Carvalho”, controversa figura tida por muitos como “professor”. Olavo, morto em 2022, tornou-se famoso por meio da produção de cursos online e da produção de livros com forte retórica conservadora e anticomunista. Por essa razão, inclusive, era tido como “guru” bolsonarista, uma espécie de Rasputin do tempo presente,

cujas palavras norteavam e influenciavam diretamente as ações e posicionamentos do então ex-presidente da República.

O aumento da influência da *internet* nas duas últimas décadas tem aprofundado o fetiche pela verdade em uma perspectiva monolítica, como um dado a ser revelado, conforme afirmam Pereira et al (2021). No cenário brasileiro, especificamente, tem emergido um também acelerado processo de negação, responsável por disseminar uma nova postura de relacionamento dos sujeitos com os fatos, difundido através dos mais variados produtos de comunicação e fundamental para a legitimação das informações.

Podemos compreender como características basilares desses regimes que proporcionam vontades de verdade o investimento maciço na desconfiança, na desqualificação de pressupostos já estabelecidos e no ataque aos sujeitos autorizados a controlar esse dizer verossímil, a exemplo do jornalismo e da própria historiografia (Pereira et al, 2021,p 48 e 49). No Brasil, há uma combinação entre a negação da legitimidade da produção do conhecimento histórico com uma postura relativista em relação aos traumas presentes na construção da memória nacional, como a escravidão e os crimes relacionados à ditadura civil militar.

Esse saudosismo relativista encontrou terreno fértil para a sua enunciação no espaço público a partir da eleição do ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro. Ligado aos setores militares, Bolsonaro representou, através de diversos episódios de exaltação ao regime de exceção brasileiro, o descontentamento de uma elite conservadora que enxergou com incômodo os avanços sociais vivenciados pelas classes populares durante os governos Lula e Dilma. Esse grupo buscou, na exaltação deste passado autoritário, o retorno a uma conjuntura que proporcionasse a manutenção dos seus privilégios.

O uso do negacionismo como forma de politizar uma consciência histórica baseada em “fake history” é marcado pela homogeneização das narrativas, excluindo a atuação de grupos subalternos e propagando uma história ancorada na exaltação dos vencedores. Assim, é possível definir o negacionismo como “um conjunto de construções retóricas e de ações visando o convencimento e a persuasão pelo falseamento” (Pereira et al, 2021, p.49). Nesse sentido, a pluralidade de discursos no espaço público, ampliada no espaço da plataforma, embora possua inúmeros pontos positivos, encontra nesses recursos discursivos um hercúleo desafio, tendo em vista que a disseminação dos discursos no mundo digital alcança uma escala que desafia fronteiras.


Uma característica distintiva do estilo de produção de conteúdo de Gabriel Graciano é a presença significativa de postagens de posicionamento sobre questões políticas, o que

demonstra não apenas uma busca por engajamento, mas também um compromisso com o papel social da história, a formação de cidadãos críticos. Além disso, observa-se em seu perfil a publicação de anúncios referentes ao seu desligamento de determinadas instituições de ensino, o que pode estar relacionado a conflitos de valores, sobretudo no que diz respeito à atuação em escolas privadas de perfil conservador, onde a presença de posicionamentos políticos explícitos pode ser interpretada como inadequada em relação à ideologia da instituição. Nesse sentido, o conteúdo produzido não apenas revela sua postura engajada, mas também evidencia os riscos e tensões vivenciados por educadores que se inserem nas plataformas de forma incisiva, se posicionando como agentes públicos de debate.

Em publicação datada de 21/08/2020, Gabriel Graciano justifica seu desaparecimento do *Instagram* em virtude de questões relacionadas à sua saúde mental. No *post*, realizado cerca de 5 meses após o início das medidas de isolamento social em consequência da pandemia de COVID-19, é possível perceber os efeitos do cenário de insegurança sanitária e política vivido no Brasil neste período, considerando que o país estava à mercê de um presidente que constantemente demonstrava desprezo pela questão, difundindo narrativas negacionistas e xenofóbicas na mídia.

É inegável, nesse sentido, que a atuação dos historiadores foi atravessada pelas vicissitudes da pandemia vivenciada no período do recorte temporal estabelecido por essa pesquisa, afirmação que possui amparo na percepção de 89,3% dos respondentes do questionário aplicado e discutido anteriormente, que alegaram sofrer algum tipo de impacto da pandemia de COVID-19 em seus cotidianos laborais. Essa questão reaparece no perfil analisado em publicação realizada no dia 10/12/2020. Nesta, em específico, Gabriel aponta a necessidade de se adaptar às novas realidades de ensino, transformando até mesmo o seu quarto em estúdio improvisado.

**Figura 16** - Print Screen de legenda em publicação de @comgraciano datada de 10/12/2020

 Nesse processo também tive que me adequar as novas realidades de ensino, num primeiro momento com #aulaonline , depois com o #ensinohibrido e expectativas com o futuro de voltar a totalidade de #aulapresencial.

✂ Tive até que transformar uma parte de meu quarto em estúdio improvisado 🤪🎨

Fonte: Perfil do Instagram @comgraciano, 2020

No vídeo da postagem, o criador aparece ministrando aula ao mesmo tempo em que um computador está realizando uma gravação no *software OBS Studio*. Aparecem também dois monitores, iluminação artificial e uma pilha de livros utilizada como suporte improvisado, o que reforça a adaptação mencionada por ele na legenda de sua postagem. Em uma nova postagem, datada de 01/04/2021, Graciano comemora a “finalização” de uma parte do seu “*setup*”, a estrutura tecnológica de *hardware* utilizada por ele em sua atuação virtual. Na imagem aparece um notebook, um computador, um microfone de mesa, dois teclados, dois *mouses*, iluminação artificial e uma mesa digitalizadora, o que permite aos seus seguidores acompanhar sua jornada de profissionalização, endossando o sentimento de comunidade que cresce a partir do momento em que o público se sente parte da trajetória do criador de conteúdo.

A partir do ano seguinte, a atuação do historiador no *Instagram* sofreu um trágico atravessamento em virtude da pandemia: o falecimento da sua mãe, na semana em que receberia a primeira dose da vacina, em consequência do vírus da COVID-19. A perda, anunciada no *Instagram* através de uma publicação realizada em 22/05/2021, impactou profundamente a vida de Gabriel, que em virtude do luto reduziu consideravelmente o seu ritmo de postagens. Essa redução impactou diretamente o seu engajamento, reduzindo sua média de comentários de 27 em 2020 para 10 em 2021.

O trabalho em plataformas, como mencionado anteriormente, inaugura uma nova forma de precarização: o produtor de conteúdo é penalizado pelo baixo engajamento decorrente da interrupção do ritmo de postagens, independentemente de suas motivações. Essa lógica expõe o trabalhador à vulnerabilidade e impacta diretamente sua renda, uma vez que não há qualquer salvaguarda jurídica. Em contraste, o trabalhador formal, protegido pela CLT, tem direito a dois dias consecutivos de ausência legal em caso de falecimento de cônjuge, ascendente, descendente, irmão ou dependente declarado, sem sofrer qualquer prejuízo financeiro. Apesar de ser uma possibilidade para aqueles que não conseguem conquistar oportunidades no mercado de trabalho formal, o trabalho em plataformas desumaniza quem dele depende.

O percurso do infoproletário Gabriel Graciano revela tanto as potencialidades quanto as contradições do trabalho docente em plataformas digitais. Seu investimento inicial em fornecer serviços gratuitos em uma fase marcada pelo descrédito expõe uma precarização estrutural inerente a este espaço: antes de se consolidar como autoridade e monetizar através do seu perfil, o historiador precisa oferecer seu trabalho sem remuneração em troca de visibilidade e engajamento, sendo inserido em uma lógica que transforma o saber em moeda

simbólica. Essa dinâmica, no entanto, embora seja marcada pela vulnerabilidade e desvalorização, para Gabriel também funcionou como vitrine profissional. À medida que expôs seu trabalho e conquistou espaço em instituições de ensino, sua atuação na plataforma se tornou menos frequente, o que permite sugerir que o *Instagram* atuou como um dispositivo de legitimação e de inserção no mercado educacional formal.

**Tabela 8** - Análise de atitude de presença do perfil @comgraciano

Critério	Perguntas norteadoras	Sempre, nunca, às vezes
Elaboração de projeto	Aborda alguma tendência/discussão historiográfica?	Às vezes
	Elabora algum planejamento?	Sempre
	Utiliza uma identidade visual?	Sempre
	Define bem o público alvo?	Sempre
	Realiza alguma abordagem temática?	Sempre
Formação de equipe	Menciona ou deixa transparecer a existência de uma equipe de colaboradores?	Nunca
	Utiliza a interdisciplinaridade?	Nunca
	Sugere divisão de funções?	Nunca
Conhecimento técnico	Os posts demonstram domínio da linguagem própria das redes sociais?	Sempre
	Há regularidade e consistência nas postagens?	Sempre
	O design dos posts revela uso consciente de ferramentas gráficas?	Sempre
	Há adaptação no conteúdo para uso multiplataformas?	Às vezes
	O perfil demonstra conhecer seu público e adaptar a linguagem a ele?	Sempre
Pesquisa digital	O perfil indica ou referencia fontes digitais?	Às vezes
	Há menção à busca por acervos digitais ou uso de bancos de dados online?	Nunca
	O conteúdo traz links, indicações ou sugestões de leitura complementares?	Às vezes
	O conteúdo é produzido mediante pesquisa prévia?	Sempre
	O perfil interage com seguidores?	Sempre
Gestão de rede	Há moderação de discussões?	Às vezes
	Demonstra preocupação com segurança digital?	Sempre
	Há sinais de que o perfil pensa a comunidade de seguidores como parte ativa do projeto?	Sempre

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Pode-se afirmar, portanto, que o perfil @comgraciano cumpre um duplo papel, funcionando como espaço de divulgação e arena de disputas políticas e educacionais. Seu percurso profissional aponta para a necessidade de problematizar a função das plataformas digitais na legitimação de historiadores, pois ao mesmo tempo em que abrem caminhos para a inserção e visibilidade no mercado de trabalho tradicional, impõem ritmos, vulnerabilidades e tensões que precarizam profundamente as condições de trabalho docente no século XXI.

A análise realizada indica que o perfil de Gabriel Graciano cumpre uma função que extrapola a difusão de conteúdos históricos, incorporando postagens de caráter político, vida pessoal e reflexões sobre as suas condições de trabalho. O criador não apenas compartilha conteúdos, mas também evidencia os tensionamentos que atravessam a prática docente em contextos conservadores. Graciano, portanto, assume uma atitude de presença no ambiente digital, ainda que a partir de maneiras distintas das observadas em outros criadores analisados.

\*

O último perfil analisado é o de Livia Brenda da Silva Barbosa, produtora de conteúdo no perfil @moraldahistoriacanal, que contava com 118 posts e 6023 seguidores no momento desta análise. A biografia do perfil possui informações da sua formação acadêmica, cuja graduação e mestrado foram realizadas na UFRN. Sua dissertação, intitulada “Das ribeiras o tesouro, da receita o sustento: a administração da Provedoria da Fazenda Real do Rio Grande (1606-1723)”, também é produto de uma investigação que contempla um recorte local. Essa escolha, no entanto, não reverbera nos conteúdos que produz em seu *program*.

**Figura 17** - Print Screen do perfil do *Instagram* @moraldahistoriacanal



Fonte: Instagram, 2025

Chama a atenção a preocupação da professora em apresentar na sua biografia digital um posicionamento claro: naquele espaço, o usuário encontrará “História baseada em

pesquisa e publicizada com responsabilidade”, conforme é possível observar na imagem acima. A frase, para além de informar os seus seguidores em potencial, também revelam a sua intenção de produzir conteúdos confiáveis, em oposição às narrativas descompromissadas que costumeiramente circulam nas plataformas digitais.

Dentre os criadores analisados, Lívia Barbosa é a que possui o maior grau de titulação, sendo a única, no momento, a cursar um doutorado. No entanto, o Moral da História é o que possui o menor número de postagens, sendo também o segundo menor número em termos de seguidores. É possível perceber, a partir dessas informações, que uma formação acadêmica robusta não se reflete necessariamente em engajamento e alcance nas plataformas digitais. Ainda que o perfil seja administrado por historiadora com sólida formação e reconhecida pelos seus pares, no espaço da plataforma, para obter “sucesso”, é preciso aprender a jogar com as regras próprias do mundo digital.

O Moral da História é também o único perfil cuja imagem é uma logomarca ao invés de uma fotografia da produtora de conteúdo, o que sinaliza um desejo, ainda que inconsciente, de preservação da sua imagem - seja por timidez ou por receio de algum tipo de repercussão negativa para a sua imagem pessoal e/ou profissional. Esse temor esteve presente em 25% dos questionários analisados anteriormente, que sinalizaram evitar o uso profissional do *Instagram* por medo de exposição. Além disso, este é o único perfil que não possui um link de acesso a outras páginas, infoprodutos ou outros projetos.

A conta possui dois destaques com uma curadoria de perfis que produzem conteúdo histórico na plataforma do *Instagram* e *podcasts* com temática histórica, sem, contudo, haver uma padronização de capas com uma identidade visual bem definida. Dentre os perfis analisados, este é o único que não está mais em atividade, tendo seu último *post* sido realizado no dia 07/09/2022.

É sintomático o fato deste perfil ser o único administrado por uma mulher. Apesar de uma intensa procura através de *hashtags*, pedidos de indicações, pesquisa do *google* e tantas outras ferramentas, o Moral da História Canal foi o único perfil de uma historiadora, formada pela UFRN, que produziu conteúdo no recorte temporal proposto por essa investigação. Foram localizados outros perfis, mas todos passaram a produzir conteúdo após o ano de 2022, o que pode indicar um impacto da pandemia de COVID-19, compreendida no intervalo temporal selecionado por mim, na produtividade científica das mulheres<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> GARCIA, Janaina. Produção científica de mulheres despenca na pandemia – de homens, bem menos. UOL, Tilt, Ciência, 26 maio 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/26/pandemia-pode-acentuar-disparidade-entre-homens-e-mulheres-na-ciencia.htm>. Acesso em: 31 ago. 2025.

A historiadora Ana Carolina Gomes, em artigo pertencente à coletânea de Espinosa *et al.* (2021), afirma que

A pandemia exacerba uma desigualdade de gênero na ciência já conhecida. (...) Nesse cenário, que também me afeta pessoalmente como mulher cientista, é que meu olhar tem sido cada vez mais dirigido para a presença de uma legião de mulheres na ciência, e que historicamente têm tido o seu trabalho tornado invisível, obscurecido e desvalorizado epistemologicamente (KELLER, 1983). E, sem buscar heroísmos ou excepcionalidades, é urgente contar mais histórias de cientistas brasileiras, tentando lançar luz às suas experiências, vivências e afetos investidos no fazer científico, apesar das desigualdades (Espinosa et al, 2021, p.600)

O componente de gênero também pode ter exercido influência na escolha da criadora de conteúdo por produzir em um perfil institucional, preservando sua imagem enquanto indivíduo ao optar por não fazer uso de uma conta pessoal, separando o aspecto privado da sua vida do ambiente “público” proporcionado pelas plataformas digitais.

Por essa mesma razão, 13,3% das pessoas que responderam o questionário inicial e já fizeram algum uso do *Instagram* com finalidades profissionais relataram optar pela criação de um perfil profissional ao invés de utilizar suas contas pessoais para assuntos relativos ao trabalho.

O perfil possui uma identidade visual consolidada, apresentando com frequência o uso das cores roxo, amarelo e branco, além da logomarca do canal Moral da História. Há, também, uma padronização em relação aos *layouts* das postagens, que apresentam formatos e modelos semelhantes, o que facilita para os usuários a identificação da autoria das postagens.

A linha editorial do perfil apresenta um compromisso com o aspecto público da história, discutindo questões historiográficas, apresentando fontes para consulta, problematizando efemérides e se posicionando em relação a temas controversos. A tentativa de divulgação histórica, somada a presença de análises acadêmicas, não permite precisar qual seria o seu público alvo, que transita entre acadêmicos da área e pessoas com curiosidade em relação a temáticas históricas.

Devido a pouca quantidade de postagens realizadas no ano de 2020, apenas três, optei por acrescentar 9 publicações datadas de 2021 na composição do escopo de fontes, para alcançar o número de 36 posts submetidos à análise.

Iniciado em 26/06/2020, o Moral da História Canal é um perfil que desde a sua gênese possui finalidades profissionais. Mediante a investigação das postagens realizadas no intervalo temporal estabelecido por mim, foi possível perceber a predileção pelo formato de carrossel, utilizado em 20 das 36 publicações analisadas, além de postagens com imagens

únicas no feed, que constituem 14 publicações. A discrepância em relação ao número de *reels*, apenas dois, reforça a hipótese de que a administradora do perfil é uma historiadora mais reservada, que prefere compartilhar conhecimento através da escrita.

Em sua postagem inicial, Livia Barbosa apresenta suas intenções com o perfil: “analisar temas históricos e correlatos com as ciências humanas e linguagens” sem que existam impedimentos de diálogo com outras áreas. Essa postura está de acordo com os pressupostos da História Pública, que pode ser pensada como um espírito ou uma disposição, por parte dos historiadores, de olhar para a complexidade e para as muitas dimensões da prática de escrever história, buscando a superação da dicotomia entre produção e divulgação do conhecimento.

Esse movimento de ideias e práticas (Caldas, 2018) constroi e apresenta o conhecimento histórico para além dos espaços acadêmicos tradicionais, buscando construir uma ponte entre o método histórico dos historiadores acadêmicos e uma curiosidade histórica insaciável, embora às vezes restrita e impaciente, do público em geral (Zahavi, 2011, p.53).

É possível perceber nas publicações um maior foco na divulgação pública da história, objetivo identificado em 25 postagens analisadas. Essa tendência permaneceu inalterada nos três anos analisados, o que revela uma particularidade do perfil de Livia Barbosa: de acordo com informações presentes em seu currículo Lattes, toda a sua atuação profissional se deu em instituições públicas, tanto como pesquisadora quanto como professora.

A segurança financeira oferecida pela vinculação às instituições públicas possivelmente viabilizou a essa criadora escolher utilizar o seu perfil na plataforma apenas para divulgar conhecimento histórico, sem necessariamente precisar construir uma percepção de autoridade digital e convertê-la em vendas de serviços e infoprodutos. Em acréscimo, a depender do regime de contratação ao qual esteve submetida, há a possibilidade de ter optado pela dedicação exclusiva, o que impede os servidores públicos de obter outras fontes de renda.

Sua vinculação com instituições públicas também pode ser a responsável pelo considerável número de publicações com o objetivo de afirmar um posicionamento, o que esteve presente em 14 postagens. Mediante a segurança do vínculo público, a produtora de conteúdo pôde se posicionar sem receio de represálias e possíveis demissões, assim como ocorreu com o infoprofessor Gabriel Graciano.

Sua identidade infoprofissional, portanto, é a de uma acadêmica que, devido ao seu compromisso com o aspecto social da história, decidiu se aventurar no trabalho em plataforma, assumindo simultaneamente o papel de historiadora e comunicadora. Ao compartilhar seu conhecimento na plataforma digital, não apenas divulga conteúdos

históricos, mas também busca dialogar com um público amplo, tornando a história mais acessível.

Essa escolha evidencia uma consciência sobre a importância das plataformas digitais no tempo presente, ao mesmo tempo em que revela um esforço contínuo de adaptação e reinvenção de sua prática profissional, reafirmando a importância da difusão do conhecimento histórico em um espaço repleto de narrativas descompromissadas com a ciência. Esse empenho com as disputas no espaço da plataforma pode ser observado no post abaixo, em que a criadora se posiciona de maneira contrária ao então presidente da república Jair Bolsonaro:

**Figura 18** - Print Screen de publicação do *Instagram* @moraldahistoriacanal datada de 19/06/2021



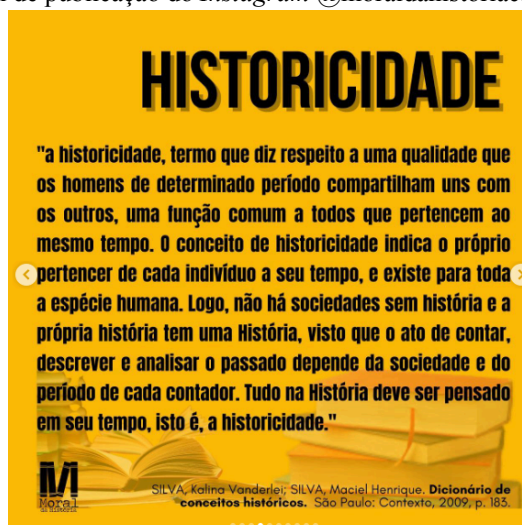
Fonte: Publicação no Instagram @moraldahistoriacanal, 2021.

O fato da criadora possuir uma carreira profissional ligada às instituições públicas se reflete diretamente no uso de estratégias de comunicação e presença digital do perfil que destoam dos outros três criadores analisados.

Livia Barbosa costuma realizar posts com predomínio de texto em detrimento de imagens, além de adotar uma escrita com tonalidade formal. Esta é, possivelmente, um reflexo da influência do formato acadêmico de produção e divulgação do conhecimento na sua trajetória profissional, rigidamente controlado por normativas que visam a padronização da escrita no espaço da academia.

É possível observar essa influência em publicações como a disposta abaixo:

**Figura 19** - Print Screen de publicação do *Instagram* @moraldahistoriacanal datada de 23/03/2021



Fonte: Publicação no Instagram @moraldahistoriacanal, 2021.

É importante apontar, no entanto, que o perfil @moraldahistoriacanal passou por uma transformação significativa no intervalo analisado. Se, de início, predominavam publicações com grande volumes de texto nas imagens e legendas, como a apresentada acima, ainda no ano de 2021 a criadora passou a privilegiar o aspecto visual das postagens, tornando o conteúdo mais atrativo e adaptado às lógicas da plataforma.

Novamente, o *ethos* de experimentação, possivelmente relacionado ao contato com a produção de conteúdo em momento posterior a sua formação inicial, consonante com a percepção dos egressos partícipes do capítulo 1 deste trabalho, se faz presente através das mudanças observadas durante a análise do perfil.

**Figura 20** - Print Screen de publicação do *Instagram* @moraldahistoriacanal datada de 25/05/2021



Fonte: Publicação no Instagram @moraldahistoriacanal, 2021.

Considerando as postagens acima, é possível afirmar que Livia Barbosa é uma historiadora que, por meio da prática contínua e da experimentação, foi gradualmente se apropriando das linguagens, formatos e dinâmicas próprias da plataforma do Instagram. Ao longo do período analisado, observa-se um movimento de adaptação que não implica ruptura com os referenciais acadêmicos de sua formação, mas antes uma tentativa de aproximação do conhecimento acadêmico para um espaço com outras especificidades, estéticas e expectativas de consumo de informação. Esse processo revela uma compreensão progressiva das particularidades comunicacionais da plataforma, o que se reflete na reorganização visual das postagens, na escolha dos formatos e na forma de endereçamento ao público.

Longe de uma motivação mercadológica, uma vez que não se identifica no perfil qualquer esforço voltado à venda de produtos, serviços ou infoprodutos, essas transformações apontam para a busca de uma comunicação mais eficiente e acessível, capaz de ampliar o alcance social do conhecimento histórico sem submeter-se integralmente às lógicas de monetização e autopromoção que caracterizam o capitalismo de plataforma. A melhora no engajamento observada ao longo do tempo parece estar menos associada a estratégias de crescimento artificial e mais vinculada ao aprimoramento da mediação entre conteúdo acadêmico e linguagem digital, o que reforça o caráter público e educativo da atuação da historiadora.

É possível, portanto, afirmar que Livia Barbosa adota, por meio de sua atuação profissional no perfil @moraldahistoriacanal, uma atitude de presença, ainda que em um formato distinto daquele observado nos demais criadores analisados. Sua presença não se ancora na conversão de visibilidade em capital financeiro, em grande medida devido à estabilidade proporcionada pela atuação no setor público, mas se orienta por um compromisso acadêmico, ético e social com a difusão responsável do conhecimento histórico. Nesse sentido, a plataforma é compreendida não como vitrine profissional ou espaço de empreendedorismo de si, mas como uma arena pública de debates, disputas de narrativa e circulação de discursos historicamente fundamentados.

Trata-se, assim, de uma presença digital marcada prioritariamente pela mediação do conhecimento histórico, ancorada em uma seriedade característica do universo acadêmico e em um posicionamento crítico diante de temas sensíveis da história e da vida social. Diferentemente de outras estratégias de atuação, a autoridade que se constrói nesse perfil não é performada ou explicitamente reivindicada, mas emerge da coerência entre formação, posicionamento e rigor na produção dos conteúdos, evidenciando que a atitude de presença pode se manifestar de modos mais comprometidos com a função social da História.

**Tabela 9** - Análise de atitude de presença do perfil @moraldahistoriacanal

Critério	Perguntas norteadoras	Sempre, nunca, às vezes
Elaboração de projeto	Aborda alguma tendência/discussão historiográfica?	Sempre
	Elabora algum planejamento?	Às vezes
	Utiliza uma identidade visual?	Sempre
	Define bem o público alvo?	Às vezes
	Realiza alguma abordagem temática?	Sempre
Formação de equipe	Menciona ou deixa transparecer a existência de uma equipe de colaboradores?	Nunca
	Utiliza a interdisciplinaridade?	Nunca
	Sugere divisão de funções?	Nunca
Conhecimento técnico	Os posts demonstram domínio da linguagem própria das redes sociais?	Às vezes
	Há regularidade e consistência nas postagens?	Às vezes
	O design dos posts revela uso consciente de ferramentas gráficas?	Sempre
	Há adaptação no conteúdo para uso multiplataformas?	Às vezes
	O perfil demonstra conhecer seu público e adaptar a linguagem a ele?	Às vezes
	O perfil indica ou referencia fontes digitais?	Às vezes
	Há menção à busca por acervos digitais ou uso de bancos de dados online?	Nunca
Pesquisa digital	O conteúdo traz links, indicações ou sugestões de leitura complementares?	Às vezes
	O conteúdo é produzido mediante pesquisa prévia?	Sempre
	O perfil interage com seguidores?	Às vezes
	Há moderação de discussões?	Nunca
	Demonstra preocupação com segurança digital?	Sempre
Gestão de rede	Há sinais de que o perfil pensa a comunidade de seguidores como parte ativa do projeto?	Às vezes

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A análise dos quatro perfis selecionados para esta pesquisa permite perceber que a pluralidade da atuação de historiadores no espaço da plataforma *Instagram* não se restringe à simples reprodução de conteúdos históricos, mas assume diferentes feições a depender do contexto em que estes sujeitos estão inseridos. Foi possível observar um processo de ressignificação do ofício e da identidade do historiador do século XXI, que se vê em meio a uma reconfiguração de si para lidar com as demandas laborais do tempo presente, transformando-se em criador de conteúdo, curador de narrativas e empreendedor de si mesmo.

Apesar das significativas diferenças em relação às estratégias, linguagens, recursos e intenções com cada perfil, todos eles se veem em meio a tensão entre a democratização do acesso ao conhecimento histórico e a mercantilização do saber, evidenciando a importância da reflexão sobre a nossa atuação nas plataformas e os limites éticos da nossa profissão.

O que se observa, portanto, é a consolidação de uma nova identidade profissional, marcada pela intersecção entre o conhecimento e o mercado. Se, por um lado, essa reinvenção favorece a ampliação do alcance social da História, por outro também implica em desafios políticos a nossa profissão, que se vê em meio a necessidade de repensar como manter seu compromisso crítico em um espaço estruturado pelas lógicas e demandas do capital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profissão de historiador, desde o princípio, é atravessada por muitos desafios. Atualmente, nossa travessia tem sido marcada pelo advento de tecnologias cada vez mais refinadas no que diz respeito à Inteligência Artificial, o que, para alguns, é motivo de alerta. De acordo com notícia publicada no Blog Café História em 01 de agosto de 2025, um estudo realizado pela Big Tech Microsoft aponta que os historiadores estão entre os profissionais mais suscetíveis à substituição pela IA.

Ouso dizer, no entanto, que apesar das incertezas que um futuro cada vez mais tecnológico nos apresenta, o nosso maior desafio é um velho conhecido. Desvalorização social e financeira, pouca oferta de vagas em concursos públicos, dificuldade de inserção no mercado de trabalho do setor privado, ataques ao conhecimento histórico, discursos negacionistas e a intensa exploração da nossa mão de obra encontram no Capitalismo de Vigilância novos métodos de espoliação. Este sistema, que se remodela de tempos em tempos, sempre encontra uma nova maneira de retirar do trabalhador uma generosa parcela daquilo que ele produz.

Neste novo modelo de exploração, assim como cantou Negra Li em “Não é sério”, o que conseguimos ver é só um terço do problema. O espaço da plataforma é caracterizado pela turbidez e ausência de informações sobre os seus mecanismos e seu funcionamento, influenciando diretamente a nossa capacidade de requerer a proteção dos nossos dados e o devido reconhecimento ao trabalho de produção de conteúdo nas plataformas.

Em virtude da dificuldade já conhecida em relação à atuação do historiador nas salas de aula, nos museus e nos arquivos, a plataformização do trabalho surge como uma alternativa “perfeita”, permitindo que qualquer um produza conteúdo sem a necessidade de grandes investimentos. A partir da neoliberalização da liberdade e mediante a defesa do empreendedorismo de si, as plataformas se apresentam como um espaço meritocrático em que todos podem prosperar, desde que produzam conteúdo de maneira contínua e utilizem estratégias que proporcionem o aumento do engajamento em seu perfil através de salvamentos, comentários, curtidas e compartilhamentos.

No entanto, é necessário discutir não somente as possibilidades, mas também - e principalmente - as condições de atuação neste novo espaço. Para além dos benefícios que o trabalho em plataformas pode oferecer, a atuação autônoma e desprotegida do historiador no meio virtual é cercada de múltiplas problemáticas, ligadas principalmente ao nosso papel

social diante da manipulação algorítmica e da acumulação primitiva de dados realizadas pelas grandes empresas de tecnologia.

O que acontece na prática constantemente destoa das expectativas dos infoprofessores. O trabalho em plataformas precariza a produção intelectual do historiador, que muitas vezes movido pelo desespero ou pela esperança, encontra neste ambiente virtual um espaço para realizar o exercício de suas atividades profissionais.

A ausência de discussões sobre questões trabalhistas nas universidades, responsáveis pela formação inicial desses sujeitos, é também responsável pela dificuldade que possuímos em nos enxergar enquanto trabalhadores. Quando falamos em um historiador, a imagem socialmente construída modela um sujeito taciturno, melancólico e nostálgico, geralmente trancafiado em arquivos ou bibliotecas. Há também a possibilidade de formar-se uma imagem relacionada ao historiador professor, que exerce o seu ofício na sala de aula, construindo conhecimento junto aos seus alunos. Pensar esse indivíduo como trabalhador, no entanto, é uma tarefa com maior complexidade, considerando que não é essa a identidade profissional com a qual temos contato em nossa formação universitária. A imagem do trabalhador é, constantemente, atrelada a um operário, vendedor, atendente de telemarketing ou tantas outras figuras, mas nunca a um historiador. Para estes, o imaginário coletivo reserva a clássica identidade de intelectual, uma construção distante do povo e isolada na paradigmática “torre de marfim”.

Essa dificuldade de projetar em nós mesmos uma identidade laboral restringe também a nossa capacidade de organização, visto que influi diretamente na ausência de uma identidade de classe. Esta, por sua vez, fragmenta a nossa luta por melhores condições de trabalho e fragiliza a formação de uma massa coesa, fazendo de nós, no máximo, um enxame de indivíduos singularizados, conforme aponta Byung Chul Han (2018). Talvez seja possível também relacionar a esse aspecto o fato da regulamentação de nossa profissão ser algo tão recente em nosso país, datando apenas do ano de 2020. Negar a nossa identidade profissional é, sobremaneira, aceitar a manutenção da nossa realidade laboral tal como ela é: exploratória e adoecedora.

Dessa forma, diante da débil capacidade de organização não somente dos historiadores, mas dos trabalhadores de diversas profissões que utilizam as plataformas com finalidades profissionais, as grandes empresas de tecnologia monopolizam os lucros provenientes da exploração da propriedade intelectual e do trabalho desses produtores de conteúdo. Forma-se, assim, a classe dos infoproletários, trabalhadores sem qualquer tipo de lastro jurídico que exercem trabalhos diversos no espaço da plataforma, seja pela esperança de

conquistar uma vida melhor, seja pelo desespero de se verem prontos para exercer uma profissão, mas sem a perspectiva de conquistar uma oportunidade de emprego. O espaço da plataforma, portanto, produz também o historiador da plataforma, influenciando a formação de novas identidades profissionais.

A análise do primeiro conjunto de fontes, os questionários, permitiu concluir que os egressos do curso de História da UFRN enxergam o uso das plataformas com finalidades profissionais como importante, embora acreditem que o suporte formativo oferecido pela graduação, no que diz respeito ao uso consciente e efetivo desse espaço, não foi suficiente. Este fator pode explicar a resistência de alguns em relação ao exercício da profissão no espaço público e nos meios digitais. Além disso, a incipiência das discussões acerca do tema pode ter influenciado também a desistência daqueles que optaram em algum momento por fazer uso dos ambientes virtuais com finalidade profissional, mas encontraram dificuldades e se viram perdidos em meio a um horizonte de oportunidades que não sabiam explorar.

Aqueles que resolveram atuar nas plataformas, seja pela ausência de oportunidades no mundo real, seja pela identificação com essa nova maneira de atuação, se viram em meio a um fenômeno comum às diversas profissões que se digitalizaram: a plataformização. Atuando em um espaço privado, os infoprofessores se viram em meio a uma intensa discussão relativa à pertinência de suas atuações no ambiente virtual. Eles eram parte de um movimento de democratização do conhecimento? Estavam utilizando esse espaço como uma oportunidade ou apenas se rendendo à exploração de sua mão de obra e a mercantilização da educação? Os dilemas são inúmeros, mas a realidade é implacável: no espaço da plataforma não somente a identidade profissional do historiador se transforma, mas também os mecanismos das grandes empresas para a exploração do seu trabalho assumem novas feições, constatando a urgência de uma discussão relativa aos aspectos trabalhistas inerentes à condição de historiador, conforme foi possível concluir à partir do capítulo 2.

Uma vez inseridos nas plataformas digitais, nós, historiadores, adotamos um *ethos* de experimentação, aprendendo através das tentativas, erros e acertos a melhor forma de atuar neste novo ambiente. Os infoproletários personificam a pluralidade da atuação dos historiadores no espaço da plataforma, revelando, simultaneamente, as possibilidades e as contradições da presença do historiador no *Instagram*. Possibilidades, porque permite aumentar o alcance social da História, explorando linguagens mais acessíveis e dialogando com públicos que dificilmente seriam alcançados pela academia, além de ampliar a escala que o nosso trabalho alcança, funcionando como vitrine virtual das nossas atuações e alcançando mais alunos/clientes; Contradições, porque constantemente nos vemos atravessados pela

lógica algorítmica e mercadológica das plataformas, fazendo com que a produção de conteúdo histórico nestes espaços esteja inevitavelmente condicionada às dinâmicas de engajamento, monetização e, em alguns casos, à mercantilização do saber.

Sendo essa realidade cada vez mais comum, retomo a pergunta repetidamente utilizada como recurso discursivo por Silveira (2020): “Que fazer”?

Longe da ambição de encontrar uma solução imediata para um problema tão complexo, busquei neste trabalho apresentar uma reflexão sobre as nuances do trabalho e da atuação do historiador no tempo presente, considerando os desafios intensificados pela ampliação do poder das plataformas digitais em nosso cotidiano. Acredito que o primeiro passo para a transformação dessa realidade é justamente a reflexão e o debate acerca das condições de trabalho que esperam os historiadores atuantes no século XXI.

Como Lucchesi (2014b), defendo que cada geração de historiadores enfrenta seus desafios, construindo o seu legado a partir da reflexão sobre o seu ofício e a redefinição de suas práticas, estabelecendo um diálogo franco com as tensões e os conflitos do tempo histórico em que está inserida.

Isto posto, não se pode negar que o poder cada vez maior das Big Techs é a nossa grande questão do século XXI, impactando a noção de autoria através da inteligência artificial e transformando as nossas formas de trabalho mediante o fenômeno da *plataformização*. Contudo, a história social do trabalho no Brasil é marcada pela informalidade, sendo esta mais a norma que a exceção. Refletir e intervir sobre essa questão requer de nós a clareza de compreender a submissão à precarização não como uma rendição ao capitalismo, mas como uma tentativa de sobrevivência do historiador enquanto membro da classe trabalhadora (Grohmann, 2019).

Esse cenário torna imprescindível a presença de discussões sobre autoria e relações de trabalho desde a nossa formação inicial, nas universidades. Longe de incentivar uma formação que direcione e remodele o nosso trabalho para mais uma forma de precarização, intento visibilizar a necessidade da academia tratar as questões trabalhistas, fomentando a criação de uma consciência de classe que nos permita, enquanto coletivo, lutar por melhores condições de trabalho e subverter a lógica exploratória do capitalismo de plataforma.

Ao observar a atuação de historiadores na plataforma do *Instagram*, tornou-se evidente o surgimento de novas identidades infoprofissionais, caracterizadas pela diversidade de estratégias de posicionamento e objetivos. Essas práticas evidenciam não apenas a pluralidade de caminhos possíveis, mas também o potencial de inserção do historiador em

novos espaços de atuação, atualmente repletos de discursos perigosos à nossa profissão e, sobretudo, à nossa Democracia.

Compreendo, portanto, que a identidade profissional do historiador, hoje, não pode mais ser pensada apenas através da vinculação exclusiva à docência ou à pesquisa acadêmica. Somos sujeitos multifocais. Precisamos articular a erudição do nosso conhecimento acadêmico ao engajamento social, aproximando o conhecimento histórico do grande público através da mediação crítica de informações em uma sociedade intoxicada (Cornellá, 1996), onde o altíssimo fluxo de informações favorece a formação de sujeitos cada vez mais desinformados e sujeitos à manipulação.

Reconhecer essa complexidade é fundamental para pensar novas formas de formação acadêmica que respondam às demandas contemporâneas, evitando que, logo menos, ao invés da tecnologia, sejamos nós e a nossa profissão as vítimas da obsolescência.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leandro Coelho de. Cultura digital e fazer histórico: estudos dos usos e apropriações das tecnologias digitais de informação e comunicação no ofício do historiador. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2012.

AIRES, Aliana Barbosa. De gorda à plus size: a produção biopolítica do corpo nas culturas do consumo – entre Brasil e EUA. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Escola Superior de Propaganda e Marketing. Disponível em: <http://tede2.espm.br/handle/tede/381>. Acesso em: 01 jul. 2025.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O ofício do(a) historiador(a) e os desafios da contemporaneidade. Palestra proferida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte por ocasião da mesa redonda II do X Encontro Estadual de História da ANPUH-RN “20 anos de História: desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade”. Natal, 16 out. 2024.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque; BORGES, Ítalo Nelli. "A gente não vai afrontar o negacionismo no silêncio da academia": ensino de História e os desafios do tempo presente, entrevista com o professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. In: CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque; BORGES, Ítalo Nelli (org.). Ditadura Militar e Ensino de História: práticas, fontes, experiências, reflexões. Santa Maria: Arcos, 2023. p. 335-359.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Apresentação. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

AMARAL, Inês. Ciberespaço: a reinvenção do conceito de comunidade. Caderno de Estudos Mediáticos, v. 5, p. 13-21, 2007.

ANDRADE, Everardo Paiva; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROSA, Rogério; VIANA, Larissa. Em tempos de pandemia, como as/os professoras/es têm lidado com o ensino da

história? In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROSA, Rogério (org.). História Pública em Movimento. São Paulo: Letra e Voz, 2021. p. 125-138.

ANDREJEVIC, Mark. iSpy: surveillance and power in the interactive era. Lawrence: University Press of Kansas, 2007.

ANTUNES, José. Longas jornadas de trabalho: efeitos na saúde. *Psicologia, Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 21, n. 2, ago. 2020. Disponível em: [https://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-00862020000200007](https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862020000200007). Acesso em: 01 jul. 2025.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

\_\_\_\_\_. A nova morfologia do trabalho e as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil dos anos 1990. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, v. XXVII, p. 11-25, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4265/426539991002.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2025.

\_\_\_\_\_. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018. E-book.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERARDI, Franco. Extremo: Crônicas da psicodelfação. São Paulo: Ubu, 2020.

CAIMI, Flávia. Progressão do Conhecimento Histórico. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). *Dicionário de Ensino de História*. Ed. FGV, 2019.

CALDAS, Renan Rubim. Narrativas em movimento - do “Escola Sem Partido” à “Educação Democrática”: a história pública e trajetórias docentes. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018.

CAMPOS, Claudinei da Silva; GONÇALVES, Marcelo Freire. Da economia gig à economia de plataforma: a evolução da economia digital no trabalho humano. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região*, Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 26-41, dez. 2022. Disponível em: <https://revista.trt10.jus.br/index.php/revista10/article/download/524/443/>. Acesso em: 02 jul. 2025.

CARNEIRO, Alexander; FALCÃO, Thiago. Colonialismo de dados e RPGs independentes: práticas de criadores nas plataformas digitais. *Galáxia* (São Paulo), v. 49, p. 1-22, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/BKmZCgRTLK8wps87wrCqNYf/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Revista Transversos*, v. 7, n. 7, p. 35-53, 2016.

\_\_\_\_\_. Onde fica a autoridade do historiador no universo digital? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (org.). *Que história pública queremos? / What public do we want?* São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 167-174.

\_\_\_\_\_. Pesquisa revela que 68,4% dos formados em História estão desempregados ou trabalhando fora da área. *Café História*, 2024. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/pesquisa-mostra-desemprego-em-historia/>. Acesso em: 07 dez. 2024.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. Práticas de espaço. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano 1: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORNELLA, A. *Cómo darse de baja y evitar la infoxicación en Internet*. Extra!-Net. *Revista de Infonomía*, 1996.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. *The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Stanford: Stanford University Press, 2019. 323 p.

DARDOT, P.; LAVAL, C. A Nova Razão do Mundo. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOM Marketing. Entenda como funciona o lançamento de infoproduto. Disponível em: <https://agenciadommarketing.digital/lancamento-de-infoproduto/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

DUFFY, Brooke Erin. The romance of work: gender and aspirational labour in the digital culture industries. *International Journal of Cultural Studies*, v. 19, n. 4, p. 441-457, 2016. DOI: 10.1177/1367877915572186.

ESPINOSA, M. et al. História, historiadores e a pandemia de COVID-19. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 22, p. 588-621, 2021.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra et al. Existe um mercado de trabalho para o historiador? In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROSA, Rogério (org.). *História Pública em Movimento*. São Paulo: Letra e Voz, 2021. p. 17-26.

FARIAS, Silvio; COSTA, Gilson. Resenha de ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018. 325 p. *Novos Cadernos NAEA*, v. 23, n. 2, p. 289-299, maio-ago. 2020. DOI: 10.5801/ncn.v23i2.8518.

FORTES, Alexandre; ALVIM, Leandro Guimarães Marques. Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital. *Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 207-227, maio/ago. 2020.

FREITAS, Itamar. Progressão dos conteúdos históricos em currículos nacionais de países da América, Europa e Ásia (1995-2012). In: \_\_\_\_\_. *Aprender e ensinar História nos anos finais da escolarização básica*. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

FRISCH, Michael. *A Shared Authority: Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History*. Albany: State University of New York Press, 1990.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri; HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha. O cuidado com o corpo e a obrigatoriedade da saúde: sobre hexis e poder na modernidade.

Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, n. 11, p. 4361-4368, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25n11/4361-4368/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

GREENE, Deirdre; JOSEPH, Darin. The digital spatial fix. *TripleC*, v. 13, n. 2, p. 223–247, 2015.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura*, São Cristovão, v. 22, n. 1, p. 106–122, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/12188>. Acesso em: 3 ago. 2025.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.

\_\_\_\_\_. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

\_\_\_\_\_. *Sociedade da transparência*. Trad. Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung Chul-Han. *El País Brasil*, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanhasegundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>. Acesso em: 01 jun. 2024.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. *GEOgraphia*, v. 14, n. 28, p. 8-39, 29 abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13641>. Acesso em: 10 jan. 2025.

INSTAGRAM. Sobre nós. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br>. Acesso em: 10 abr. 2024.

JENKINS, Henry. O que aconteceu antes do YouTube? In: BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a*

mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2205278/mod\\_resource/content/1/Burgess%20et%20al.%20-%202009%20-%20YouTube%20e%20a%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20Digital%20Como%20o%20maior%20fen%C3%B4meno%20da%20cultura%20participativa%20transformou%20a%20m%C3%ADdia%20e%20a%20socieda.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2205278/mod_resource/content/1/Burgess%20et%20al.%20-%202009%20-%20YouTube%20e%20a%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20Digital%20Como%20o%20maior%20fen%C3%B4meno%20da%20cultura%20participativa%20transformou%20a%20m%C3%ADdia%20e%20a%20socieda.pdf). Acesso em: 11 dez. 2024.

JIN, Dal Yong. The construction of platform imperialism in the globalization era. *tripleC: Communication, Capitalism & Critique*, v. 11, n. 1, p. 145–172, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.31269/triplec.v11i1.458>. Acesso em: 03 jul. 2025.

KOSELLECK, Reinhart. *História de conceitos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

LAITANO, Bruno Grigoletti. (Con)figurações do historiador em um tempo marcado pela disrupção tecnológica. *Esboços, Florianópolis*, v. 27, n. 45, p. 170-186, maio/ago. 2020.

LE GOFF, Jacques. *Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente: 18 ensaios*. Trad. Thiago de Abreu e Lima Florêncio; Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIPPOLD, Walter; FAUSTINO, Deivison. Colonialismo digital, racismo e acumulação primitiva de dados. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, v. 14, n. 2, p. 56–78, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/49760>. Acesso em: 17 jul. 2025.

LUCCHESI, Anita. Conversas na antessala da academia: o presente, a oralidade e a História Pública digital. *História Oral*, v. 17, n. 1, p. 52-65, jan./jun. 2014a.

\_\_\_\_\_. Por um debate sobre historiografia digital. *Boletim Historiar*, v.2 n. 02, p. 45-57, mar. /abr. 2014b.

\_\_\_\_\_. SILVEIRA, Pedro Telles da; NICODEMO, Thiago Lima. Nunca fomos tão úteis. *Esboços, Florianópolis*, v. 27, n. 45, p. 161-169, maio/ago. 2020.

LUXEMBURG, Rosa. *The Accumulation of Capital*. New York, NY: Monthly Review Press, 1951.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a história?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 15, p. 27-50, ago. 2014.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, v. 37, n. 74, p. 135–154, jan./jun. 2017.

MARX, Karl. *Grundrisse – manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Trad. Maria Duayer; Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

NICOLAZZI, Fernando. Muito além das virtudes epistêmicas: o historiador público em um mundo não linear. *Revista Maracanan*, [Rio de Janeiro], n. 18, p. 18-34, jan./jun. 2018

\_\_\_\_\_. Os historiadores e seus públicos: regimes historiográficos, recepção da História e História Pública. *História Hoje*, v. 8, n. 15, p. 203-222, jan./jun. 2019.

NOIRET, Serge. História pública digital. *Liinc em Revista*, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015.

OLIVEIRA, Josiane Silva de; NEVES, Ianaira Barreto Souza. Inteligência Artificial, ChatGPT e Estudos Organizacionais. *Organizações & Sociedade*, v. 30, n. 106, p. 397–409, 2023. DOI: 10.1590/1984-92302023v30n0013PT.

OPINION BOX. Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

PAZ, Eduarda. Ser professor na pandemia: impactos na saúde mental. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2021. Disponível em:

<https://www.ufsm.br/midias/arco/saude-mental-professores-pandemia>. Acesso em: 03 jan. 2025.

PEREIRA, Ana Carolina Barbosa; JUNIOR, Edmilson Alves Maia; GUERELLUS, Natália; DAHÁS, Nashla; DE OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues; WANDERLEY, Sônia e Meneses, Sonia. A HISTÓRIA PÚBLICA BRASILEIRA TEM SIDO EFICAZ NO COMBATE AOS NEGACIONISMOS?. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; RODRIGUES, Rogério Rosa. História Pública em Movimento. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2021. p.47-59.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAÚJO, Valdei Lopes de. Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI. Vitória, ES: Milfontes; Mariana, MG: Editora da Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia, 2019.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; ARAÚJO, Valdei Lopes de. Atualismo: pandemia e historicidades no interminável 2020. Estudos Ibero-Americanos, v. 47, n. 1, p. e39802, 2021. DOI: 10.15448/1980-864X.2021.1.39802. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/39802>. Acesso em: 19 maio 2024.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. Trad. Rafael Grohmann. Revista Fronteiras, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020. DOI: 10.4013/fem.2020.221.01. Acesso em: 03 jul. 2025.

POIER, Salvatore. My Boss is An App: an auto-ethnography on app-based gig economy. Émulations, n. 28, p. 23–29, 2018.

POULAIN, Jean Pierre. Sociologia da obesidade. São Paulo: Senac São Paulo, 2013.

ROVAI, Marta. Prefácio. In: MONTEIRO, Livia; LOWANDE, Walter. História pública como prática colaborativa. Alfenas: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2022.

SAAD, B. Comunicação organizacional contemporânea: o paradigma da digitalização. In: AGUIAR, Carlos E. S. & BORGES, Carlise N. Revista Paulus. Dossiê Comunicação organizacional na contemporaneidade: redes digitais e outros desafios. v. 6, n. 12, jul-dez

2022. Disponível em:  
<https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/631/629>. Acesso em: 31 ago. 2025

SADOWSKI, J. When data is capital: datafication, accumulation and extraction. *Big Data & Society*, p. 1–12, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2053951718820549>. Acesso em: 01 jul. 2025.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a História Pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria et al. (orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. Rio de Janeiro: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SCHMIDT, Benito Bisso. Qual a relação entre a História Pública e a profissionalização do historiador? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). *Que História Pública queremos?* São Paulo: Letra & Voz, 2018. 360 p.

SEMESP. Quem somos? Disponível em: <https://www.semesp.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 7 dez. 2024a.

\_\_\_\_\_. IV Pesquisa de Empregabilidade. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/pesquisas/iv-pesquisa-de-empregabilidade/>. Acesso em: 7 dez. 2024b.

\_\_\_\_\_. Pesquisa perfil e desafios dos professores da educação básica no Brasil. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/pesquisas/pesquisa-perfil-e-desafios-dos-professores-da-educacao-basica-no-brasil/>. Acesso em: 23 dez. 2024c.

SILVEIRA, Pedro Telles da. História, técnica e novas mídias: reflexões sobre a História na era digital. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVEIRA, Pedro Telles da. O historiador com CNPJ: depressão, mercado de trabalho e História Pública. *Tempo e Argumento*, v. 12, n. 30, Florianópolis, 2020, p. 1-28. DOI: 10.5965/2175180312302020e0204. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312302020e0204>. Acesso em: 10 maio 2025.

SOARES, Marcelo Chaves. Sexo e corpos plataformizados: neoliberalismo como gestão do desejo em tempos de capitalismo de plataformas. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 15, n. 7, p. 6041–6053, 2023. DOI: 10.55905/cuadv15n7-010. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/1474>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SRNICEK, Nick. *Platform Capitalism*. Cambridge: Polity Press, 2016.

STANDING, Guy. *The Precariat: the new dangerous class*. London: Bloomsbury, 2013.

TÉO, Marcelo Róbson. Desequilíbrio de histórias parte I: um problema do campo das humanidades (?). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, n. 10, v. 23, p. 358- 380, abr. 2018.

THATCHER, Jim; O’SULLIVAN, Dominic; MAHMOUDI, Damir. Data colonialism through accumulation by dispossession: New metaphors for daily data. *Environment and Planning D*, v. 34, n. 6, p. 990–1006, 2016.

VAN DIJCK, José. Datafication, dataism and dataveillance: Big Data between scientific paradigm and ideology. *Surveillance & Society*, v. 12, n. 2, 2014. DOI: 10.24908/ss.v12i2.4776.

\_\_\_\_\_. Governando sociedades digitais: plataformas privadas, valores públicos. *Paulus: Revista de Comunicação da FAPCOM*, v. 6, n. 12, 2023. DOI: 10.31657/rcp.v6i12.632.

Disponível em: <https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revistapaulus/article/view/632>.  
Acesso em: 3 jul. 2025.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. *The Platform Society*. New York: Oxford, 2018.

VIGNOLI, Richele. G. A informação líquida: um conceito para reflexão na Ciência da Informação. *Transinformação*, v. 37, e2514017, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/JCwPBPN79V7KwKMwrxR9XMb/?lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2025.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

ZAHAVI, Gerald. Ensinando história pública no século XXI. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; (orgs.). *Introdução à História pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p.53-64.

ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: Public Affairs, 2019.